



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO - DEDC I- CAMPUS I
COLEGIADO DO CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

LIANE MOREIRA LEITE COSTA

REPERCUSSÕES DA UNIVERSIDADE ABERTA À TERCEIRA IDADE/UNEB
CAMPUS I NA VIDA DOS (AS) IDOSOS (AS): UMA ANÁLISE A PARTIR DAS
PERCEPÇÕES E NARRATIVAS DOS PARTICIPANTES

SALVADOR-BA

2023

LIANE MOREIRA LEITE COSTA

**REPERCUSSÕES DA UNIVERSIDADE ABERTA À TERCEIRA IDADE/UNEB
CAMPUS I NA VIDA DOS (AS) IDOSOS (AS): UMA ANÁLISE A PARTIR DAS
PERCEPÇÕES E NARRATIVAS DOS PARTICIPANTES**

Monografia apresentada à Universidade do Estado da Bahia –
UNEB – Departamento de Educação – Campus I, como requisito
parcial para a conclusão de Curso de Bacharelado em Ciências
Sociais.

Orientadora: Prof. Dra. Carla Liane Nascimento dos Santos

SALVADOR, BA

2023

AGRADECIMENTOS

É certo que a fé e a força divina me trouxeram até aqui, logo, agradeço primordialmente, a Deus que em toda a sua grandeza me sustentou e me fez perseverar.

Agradeço aos meus pais, Paulo e Elizia, meus maiores e melhores exemplos.

Á minha amiga, Taynara pelo apoio e pela irrestrita compreensão nesta árdua jornada.

Aos meus alunos e alunas do reforço escolar, por sempre incentivar e fortalecer o meu crescimento profissional e pessoal com muito afeto.

Aos professores e professoras, em especial, a Patrícia Lessa, por ter me direcionado e ser uma espécie de luz para a escolha dessa temática de pesquisa.

Agradeço a minha orientadora, Carla Liane, pelo aprendizado, pela competência, pelo jeito afável de se relacionar com as pessoas. Serei sempre grata por ter caminhado ao seu lado nesta trajetória.

Agradeço ao coordenador Antônio Jorge e os funcionários da Universidade Aberta Á Terceira Idade pelo acolhimento, receptividade e carinho.

Não posso deixar de estender esses agradecimentos todos os idosos (as) que fazem parte da UATI, em especial, aos participantes da pesquisa pela disponibilidade, dedicação e amor que tiveram comigo.

Muito obrigada de coração!

NÃO SEI

Não sei se a vida é curta ou longa para nós
mas sei que nada do que vivemos tem sentido
se não tocarmos o coração das pessoas.

Muitas vezes basta ser: colo que acolhe
braço que envolve, palavra que conforta
silêncio que respeita, alegria que contagia
lágrima que corre, olhar que acaricia
desejo que sacia, amor que promove.

E isso não é coisa de outro mundo
é o que dá sentido à vida.
É o que faz com que ela não seja nem curta
nem longa demais, mas que seja intensa
verdadeira, pura enquanto durar.

Feliz aquele que transfere o que sabe
e aprende o que ensina”.

CORA CORALINA

RESUMO

O estudo tem por objetivo compreender as percepções dos idosos (as) acerca da sua participação na Universidade Aberta À Terceira Idade na UNEB, no campus I, UNEB. Este estudo foi embasado em pesquisas nas áreas do envelhecimento e da sociabilidade, com foco nos estudos que exploraram a experiência da velhice e a participação em grupos de terceira idade na UATI. A abordagem adotada neste estudo foi qualitativa, visando compreender de forma aprofundada as percepções e vivências dos participantes. O método utilizado foi o estudo de caso, que permitiu uma análise detalhada de um grupo específico. Como procedimentos metodológicos utilizou-se o grupo focal, que proporcionou discussões em grupo sobre o tema, e a entrevista semiestruturada, com 12 participantes da UATI. A percepção da passagem do tempo e do envelhecimento ao longo da vida, assim como o período que antecede a entrada no grupo da terceira idade, revela transformações significativas. Antes, havia uma imagem negativa associada à velhice, marcada por solidão, isolamento, viuvez, problemas de saúde e declínio da autonomia e independência. No entanto, essa percepção se transforma quando as pessoas passam a ter uma visão positiva da velhice, enxergando-a como um período de saúde, afastamento da solidão, aumento das relações sociais, saída do ambiente domiciliar, prazer e amizades. Essa mudança de perspectiva é muitas vezes impulsionada pela participação em grupos de terceira idade e pelas redes de sociabilidade construídas nesses espaços. As relações sociais nos grupos de terceira idade têm como base a construção e o aprimoramento das conexões interpessoais e dos laços sociais existentes, e vão, além disso, se estendendo a atividades de animação socioculturais, como saídas a shoppings, passeios e confraternizações, entre outros eventos. Nesse sentido, a UATI torna-se um grandioso espaço de socialização, onde são estabelecidos e fortalecidos os laços de amizade e companheirismo, propiciando encontros repletos de alegria e diversidade, além de ser um ambiente que revitaliza e renova o processo de envelhecimento.

Palavras-chave: Envelhecimento; Sociabilidade; Universidade Aberta à Terceira Idade.

ABSTRACT

The study aimed to understand the perceptions of the elderly about their participation in the Open University for Seniors at UNEB, on campus I, UNEB. This study was based on research in the areas of aging and sociability, focusing on studies that explored the experience of old age and participation in groups for the elderly at the UATI. The approach adopted in this study was qualitative, aiming to understand in depth the perceptions and experiences of the participants. The method used was the case study, which allowed a detailed analysis of a specific group. As methodological procedures, the focus group was used, which provided group discussions on the subject, and the semi-structured interview, with 12 participants from the UATI. The perception of the passage of time and aging throughout life, as well as the period that precedes entry into the elderly group, reveals significant transformations. Before, there was a negative image associated with old age, marked by loneliness, isolation, widowhood, health problems and a decline in autonomy and independence. However, this perception changes when people start to have a positive view of old age, seeing it as a period of health, moving away from loneliness, increasing social relationships, leaving the home environment, pleasure and friendships. This change in perspective is often driven by participation in groups for the elderly and the sociability networks built in these spaces. Social relationships in senior groups are based on building and improving existing interpersonal connections and social ties, and also extend to sociocultural entertainment activities, such as shopping trips, walks and get-togethers, among others. In this sense, the UATI becomes a great space for socialization, where bonds of friendship and companionship are established and strengthened, providing meetings full of joy and diversity, in addition to being an environment that revitalizes and renews the aging process.

Key Words: Aging; Sociability; University Open to the Third Age.

LISTA DE SIGLAS

UNEB	Universidade do Estado da Bahia
UnATI	Universidade Aberta à Terceira Idade
ONU	Organização das Nações Unidas
PROEX	Pró-Reitoria de Extensão
NAI	Núcleo de Assistência ao Idoso
UATI/UNEB	Universidade Aberta a Terceira Idade da Universidade do Estado da Bahia
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
UATI	Universidade Aberta à Terceira Idade
PNI	Política Nacional do Idoso
OMS	Organização Mundial da Saúde
PNAD	Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílio

LISTA DE QUADROS/TABELAS

Figura 1 - Roteiro de sugestões para o crescimento e fortalecimento da UATI 84

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	09
2 OS CAMINHOS METODOLÓGICOS DA INVESTIGAÇÃO	18
3 SOCIABILIDADE EM MOVIMENTO: INTERAÇÕES E TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS	24
3.1 As dinâmicas de sociabilidade para além da UATI/UNEB.....	33
4 CONSTRUÇÕES SOCIAIS DO ENVELHECIMENTO SOB UMA PERSPECTIVA SOCIOLÓGICA	36
4.1. Construção do Conceito de Velhice.....	40
4.2 Marcos legais e políticas públicas para o envelhecimento ativo: Uma Análise do Contexto Brasileiro.....	43
4.3 As universidades para a terceira idade no Brasil: Uma Breve Retrospectiva Histórica.....	47
5 REPERCUSSÕES DA UATI/UNEB NA VIDA DOS (AS) IDOSOS (AS) PARTICIPANTES: O QUE EVIDENCIAM OS DADOS	50
5.1 Motivações para frequentar a UATI.....	52
5.2 Construções de relações sociais.....	55
5.3 Contribuições da UATI para o bem-estar.....	58
5.4 Os impactos da ausência na UATI.....	60
5.5 Vivências com as demais colegas para além da UATI.....	62
5.6 Mudança/benefício a partir do momento que entrou na UATI.....	65
5.7 Suporte da UATI em momentos de ruptura.....	68
5.8 Estabelecimento de vínculos com os docentes.....	71
5.9 Contribuições da UATI para a vida.....	73
CONSIDERAÇÕES FINAIS	76
REFERÊNCIAS	80
APÊNDICES	
APÊNDICE A- Entrevista Estruturada.....	84
APÊNDICE B- Roteiro de Entrevista Semiestruturada.....	85
APÊNDICE C- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	86

INTRODUÇÃO

O envelhecimento é um tema de grande importância, pois estamos vivendo em uma sociedade cada vez mais envelhecida. É um processo natural e contínuo que ocorre ao longo da vida, caracterizado por mudanças físicas, psicológicas e sociais. É um fenômeno universal que afeta todas as populações e culturas, e se torna cada vez mais relevante à medida que a expectativa de vida aumenta em todo o mundo.

Nesse contexto, é fundamental compreender o envelhecimento para promover uma melhor qualidade de vida para as pessoas idosas, bem como para desenvolver políticas públicas e sociais mais adequadas às necessidades desse grupo populacional. Além disso, é importante desmistificar preconceitos e estereótipos em relação à velhice, e reconhecer a diversidade de experiências e vivências que podem ser observadas nessa fase da vida.

De acordo com a Organização das Nações Unidas (1985), no Brasil considera-se uma pessoa idosa a partir dos 60 anos, devido ao fato da expectativa de vida ser menor, tendo em vista que em países desenvolvidos uma pessoa é considerada idosa a partir dos 65 anos.

A transformação demográfica ocorrida na sociedade brasileira teve como consequência entre outros fatores como a redução da natalidade e o aumento da expectativa de vida. Segundo Neri (2001, p.22), "o envelhecimento populacional reflete a combinação de três fenômenos: redução da natalidade, redução da mortalidade e aumento da expectativa de vida na velhice". Os avanços da medicina e as melhorias nas condições gerais de vida da população elevaram a média de vida do brasileiro.

De acordo com dados divulgados na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC) do IBGE, em 2023, a população nacional está apresentando um constante envelhecimento. Em dez anos, o número de pessoas com 60 anos ou mais passou de 11,3% para 14,7% da população — dado que revela uma importante mudança na estrutura etária da nação brasileira. Em número brutos, esses dados representam um aumento de cerca de 9 milhões de idosos no País. A expectativa é que esse número continue aumentando nas próximas décadas, em decorrência do aumento da longevidade e da diminuição das taxas de fecundidade.

A previsão é de que a população idosa continue aumentando nas próximas décadas, com projeções indicando que em 2060, o Brasil terá cerca de 73 milhões de pessoas com 60 anos ou mais, o que corresponderá a 27% da população total do país. Esse envelhecimento populacional traz desafios para a sociedade em diversos aspectos, como saúde, previdência e mercado de trabalho, exigindo políticas públicas e ações para garantir uma melhor qualidade de vida para essa parcela da população.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), o envelhecimento deve ser vivido de uma forma ativa. Para a OMS há três pilares necessários em que se apoia o envelhecimento ativo: saúde, segurança e participação (OMS, 2005). Nesse contexto, até o ano de 2025, por exemplo, o Brasil será o sexto país com pleno número de idosos/as. Dessa maneira, é preciso que haja projetos que visem à melhora e a continuidade das propostas de saúde e qualidade de vida.

O Estatuto do Idoso brasileiro assinala no art.8º, que “o envelhecimento é um direito personalíssimo e sua proteção um direito social” e no art. 24 que por sua vez, prevê espaços ou horários especiais voltados para os idosos, com finalidade informativa, educativa, artística e cultural, e ao público sobre o processo de envelhecimento.

O processo de envelhecimento deve ser entendido como um fenômeno que ocorre em um contexto social e histórico específico e não pode ser compreendido apenas a partir dos limites biológicos do corpo humano. Desse modo, a senescência é influenciada pelas relações sociais, pelas estruturas, instituições sociais e pelas ideias e representações culturais.

Nota-se que as principais transformações que têm impactado o processo de envelhecimento na sociedade contemporânea são as mudanças nas relações familiares, a crescente medicalização da velhice e o aumento da expectativa de vida. Ademais, o envelhecimento deve ser compreendido em suas dimensões subjetivas, isto é, como um processo que envolve transformações na identidade, na autoimagem e nas relações interpessoais das pessoas idosas.

Com o grande aumento do contingente de idosos nas populações, vem surgindo o aparecimento de novas maneiras de encarar a velhice. Assim, o envelhecimento tem se destacado como uma fase de aprendizado e não mais como período de declínio funcional e perdas. Com isso, as universidades de muitos países ofertam programas educacionais para idosos (CAMÕES,2018).

Neste âmbito educacional, surgiram as Universidades Abertas à Terceira Idade - UnATI, para suprir as necessidades de projetos mais abrangentes para esta faixa etária. Iniciado na França, pelo professor Pierre Vellas, as UnATIs, logo espalharam-se por toda Europa, sendo que a importância desses projetos educacionais passou a ser enfatizada a partir de 1973. O primeiro projeto brasileiro em prol do idoso começou, com a criação da Escola Aberta à Terceira Idade do Serviço Social do Comércio (SESC, CAMPINAS - SP), EM 1977 (ADAMO, 2017).

Nesse sentido, as leis referentes à Política Nacional do Idoso, de 1994 (Lei 8842/94) e ao Estatuto do Idoso, de 2003 (Lei 10.741/03), trouxeram propostas de melhorias para a

educação específica aos idosos, incluindo criação de oportunidades de acesso do idoso à educação, criação de programas voltados ao idoso, adequação de currículos, metodologias ativas e materiais didáticos específicos para esses programas, além da inclusão de temas sobre o processo de envelhecimento e o respeito e valorização da pessoa idosa aos currículos mínimos do ensino formal.

Ante ao exposto, esse trabalho traz como questão central o seguinte problema: Quais as percepções dos idosos acerca das contribuições da UATI, Campus I-UNEB, para as suas dinâmicas de sociabilidade?

Para responder a esse questionamento, delineou-se como objetivo principal da pesquisa, compreender as percepções dos idosos (as) acerca da sua participação na Universidade Aberta À Terceira Idade na UNEB, no campus I. Como objetivos específicos, busca-se ainda: analisar os efeitos das atividades desenvolvidas através da UATI/UNEB no fortalecimento das relações sociais e de lazer dos idosos; compreender as expectativas dos participantes do programa quanto à importância da UATI para sua sociabilidade; propor a partir dos resultados da pesquisa estratégias para o fortalecimento da UATI.

Foi no período da adolescência que a minha relação com as pessoas idosas ficou cada vez mais próxima, visto que no ano de 2015 a minha avó paterna passou a morar comigo e por apresentar a doença de Alzheimer, o meu contato e os cuidados se tornaram mais intensos e afetuosos. Através do convívio com ela, passei a me interessar em estudar sobre a pessoa idosa para além do acometimento da doença. Ao longo da minha adolescência acompanhei a minha avó materna em projetos sociais destinados a pessoa idosa e gradativamente fui percebendo a importância que os mesmos traziam para o bem-estar, autoestima, diminuição de tristeza, solidão e sociabilidade dos membros inseridos nesse projeto.

O interesse pela temática da pesquisa foi motivado inicialmente pela experiência vivenciada no projeto social chamado Conviver destinado à pessoa idosa na cidade de Mata de São João, que tinha como objetivo estimular a participação da pessoa idosa desenvolvendo atividades educativas, recreativas e culturais, como oficinas de artesanato, canto e dança. Nesse sentido, foi possível observar o quanto as atividades realizadas pelo projeto Conviver proporcionavam uma melhoria da autoestima, reforçavam a visão dos idosos enquanto cidadãos ativos estimulavam aspectos cognitivos como, atenção, coordenação, memória e percepção, possibilitando trocas de experiência e sociabilidade com a comunidade matense.

No componente Pesquisas e Práticas Contemporâneas de Sociologia, ministrado pela docente Patrícia Lessa, no quinto semestre, pude perceber que a temática do envelhecimento e suas sociabilidades tinha me afetado de uma maneira diferente e que poderia ser um potencial

tema de pesquisa para um futuro TCC e à medida que as aulas iam avançando, fui tendo curiosidade em conhecer melhor o universo que envolve os processos do envelhecimento relacionados à Universidade Aberta Á Terceira Idade. A partir daí, analisei quais seriam as possibilidades de pesquisa sobre esse tema. Foi associando as ideias com as vivências que tive na cidade de Mata de São João, com o projeto Conviver que obtive uma vontade maior em investigar O Programa Universidade Aberta Á Terceira Idade (UATI), vinculado à Pró-Reitoria de Extensão (Proex) da UNEB, no campus I.

O meu interesse pelo tema de pesquisa se intensificou no semestre 2022.2 quando foi ofertado o estágio I, onde tive a oportunidade de escolher um local de estágio, então foi naquele momento que percebi que era a minha grande chance de me reencontrar e me aproximar da minha maior motivação enquanto estudante e ser humano que é atuar com a pessoa idosa, agora na área da pesquisa.

Iniciei na UATI/UNEB o meu processo de atuação, onde tive a ideia e oportunidade de ministrar aulas de memorização e atividades educativas, a fim de contribuir no processo de autoconhecimento, resgate de memórias, no exercício da atenção, raciocínio, lógica e concentração da pessoa idosa. Ademais, a minha inserção nesse espaço trouxe à tona algo que já pulsava em mim e por vezes se manteve adormecido, que era o desejo de poder trabalhar e ter um contato mais próximo com os idosos.

Nesse contexto, precisei encontrar mais sentido nesse período em que estaria fazendo o estágio, e não queria que a minha passagem fosse monótona, superficial e sem brilho, onde pudesse apenas supervisionar as outras oficinas de maneira distanciada e fria, então, queria que a minha trajetória fosse significativa não apenas para mim, mas também para as alunas e alunos da UATI.

O espaço da UATI se tornou a minha segunda casa, lá eu me sinto acolhida, amada e respeitada para além das diferenças que se manifestam. Nesse contexto, os dias que frequentei esse local foram de completa entrega, amor e dedicação perante a realização do meu ofício, visto que a cada encontro pude ter a certeza que para além de ser um ambiente de ensino e aprendizado é um espaço onde o afeto transborda e faz renascer a oportunidade de ser melhor a cada dia.

As produções acadêmicas necessitam superar as mudanças demográficas, que já são claras quanto à revelação do aumento populacional dos sujeitos idosos, para uma concepção de que esses sujeitos de direitos, além de seres coletivos representados nos dados censitários, também possuem suas singularidades, ou seja, há uma necessidade eminente de pesquisas e estudos na área das Ciências Sociais que ultrapassem a justificativa de pensar a velhice,

direcionada exclusivamente como “fenômeno social em um coletivo de sujeitos”, com “necessidades iguais” e que estas podem ser atendidas dentro da padronização de “políticas públicas eficientes”.

Contudo, há uma necessidade de pesquisas e estudos na área das Ciências Sociais sobre o processo de envelhecimento, devido ao aumento populacional dessa parcela de sujeitos de direitos, sendo necessário destacar que apesar da projeção de numeroso contingente de idosos, nem todos percebem, experimentam e vivenciam a velhice/envelhecimento da mesma forma. Portanto, além de fundamentações e justificativas para a necessidade de a sociedade estar preparada para “lidar com esses velhos”, é fundamental trazermos algumas reflexões e debates no campo das Ciências Sociais acerca da importância da Universidade Aberta À Terceira Idade para a pessoa idosa.

Essa pesquisa apresenta relevância acadêmica, social e cultural acerca da importância de projetos de extensão vinculados às universidades abertas à terceira idade, proporcionada a pessoa idosa, visto que é uma temática necessária para trazer visibilidade ao fenômeno do envelhecimento, sobretudo na área de Ciências Sociais, uma vez que há um déficit de produções nos últimos cinco anos.

O estudo a ser realizado tem a abordagem qualitativa, utilizando como característica a pesquisa exploratória descritiva, tendo como estratégia adotada para a produção dos dados o estudo de caso e como técnicas, o grupo focal e a entrevista semiestruturada e a análise de conteúdo.

Foi realizada uma pesquisa do tipo “Estado do Conhecimento” através da plataforma do Google Acadêmico, a fim de encontrar publicações com base nas categorias de análise (envelhecimento, UATI/UNATI e sociabilidade), onde delimitar como critérios de inclusão, os artigos que obtivessem os descritores e palavras-chave no título, considerando as publicações escritas em língua portuguesa, dos últimos cinco anos, e que por meio do conteúdo do resumo se assemelhassem a minha temática de pesquisa.

Durante a busca na plataforma, encontrei dificuldade em buscar produções realizadas na área das Ciências Sociais, dos últimos cinco anos, que seguissem uma linha parecida com o meu tema de pesquisa. Nesse sentido, foi perceptível ao pesquisar a palavra chave envelhecimento a presença de inúmeras publicações na área da saúde, como por exemplo: Enfermagem, Nutrição, Fisioterapia e Geriatria, além de encontrar também nas áreas de Educação Física, Serviço Social e Psicologia, havendo assim um déficit de produções vinculadas as Ciências Sociais, com enfoque nas Universidades Abertas à Terceira Idade.

No Google Acadêmico, ao introduzir o descritor envelhecimento foi notório a presença de produções acadêmicas voltadas a pandemia da Covid 19, saúde mental, quedas de idosos, doenças crônicas, alterações fisiológicas, sexualidade, aspectos nutricionais, consumo alimentar, obesidade, calcificação óssea, violência entre outras temáticas. Desse modo, é nítido que a categoria do envelhecimento se encontra muito concentrada em eixos de estudos voltados para as ciências biológicas, tornando-se cada vez mais necessário uma abordagem sociológica acerca do envelhecimento.

Apresento os quadros a seguir como resultados sistematizados das buscas realizadas nessa base de dados.

O quadro 1 é composto por quatro produções acadêmicas sendo, três artigos e uma tese, onde todos são produtos dos últimos cinco anos e apresentam o descritor envelhecimento no título. Nesse contexto, os artigos foram publicados em revistas da área de Gerontologia, serviço social e educação, sendo perceptível a ausência de produções na área das Ciências Sociais.

Quadro 1. Envelhecimento

Autor (es)	Título Do Trabalho	Título do Periódico	Tipo de Trabalho	Instituição	Palavras-Chave	Ano
Meire Cachioni; Karina de Lima Flauzino	Ensino e aprendizagem para o envelhecimento no contexto da universidade	Revista Kairós Gerontologia	Artigo	Faculdade de Ciências Humanas e Saúde/FACHS	Envelhecimento; Aprendizagem; Ensino.	2020
Yadira Arnet Fernandez; Nanci Soares; Regina Celia de Souza; Thercius Oliveira Tasso	Reflexões sobre o envelhecimento: contribuições da universidade aberta como estratégia de promoção da saúde	Revista em Serviço Social v. 24 n. 1.2021	Artigo	Universidade de Franca-SP	Envelhecimento; Desafios; Universidade Aberta	2021
Jeniffer Ferreira; José Maria; Cintia Gonçalves; Dante Ogassavara	Diálogo sobre o aprender: envelhecimento e educação não formal	Rev. Educação e Fronteiras, Dourados, v. 13, n. 13, e023003, 2023.	Artigo	Universidade São Judas Tadeu (USJT), São Paulo–SP	Aprendizagem. Educação. Envelhecimento	2023
Wilka Barbosa Dos Santos	Encontros e despedidas: o “envelhecimento ativo” a partir das práticas de mulheres idosas em João Pessoa		Tese	Universidade Federal Da Paraíba	Envelhecimento Ativo; Envelhecimento Feminino; Grupos De Convivência	2021

Fonte: Elaboração Própria (2023)

Na filtragem inicial, o motivo da minha escolha pela tese se constitui por alguns fatores como: ser da área das Ciências Sociais, ter no resumo algumas semelhanças que se relacionam

com a abordagem que pretendo realizar, ter o lócus de investigação correlato e possuir o intuito de compreender as motivações que levam as pessoas idosas a se inserirem e permanecerem em Centros de Convivência destinados à Terceira Idade.

O quadro 2 é composto por seis produções acadêmicas, sendo uma delas uma tese na área de Ciências Sociais, tendo como critérios para a seleção dos mesmos, a presença do descritor UATI nos títulos dos trabalhos, terem sido produzidas nos últimos cinco anos e escritos em língua portuguesa.

Quadro 2. UATI

Autor (es)	Título do trabalho	Título do periódico	Tipo de trabalho	Instituição	Palavras-Chave	Ano
Ana Vitória Lima Ferreira ¹ ; Amanda Leite Novaes; José Fernando Andrade Costa; Suzana Alves Nogueira Souza; Hernandes Machado De Jesus	O envelhe (s)er na voz de quem o vivencia: narrativas de participantes de um programa UATI no semiárido baiano	Revista Concilium, Vol. 22, Nº 1	Artigo	Universidade Estadual de Feira de Santana	Identidade; Envelhecimento; Universidade Aberta à Terceira Idade.	2022
Tarcísio Carvalho da Cruz	A construção social da velhice: um olhar sobre as velhas aposentadas da UATI — Campus II	Anais SIP/Interlinhas Sem. 2019.2	Artigo	Universidade do Estado da Bahia	Capitalismo. Envelhecimento. Velhas Trabalhadoras. UATI.	2019
Patrícia Adriana Silva Freire; Aline Cristina Alves Da Silva; Arlete Lisboa Dos Santos Graia; Maiara Pereira Araújo	O programa universidade aberta à terceira idade e sua contribuição para cidadania do idoso	Seminário Gepráxis, Vitória Da Conquista – Bahia – Brasil, V. 7, N. 7, P. 5567-5578, Maio, 2019	Artigo	Universidade Do Estado Da Bahia	Autoestima; Envelhecimento ativo; Terceira Idade; UATI	2019
Iêda Fátima da Silva	Os saberes comê dispositivo de formação de identidade e reexistência das pessoas idosas no âmbito da universidade aberta a terceira idade (UATI/UNEB)	Anais Seminário Interlinhas 2021 — Fábrica de Letras	Artigo	Universidade do Estado da Bahia	Envelhecimento. Dispositivos. Identidade. Saberes. Reexistência.	2021
Juliana Araújo; Maria Olívia Sobral; Jacilene Santiago; Juliana Bezerra; Rudval Souza da Silva	Desafios do envelhecimento e a participação na universidade aberta à terceira idade: percepção de idosos	Revista baiana enfermagem (2020); 34: e34846	Artigo	Universidade Federal da Bahia	Enfermagem Geriátrica; Envelhecimento; Idoso; Educação; Universidade.	2020

Juliana De Aquino Fonseca Doronin	A velhice e a produção contemporânea de subjetividades: experiências universitárias e educação aberta.		Tese	Pontifícia Universidade Católica De São Paulo Puc-Sp	Velhice/Envelhecimento; Universidade Aberta À Terceira Idade; Políticas Públicas.	2021

Fonte: Elaboração Própria (2023)

Durante a pesquisa da categoria de análise UATI, encontrei dificuldade para localizar produções que envolvessem essa categoria e que de alguma forma dialogassem com o meu tema. Contudo, após, muitas tentativas encontrei quatro artigos que mais se aproximaram da minha temática, todos são dos últimos cinco anos, são escritos em língua portuguesa e pertence à região Nordeste, mais especificadamente do estado da Bahia.

A tese intitulada ``A velhice e a produção contemporânea de subjetividades: experiências universitárias e educação aberta`` foi a produção acadêmica que mais se aproximou desse estudo, uma vez que a autora buscou compreender as percepções da pessoa idosa e as suas experiências no contexto da Universidade Aberta Á Terceira Idade.

O quadro 3 refere-se à categoria da sociabilidade e é composto por duas produções acadêmicas, sendo uma monografia na área da psicologia e a outra é uma dissertação na área da sociologia, onde utilizei como critério de inclusão ser produções dos últimos cinco anos, escritos em língua portuguesa e mantivesse a presença do descritor sociabilidade no título.

A categoria de análise sociabilidade foi a que apresentou maior dificuldade em localizar produções que obtivessem aproximação com minha temática de pesquisa. Desse modo, o quadro três do meu trabalho foi preenchido com apenas duas produções acadêmicas que espelhassem reflexões em diálogo com o campo de pesquisa aqui investigado.

Apesar de encontrar apenas duas produções acadêmicas que espelhavam de forma aproximada minha temática, esse fato não invalida meu trabalho. Pelo contrário, mostra a importância e a originalidade da minha pesquisa, ao explorar um aspecto menos explorado da sociabilidade e preencher uma lacuna de conhecimento.

No final, mesmo diante das limitações encontradas, a pesquisa científica é um processo de descoberta e crescimento, e a dificuldade em encontrar produções acadêmicas afins pode até mesmo indicar uma oportunidade para inovação e contribuição para o campo de estudo.

Quadro 3. Sociabilidade

Autor (es)	Título do trabalho	Área do conhecimento	Tipo de trabalho	Instituição	Palavras-Chave	Ano
Alessandra Thaines	A memória afetiva com a prática da sociabilidade em grupos terapêuticos para obter um envelhecimento ativo.	Psicologia	Monografia	Universidade De Uberaba	Envelhecimento; Sociabilidade; Memória Afetiva.	2022
Yohana Tôrres Monteiro	O "fórró dos velhos" e as reconfigurações do lazer em tempos de pandemia: um estudo sobre o gênero, velhice e sociabilidade	Sociologia	Dissertação	Universidade Federal Do Ceará	Envelhecimento feminino; sociabilidade; fórró dos velhos	2021

Fonte: Elaboração Própria (2023)

No processo de pesquisa para a realização desse Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), encontrei uma dificuldade em realizar o cruzamento de três categorias específicas. Desse modo, não foi possível obter nenhuma produção que tivesse as três categorias de maneira conjunta o que revela o ineditismo da pesquisa havendo assim uma oportunidade de preencher essa lacuna e contribuir para o avanço do conhecimento no campo acadêmico.

A análise dessas categorias era fundamental para o desenvolvimento da minha pesquisa, mas a escassez de produções acadêmicas que abordassem todas as três em comunhão tornou-se evidente. A falta de produções acadêmicas que explorassem a interseção das categorias pode impulsionar a pesquisa para um nível de originalidade, aplicabilidade e impacto significativo.

Através das pesquisas no banco de dados pude inferir que a ausência do cruzamento das três categorias possa ser atribuída a diferentes fatores, como a natureza específica do meu tópico de pesquisa, a disponibilidade limitada de publicações sobre as categorias em questão ou o fato de elas serem áreas de estudo relativamente novas ou menos exploradas, sobretudo na área das Ciências Sociais.

Assim, o presente trabalho se constitui em cinco capítulos. Na sessão I, uma explanação acerca da metodologia; na sessão II, será desenvolvida a categoria de análise sociabilidade; na sessão III, o desenvolvimento da categoria de análise envelhecimento, na sessão IV análise e interpretação dos resultados obtidos na pesquisa, na sessão V, serão abordadas as considerações finais.

OS CAMINHOS METODOLÓGICOS DA INVESTIGAÇÃO

A presente sessão apresenta o trajeto metodológico percorrido para a realização desta pesquisa. Serão apresentados aqui a natureza da pesquisa, o tipo de abordagem, característica da pesquisa, estratégia metodológica, os instrumentos e técnicas de coleta e de análise de dados, o contexto investigado e a caracterização dos participantes da pesquisa.

A natureza desse estudo é do tipo aplicado que segundo Triviños (1987), a pesquisa aplicada é "aquela que tem como objetivo solucionar problemas concretos, mediante a aplicação prática de conhecimentos e técnicas científicas, tendo como finalidade a produção de resultados úteis e aplicáveis". Ainda nessa perspectiva, para Gil (2002), a pesquisa aplicada é "aquela que tem como finalidade gerar conhecimentos para aplicação prática, dirigida à solução de problemas específicos".

Tendo em vista a resposta para o problema de pesquisa e os objetivos propostos por este estudo, a abordagem metodológica utilizada foi a qualitativa. De acordo com Minayo (2010), a pesquisa qualitativa é um tipo de pesquisa que se concentra na compreensão dos processos sociais, culturais e subjetivos, utilizando técnicas como entrevistas, observação e análise documental.

A abordagem qualitativa adota a interpretação dos fenômenos sociais, utilizando-se da subjetividade para a compreensão da ação humana que não pode ser quantificada. Nesse sentido, Minayo e Sanches (1993, p. 244) afirmam:

É no campo da subjetividade e do simbolismo que se afirma a abordagem qualitativa. A compreensão das relações e atividades humanas com os significados que as animam é radicalmente diferente do agrupamento dos fenômenos sob conceitos e/ou categorias genéricas dadas pelas observações e experimentações e pela descoberta de leis que ordenariam o social.

O procedimento metodológico tem como característica ser exploratória e descritiva. Nesse contexto, segundo Cervo e Bervian (2002), a pesquisa exploratória é "aquela que tem como objetivo explorar um tema ou problema de forma preliminar, buscando coletar informações e dados iniciais, que possam ajudar a definir e delimitar o objeto de estudo, identificar lacunas de conhecimento e gerar hipóteses iniciais". Para Gil (2010), a pesquisa descritiva é "aquela que tem como objetivo descrever características de uma população ou

fenômeno, através da coleta de dados e informações, para que se possa chegar a uma compreensão mais precisa e sistemática do objeto de estudo".

A estratégia empregada foi o estudo de caso realizado na UATI, da UNEB, localizada na cidade de Salvador, no Estado da Bahia. Para Yin (1984) o estudo de caso é uma investigação empírica de um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto real, onde múltiplas fontes de evidência são utilizadas e que o estudo de caso surge do desejo de compreender fenômenos sociais complexos, retendo as características significativas e holísticas de eventos da vida real. Na compreensão de Gil (2010), o estudo de caso é uma estratégia de pesquisa que se concentra na análise aprofundada de um caso específico, buscando entender sua complexidade e particularidades, por meio de uma abordagem qualitativa e interpretativa.

Como estratégia de aprimoramento do estudo qualitativo, utilizo como procedimento metodológico a triangulação que possibilita a apreensão de uma dada realidade sob diversos ângulos, considerando, desta forma, a complexidade do objeto de estudo. No contexto do estudo de caso, a triangulação pode ser utilizada para aumentar a validade e a confiabilidade dos resultados obtidos. Isso ocorre porque, ao combinar diferentes métodos e fontes de dados, é possível verificar se os resultados obtidos são consistentes e convergentes, o que aumenta a credibilidade das conclusões do estudo.

Denzin e Lincoln (2005) definem a triangulação de forma mais ampla, considerando ser uma combinação de metodologias diferentes para analisar o mesmo fenômeno, de modo a consolidar a construção de teorias sociais. Para os autores, trata-se de uma alternativa qualitativa para a validação de uma pesquisa que, ao utilizar múltiplos métodos de pesquisa, assegura a compreensão mais profunda do fenômeno investigado.

A triangulação é um método que congrega abordagens metodológicas distintas que por sua vez combina diferentes tipos de técnicas sob uma abordagem teórica, produzindo um conhecimento adicional em relação ao que seria possível adotando uma única perspectiva. Desse modo, foram utilizadas algumas técnicas, como a análise documental, análise sistemática e o grupo focal.

Em relação aos meios para a obtenção dos objetivos da pesquisa utilizo a análise documental. Para Ludke (1986), a análise documental pode se constituir numa técnica valiosa de abordagem de dados qualitativos, seja complementando as informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema. Segundo Minayo (2010) a análise documental é uma técnica de pesquisa que pode ser utilizada para examinar documentos de diferentes tipos, como livros, artigos, registros administrativos, entre outros. A autora enfatiza a importância de se levar em consideração o contexto social e histórico dos documentos

analisados.

Morgan (1997) define os grupos focais como uma técnica de pesquisa que coleta dados por meio das interações grupais ao se discutir um tópico especial sugerido pelo pesquisador. Como técnica, ocupa uma posição intermediária entre a observação participante e as entrevistas em profundidade. Pode ser caracterizada também como um recurso para compreender o processo de construção das percepções, atitudes e representações sociais de grupos humanos (Veiga & Gondim, 2001).

A opção técnica do grupo focal reside no fato de que, conforme Costa (In: Barros; Duarte, 2005, p. 189), “reflete um produto que é um conjunto de percepções e não simplesmente uma relação de perguntas e respostas de um para um”. Nos grupos, se obtêm informações que refletem as experiências das pessoas, pois permitem a inclusão de respostas amplas que se desdobram em outras. A partir daí, é possível analisar o comportamento dos indivíduos participantes e suas necessidades. Ainda nessa compreensão, os grupos focais são um tipo de pesquisa qualitativa que tem como objetivo perceber os aspectos valorativos e normativos que são referência de um grupo em particular. “São na verdade uma entrevista coletiva que busca identificar tendências” (COSTA In: Barros; Duarte, 2005, p. 181). Para Costa, esta técnica busca compreender e não deduzir ou generalizar, tornando-se uma alternativa valiosa para quem quer ouvir, perceber e compreender as experiências e crenças dos participantes de um grupo.

INSTRUMENTOS PARA LEVANTAMENTO DE DADOS

O presente estudo procedeu ao levantamento de dados em campo em duas etapas. A primeira foi realizada técnica do grupo focal a fim de que compreender as diferentes percepções e comportamentos referentes à UATI. No segundo momento foi utilizada como instrumentos de levantamento de dados a entrevista semiestruturada como roteiro para o grupo focal.

A utilização da entrevista semiestruturada justificou-se por se tratar de um instrumento que possibilita o aprofundamento das questões analisadas, isto é, permite a compreensão de quais são as repercussões da UATI na vida dos alunos do programa de uma maneira mais orgânica. Nesse sentido, para Manzini (1991, p. 154), a entrevista semiestruturada está focalizada em um assunto sobre o qual confeccionamos um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista. Para o autor, esse tipo de entrevista pode fazer emergir informações de forma mais livre e as respostas não estão condicionadas a uma padronização de alternativas.

Para a análise de dados foi escolhida a análise de conteúdo, pois busco compreender os significados e sentidos das mensagens, que vão além de uma leitura comum. Na perspectiva de Bardin (1977) a Análise de Conteúdo é, portanto, um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 1977, p. 42). Para Franco (2008, p. 10) a Análise de Conteúdo, se situa “[...] no âmbito de uma abordagem metodológica crítica e epistemologicamente apoiada numa concepção de ciência que reconhece o papel ativo do sujeito na produção do conhecimento”. Completa a autora, que o método tem como ponto de partida a mensagem, seja ela verbal (oral ou escrita), gestual, silenciosa, figurativa, documental ou diretamente provocada.

A análise de conteúdo constitui uma metodologia utilizada para descrever e interpretar conteúdos, conduzindo a descrições sistemáticas, qualitativas ou quantitativas, ajudando a reinterpretar as mensagens e a atingir uma compreensão de seus significados, tudo isso através da definição de categorias atinentes aos objetivos da pesquisa, na qual categorizar significa isolar elementos para, em seguida, agrupá-los (Moraes, 1999; Vergara, 2005).

O grupo focal foi composto por 12 participantes que frequentam as oficinas da UATI regularmente, sendo utilizado como instrumento complementar o roteiro com entrevista semiestruturada.

O formulário da entrevista foi composto por 19 questões sendo as 10 primeiras sobre o perfil socioeconômico das participantes, e as 9 restantes sobre a UATI/UNEB e as percepções das alunas (os) pertencentes ao programa. Para a formulação das questões, foram levados em conta o problema e os objetivos da pesquisa, além das particularidades do grupo estudado. A segunda etapa consistiu na aplicação de uma entrevista semiestruturada relacionando com a técnica do grupo focal.

O CONTEXTO INVESTIGADO

Este estudo teve como lócus de pesquisa a UATI da UNEB, Campus I, em Salvador. A Universidade do Estado da Bahia (UNEB), foi fundada em 1983 e atualmente é estruturada em multicampia, contendo 29 Departamentos em 24 cidades com liderança econômica e política regional na Bahia, vinculada à Secretaria de Educação do Governo do Estado da Bahia,

considerada uma das principais responsáveis no fenômeno de interiorização do Ensino Público Superior.

Inspirada em iniciativas de outras universidades do país, a UNEB, em meados de agosto de 1995, tendo como Reitora a Prof^a Ivete Alves Sacramento e Pró-Reitor de Extensão o Prof. Lourivaldo Valentim da Silva, criaram o Grupo de Trabalho da Terceira Idade (GTTI), a fim de atender idosos com idade a partir de 60 anos adotando políticas governamentais voltadas a promoção do bem-estar do idoso efetivando ações que minimizem os problemas específicos da Terceira Idade. Nesse contexto, a UATI é um programa de extensão universitária que visa proporcionar ao público-alvo a oportunidade de frequentar a Universidade em atividades de extensão com vistas à sua formação continuada; oferecer aos idosos espaços para o exercício da livre expressão de suas potencialidades artísticas e culturais; desenvolver atividades que estimulem a atuação social dos idosos; e preparar os alunos para assumirem seu processo de envelhecimento, resgatando a autoconfiança e autoestima, através de uma formação teórico-prática.

Implantado em agosto de 1995 na forma de Grupo de Trabalho da Terceira Idade – GTTI, o programa atendia, inicialmente, 60 idosos. Em 1998, com a posse da nova reitoria, o GTTI ampliou sua atuação e se transformou em Universidade Aberta à terceira idade – UATI, atendendo atualmente 800 pessoas em Salvador.

No ano de 1997, após crescimento e ampliação do Grupo, passou a se chamar Universidade Aberta à Terceira Idade (UATI), vinculada a Pró-Reitoria de Extensão da UNEB (PROEX), atendendo idosos de ambos os sexos, oriundos dos diversos níveis socioeconômicos e educacionais, objetivando reinserir psicossocialmente os idosos no pleno exercício da cidadania participativa.

O programa oferece os seguintes cursos e oficinas: Dança de Salão, Coral, Yoga, Caminhando para a Transformação, Teatro, Artesanato, Tai-Chi-Chuan, Pilates, Jogos Recreativos, Alongamento na Terceira Idade, Criando Artes, Ginástica com Música, Treinamento de Força, Memórias e Leituras, Hidroginástica, Encontros Interativos, Bordados, Saúde no Envelhecer, Grupo de Oração, Artes, Saúde e Doença, Danças Culturais, Massagem Relaxante e Informática Básica.

A Universidade Aberta À Terceira Idade, no campus I, UNEB, pertence ao ramo de atividade de educação continuada que está associada a ações culturais e de lazer. Os programas ofertam vagas em cursos nas várias áreas do conhecimento, promovendo um espaço de troca, participação e aprendizado.

A Universidade Estadual da Bahia (UNEB) oferece uma opção de aprendizado para a terceira idade. O programa Universidade Aberta à Terceira Idade (UATI) capacita maiores de 60 anos para oficinas de qualificações teóricas e práticas. As atividades são realizadas no Campus I da universidade, no Cabula.

A UATI é um programa de extensão universitária que visa proporcionar ao público-alvo a oportunidade de frequentar a Universidade em atividades de extensão com vistas à sua formação continuada; oferecer aos idosos espaços para o exercício da livre expressão de suas potencialidades artísticas e culturais; desenvolver atividades que estimulem a atuação social dos idosos, proporcionando um ambiente inclusivo e enriquecedor para os idosos, incentivando o desenvolvimento pessoal, intelectual e social, e promovendo uma visão positiva e valorização da terceira idade na sociedade.

CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES

Os critérios de inclusão estabelecidos para o grupo focal foram os seguintes: Ter completado mais de um ano de participação na UATI, estar regularmente matriculado (a) em uma ou mais oficinas oferecidas pela UATI; ter 60 anos ou mais, sendo considerado cronologicamente um (a) idoso (a) de acordo com os critérios da Organização Mundial de Saúde; aceitar pessoalmente participar como sujeito de pesquisa, de forma voluntária, informada e consentida; ter algum tipo de afinidade ou relação com a pesquisadora conduzindo o estudo.

Esses critérios foram estabelecidos para garantir a representatividade do grupo focal, incluindo apenas pessoas que já haviam experimentado uma participação significativa na UATI, demonstrando um nível de envolvimento e engajamento com as atividades oferecidas. Além disso, a faixa etária mínima de 60 anos foi adotada para incluir indivíduos que, de acordo com os padrões internacionais, são considerados idosos. A necessidade de aceitar livremente participar da pesquisa e ter alguma afinidade com a pesquisadora visa garantir um maior comprometimento e uma melhor comunicação e interação durante o processo de coleta de dados.

SOCIABILIDADE EM MOVIMENTO: INTERAÇÕES E TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS

Os gestos que às vezes chamamos de vazios talvez sejam, na realidade, as coisas mais cheias que existem (GOFFMAN, 2011, p. 90).

Esta sessão tem como objetivo analisar as dinâmicas e dimensões da sociabilidade vivenciadas em grupos de idosos relacionando ao contexto da Universidade Aberta À Terceira Idade.

A sociabilidade é mais que uma mera categoria de interação social, esta oferece um frutífero ponto de partida para se examinar as dinâmicas das experiências vividas e seus modos sociais de organização. Entretanto, o conceito de sociabilidade apresenta no campo científico uma dificuldade de conceituação em estudos das Ciências Sociais. Nessa sessão, selecionei alguns autores que buscaram estabelecer horizontes e perspectivas analíticas nesse campo, na tentativa de discutir as dimensões da sociabilidade e assim relacionar ao contexto da Universidade Aberta À Terceira Idade.

De fundamental importância para o desenvolvimento desse estudo é a concepção simmeliana de sociabilidade como uma “forma pura” de ação recíproca (SIMMEL, 1983). Trata-se, evidentemente, de uma apropriação “ideal-típica” – nos termos de Weber (2004) – que fizemos dessa concepção. Nesse sentido, a noção de ação recíproca, que na sociabilidade é tomada como forma pura, diz respeito à interferência mútua das ações de indivíduos em interação. Como a própria expressão sugere, trata-se de algo mais que a simples coexistência de ações paralelas. A ação recíproca implica em um influxo mútuo de vida, de maneira que ocorre dentro de certas formas acordadas e assimiladas como sendo comuns a uma determinada composição de coletivo (SIMMEL, 1999).

Simmel (1983) define sociabilidade como uma forma autônoma ou lúdica de sociação, cujas manifestações não têm propósitos objetivos. Sem conteúdo, nem resultados exteriores, ela depende inteiramente das personalidades entre as quais ocorre. Sua principal característica é o êxito do momento. Desse modo, as condições e os resultados desse processo são exclusivamente determinados pelas pessoas que se encontram em uma determinada reunião social, cujo caráter é determinado por qualidades pessoais, tais como: amabilidade, refinamento, carisma e cordialidade e outras formas de atração.

Para Simmel (idem, ibidem: 168):

(...) “sociedade” propriamente dita é o estar com o outro, para um outro, contra um outro que, através do veículo dos impulsos ou dos propósitos,

forma e desenvolve os conteúdos e os interesses materiais ou individuais. As formas nas quais resulta esse processo ganham vida própria. São liberadas de todos os laços com os conteúdos; existem por si mesmas e pelo fascínio que difundem pela própria liberação destes laços. É isto precisamente o fenômeno que chamamos sociabilidade.

O indivíduo é pressionado, de todos os lados, por sentimentos, impulsos e pensamentos contraditórios, entre as diversas possibilidades de comportamento. Os grupos sociais, em contrapartida, mesmo que mudem com frequência suas orientações de ação, estariam convencidos, a cada instante e sem hesitações, de uma determinada orientação, progredindo assim continuamente. Sendo assim, a partir da inserção do indivíduo em grupo social, suas ações ganham legitimidade pela ação coletiva, diminuindo a insegurança das suas escolhas (Simmel, 2006).

A interação entre os indivíduos, ou seja, a sociedade em geral, diferencia-se na sua forma e conteúdo. Essa interação surge sempre a partir de determinados impulsos ou da busca de certas finalidades. Que podem ser, conforme Simmel (2006), instintos eróticos, interesses objetivos, impulsos religiosos, objetivos de defesa, ataque, jogo, conquista, ajuda, doutrinação e inúmeros outros. Desse modo, fazem com que o ser humano entre, com os outros, em uma relação de convívio, de atuação com referência ao outro, com o outro e contra o outro, em um estado de correlação com os outros. Isso quer dizer que ele exerce efeito sobre os demais e também sofre efeitos por parte deles. Essas interações significam que os portadores individuais daqueles impulsos e finalidades formam uma unidade, mais exatamente, uma sociedade.

Na perspectiva de Simmel (2006) a sociedade é composta das características culturais e de estruturas sociais, institucionais ou não, que fundamentam e guiam o comportamento daqueles que fazem parte deste mundo. Para que o indivíduo que nasce nesse meio o compreenda, ele deverá aprender os aspectos culturais vigentes dessa sociedade. Esse processo de aprendizagem é chamado de sociação.

A sociação é uma forma (que se realiza de inúmeras maneiras distintas) na qual os indivíduos, em razão de seus impulsos e interesses, sejam eles, sensoriais, ideais momentâneos, duradouros, conscientes, inconscientes ou movidos pela causalidade, se desenvolvem conjuntamente em unidades que satisfazem os seus interesses. Transforma indivíduos isolados em formas de ser e estar com o outro e para e contra o outro, formando a base das sociedades humanas (SIMMEL, 2006)

A sociedade é produto da sociação, isto é, agregação dos indivíduos entre si e com os outros que se desenvolve em um contexto social determinado. É a construção permanente entre os indivíduos que se relacionam e também são constitutivas da sociabilidade. O impulso de sociabilidade, em sua pura efetividade, se desvencilha das realidades da vida social e do mero processo de sociação como valor e como felicidade, e constitui assim o que chamamos de sociabilidade.

A Sociabilidade também teve grande influência sobre o chamado interacionismo simbólico, que é uma corrente sociológica originária também da Escola de Chicago. De nossa parte, em alguns momentos, pensaremos exemplos atuais a partir das reflexões de Simmel nesse ensaio (e existem inúmeros exemplos, justamente porque a sociabilidade é uma forma encontrável em diversas situações concretas). No entanto, a própria sociabilidade vivenciada por Simmel, a sociabilidade dos salões da burguesia berlinense da época, será a sua inspiração na escrita deste ensaio. Mais um exemplo da estreita relação entre sua obra e sua biografia.

A trajetória do conceito de sociabilidade permeia duas tipologias básicas: a primeira, como sendo aquela baseada no “interacionismo simbólico” de Goffman (1985), demonstrada nas formas de sociabilidades enquanto possibilidades de construção temporária do próprio social entre estranhos ou atores sociais de condições diversas, em que a interação em si constituiria o principal intuito; e a segunda, em que a sociabilidade adviria da qualidade “intraclassista” de Simmel, ligada à ideia de que tais relações seriam praticadas entre iguais (bairros residenciais marcados por determinada homogeneidade, com certa identidade, onde haveria uma significativa articulação entre sociabilidade e vizinhança ou comunidade).

A sociabilidade, portanto, seria a compreensão do modo como se organiza a sociedade através da associação básica; e a conversação seria uma forma de modalidade básica de sociabilidade, cujo conteúdo não é o propósito, mas o meio pelo qual o vínculo social se mantém enquanto forma. “Assim, através das trocas de palavras, os participantes zelam pela relação em curso, por meio de regras de amabilidade e etiqueta voltadas à circunscrição de qualquer exacerbação das individualidades” (idem, *ibidem*). Nesta perspectiva, por sociabilidade, podemos entender tratar-se de

“O social puro”, forma lúdica arquetípica de toda a socialização humana, sem quaisquer propósitos, interesses ou objetivos que a interação em si mesma, vivida em espécies de jogos, nos quais uma das regras implícitas seria atuar como se todos fossem iguais. (FRUGOLI JR, 2007, p. 09).

A partir do conceito simmeliano de sociabilidade podem ser elencadas algumas características que permitem elucidar a peculiaridade desse modo de relação social para, então, estimar as novas configurações manifestas pela sociabilidade em rede. Para Simmel, a sociabilidade exprime a própria formação de sociedade como um valor, sendo seu exercício caracterizado basicamente "por um sentimento, entre seus membros, de estarem sociados, e pela satisfação derivada disso" (Simmel, 1983, p. 168).

Uma importante característica que faz da sociabilidade uma peculiar forma social é seu caráter lúdico. Trata-se de uma qualidade central para que seja alcançado um mínimo de autonomia diante de outras motivações e interesses que conduzem os indivíduos à vida comum e interativa. A condição lúdica é necessária para que a sociabilidade cumpra seu propósito, considerando que "seu

alvo não é nada além do momento sociável e, quando muito, da lembrança dele" (Idem, p. 170). Não há que se pensar, contudo, na prevalência do lúdico como algo que corresponde a uma espécie de irrealidade. O que ocorre é uma abstração de contextos em que o curso das relações sociais é carregado de densidade. E a matéria prima dessa forma lúdica de interação encontra-se nas qualidades pessoais dos envolvidos, tais como amabilidade, atenção, cordialidade, sensibilidade.

Segundo Simmel "o 'impulso de sociabilidade' extrai das realidades da vida social o puro processo da socialização como um valor apreciado, e através disso constitui a sociabilidade no sentido estrito da palavra". Nesses termos "é compreensível que a pura forma, por assim dizer, a inter-relação interativa, suspensa, dos indivíduos seja enfatizada de maneira mais vigorosa e efetiva" (Idem, p. 169).

É uma interação suspensa diante das outras, na medida em que dispensa qualquer motivação que não o associar-se como tal. Nada se espera além do exercício sociável de estar junto com os outros e das satisfações que são provenientes disso. A confecção de vínculos sociais ergue-se, portanto, sobre os propósitos subjetivos e/ou objetivos que lhe sejam alheios, promovendo formas muito próprias de ação recíproca, distintas, por exemplo, das formas que assumem os contornos de interações econômicas ou políticas. Daí uma série de características que trazem especificidade a esse tipo de relação social.

Na sociabilidade, as qualidades pessoais não devem ser enfatizadas de modo individual, mas de forma coletiva, de modo que a relação entre o indivíduo e os outros, não apresente interesses egoístas, externos ou imediatos, limitando a relevância da personalidade individual e garantindo a legitimidade do outro. Nessas relações sociais não entram personalidades possuem em termos de significações objetivas, significações que têm seu centro fora do círculo de ação, assim como, riqueza, posição social, erudição, fama, capacidades excepcionais e méritos individuais não desempenham qualquer papel na sociabilidade. (SIMMEL, 2006).

Assim, esse caráter objetivo, que gira em torno da personalidade, precisa se separar de sua função como elemento da sociabilidade. O mesmo se dá com o que há de mais puro e profundo na personalidade, no que diz respeito ao que representa de mais pessoal na vida, no caráter, no humor, no destino, não tem qualquer lugar nos limites da sociabilidade.

A discricção, que é a primeira condição de sociabilidade perante o outro, da mesma maneira, é imprescindível com relação a si mesmo, porque sua infração faria com que, em ambos os casos, a forma sociológica artificial da sociabilidade degenerasse em um naturalismo sociológico. Pode-se também falar de uma onda de sociabilidade superior e inferior para os indivíduos. Tanto no momento em que o estar junto se apoia em um conteúdo e em uma finalidade objetivas, como no momento em que o fator absolutamente pessoal e subjetivo do indivíduo aparece sem qualquer reserva, a sociabilidade não é mais o elemento central e formador, mas, no máximo, continua a ser o princípio mais formalista superficial e mediador (SIMMEL, 2006).

Expressando esse princípio a partir do êxito, e não do impulso, torna-se possível formular da seguinte maneira o princípio da sociabilidade: cada indivíduo deve garantir ao outro o máximo de valores sociáveis (alegria, liberação, vivacidade) compatíveis com o máximo de valores recebidos por esse indivíduo.

De acordo com Simmel (2006) a sociabilidade é um espaço sociológico ideal onde o prazer de um indivíduo está ligado ao prazer dos outros. O mundo da sociabilidade é artificial, o único em que a democracia entre os indivíduos é possível sem atritos, por ser um jogo no qual se faz de conta que são todos iguais e, ao mesmo tempo, se faz de conta que cada um é reverenciado em particular. O faz de conta não está contido na dimensão da mentira, devendo ser entendido como ação sociável, como mero instrumento das interações e dos eventos da realidade prática.

Neste mundo sociologicamente ideal, em princípio, ninguém pode encontrar a sua satisfação à custa de sentimentos alheios aos seus. Essa possibilidade é excluída por várias outras formas sociais além da sociabilidade, visto que pode se realizar através do prazer da conversa, da troca, da convivência, nas festas, nas reuniões sociais, nas homenagens, confraternizações possibilitando trocas e fortalecimento de relações. Inspirado pelo conceito desenvolvido por Simmel, é possível pensar os grupos de terceira idade como um espaço de encontro formativo além de ser um espaço de lazer e promoção da qualidade de vida e envelhecimento saudável, utilizando-se em muitos momentos de características lúdicas, que contribui para a formação de novas formas de sociabilidade e fortalecimento das redes de apoio.

Para Simmel (2006), a sociedade pode ser considerada uma das maneiras através das quais a experiência humana pode ser organizada, designando uma rede de relações humanas que se dá em determinado tempo e espaço. Na visão do autor, a sociedade é, portanto, o processo geral e os processos particulares de associação entre indivíduos. Sendo assim, de acordo com Simmel (2006), um dos conceitos que permitem aprofundar a compreensão sobre a forma como a sociedade se organiza é justamente a noção de sociabilidade, que deve ser considerada como um “social puro”, forma lúdica arquetípica de toda a socialização humana, cujo interesse e objetivo é a interação em si mesma. O autor cita como modalidade básica de sociabilidade a conversação, cujo conteúdo não é o propriamente o propósito, mas sim o meio pelo qual o vínculo social se mantém enquanto forma – embora, lembra o autor, o conteúdo da conversa não deva ser desinteressante.

Sendo assim, a sociabilidade é entendida por Simmel (2010) como uma forma específica do processo geral de sociação, caracterizado por ele como a maneira pela qual indivíduos agrupam-se em unidades que satisfazem seus interesses, sejam eles temporários ou duradouros, conscientes ou inconscientes. A sociedade seria, portanto, produto de tal sociação entre indivíduos que interagem entre si e com os outros.

Mais tarde, o conceito de sociabilidade de Simmel foi resignificado pela Escola de Chicago, pioneira ao tomar a cidade como laboratório de análise da mudança social e a formular concepções “especializadas” do social e socializadas do espaço (Frúgoli, 2007). Assim, o conceito adquire uma

abordagem eminentemente empírica, uma consideração de modos, padrões e formas de relacionamento social concreto em contextos de interação e convívio social (Frúgoli, 2007). É contornada, dessa maneira, a sociabilidade no contexto urbano contemporâneo, o que a torna mais concreta e mais precisa, espacialmente.

Com o passar do tempo, a Antropologia veio somar-se a tais considerações, fazendo uso da prática etnográfica. Velho (2001), por exemplo, faz uma crítica ao conceito simmeliano de sociabilidade, dizendo-o preciso em demasia, em um construto que se assemelha a um tipo ideal:

[...] é aquela interação que não está ligada a outras motivações, a outros interesses, que não está determinada por razões econômicas, por razões políticas ou de qualquer outra ordem. Não há interesses, senão a interação em si mesma. É quase uma forma, um tipo ideal que ele vai construir. Você pode perguntar até que ponto isso pode existir – uma situação totalmente despida de algo que seja exterior a ela. Para Simmel existe esse fenômeno que é a sociabilidade pura, numa relação ou em relações em que não estejam envolvidos fatores fora da relação propriamente dita. (VELHO, 2001, P. 203)

Na visão de Velho (2001), a sociabilidade tem recebido outras conotações, significados e usos, aparecendo constantemente relacionada à problemática da vida cotidiana, em temáticas que se aproximam do dia-a-dia, dos acontecimentos e situações não necessariamente ligadas às grandes questões estruturais. Aí se encontraria, segundo o autor, a grande contribuição da Antropologia, na medida em que, nos estudos produzidos nesse campo do conhecimento, são analisados os costumes, o dia-a-dia, o convívio social, as refeições, as festas, os rituais, entre muitos outros objetos, frequentemente relacionados à interação entre indivíduos. Também contribuiu para a discussão, prossegue o autor, a História das Mentalidades, que lida com a sociabilidade, os costumes, a vida cotidiana.

Desta forma, Velho (2001) sugere que:

A sociabilidade em Simmel tem um sentido muito preciso, mas, se você ficar preso exclusivamente à definição que o Simmel deu para sociabilidade no início do século XX, pode perder muita coisa interessante que também é chamada de sociabilidade, e que acho que está muito mais próxima de uma discussão sobre interação, cotidiano e costumes. [...] existe esse nível ou esse conjunto de níveis do dia-a-dia, do cotidiano, da sociabilidade, que são absolutamente fundamentais e, num certo nível, são a base da vida social. [...]. Na verdade, o dia-a-dia, o cotidiano, o microssocial, a interação tem esse potencial enorme que tem sido confirmado na história das ciências sociais. (VELHO, 2001, P. 207)

Também Rezende (2001) apresenta algumas ressalvas com relação ao clássico conceito simmeliano de sociabilidade. Na concepção da autora, Simmel apresenta um mundo sociológico ideal, isolando elementos básicos comuns em qualquer interação social, independentemente de seus conteúdos culturais. Assim, prossegue Rezende (2001), a ideia de modelo já pressupõe, em si, uma distância da experiência concreta. Dessa maneira, nem sempre a sociabilidade alcança, seguindo os termos de

Simmel, a equivalência e o desinteresse, isto é, nem sempre traços subjetivos e interesses se ausentam nesse processo de interação – aliás, o que ocorre é justamente o inverso: as sociabilidades tendem a ser diferenciadas por gênero, idade, classe social, entre outros aspectos (REZENDE, 2001). Mais ainda, continua a autora, não obstante a sociabilidade implique uma associação prazerosa em si mesma, isto não necessariamente anulará a possibilidade de que sejam evidenciadas diferenças ou mesmo que surjam conflitos entre os indivíduos (REZENDE, 2001).

Na História Social e Cultural, por exemplo, também o conceito de sociabilidade é tratado com certa evidência. Thompson e Agulhon são apresentados por Burke (1997) como importantes precursores dessa abordagem. O primeiro autor dedicou-se às sociedades fraternais e o segundo, um dos grandes responsáveis pelo uso corrente da palavra sociabilidade na França, estudou lojas maçônicas e confrarias católicas, além do “círculo burguês” e os cafés (BURKE, 1997). Dentro de tais análises, a sociabilidade poderia ser entendida como a capacidade relacionada à formação de laços e associações entre indivíduos (GONÇALVES, 2007).

Tendo em vista todas as limitações do conceito clássico de sociabilidade, e compreendendo a forma como a teoria social aborda o fenômeno contemporaneamente, utilizo, nesta monografia, uma noção de sociabilidade que, tal como Leite (2006, p. 24) argumenta, refere-se a “processos interativos, representativos e simbólicos, relacionados às experiências vividas que constroem interações”. Assim, o objeto de análise não seria propriamente o espaço em si, mas sim o espaço social, no qual os significados construídos através das ações cotidianas formam uma categoria sociológica (LEITE, 2006).

Simmel classifica a sociabilidade como categoria sociológica, ou seja, uma categoria lúdica de sociação. O “princípio de sociabilidade”, formulado por ele, tem como fundamento o “axioma de que cada indivíduo deveria oferecer o máximo de valores sociais compatível com o máximo de valores que o próprio indivíduo recebe” (idem, *ibidem*: 172).

Esse princípio demonstra a estrutura democrática de toda a sociabilidade, posto que este caráter só se realiza no interior de um determinado estrato social, uma vez que a sociabilidade entre membros de classes sociais muito diferentes é amiúde inconsistente e dolorosa. Assim, “a sociabilidade demanda o mais puro, o mais transparente, o mais eventualmente atraente tipo de interação, a interação entre iguais” (idem, *ibidem*: 173).

Vale ressaltar também que Agier (1999) apresenta o conceito de “sociabilidades alargadas” para compreender o modo como os indivíduos constroem redes mais amplas de relação, com base em vínculos de parentesco, vizinhança, lazer ou associativismo, nas quais se estabelecem níveis intermediários de vida social, situados entre o mundo doméstico de tais cidadãos e as instituições ou macroestruturas mais abrangentes.

Os grupos de convivência, também denominado grupo de terceira idade, são percebidos como uma possibilidade de escolha para o idoso, este pode ser uma das formas de inclusão social da pessoa idosa na sociedade e que os participantes desses grupos reconhecem nesta estratégia o espaço social de lazer, encontros, entre outros. Como descreve Portella (2004), nesses grupos sociais, as pessoas fazem exercícios, usufruem dos momentos de lazer e descontração, adquirem conhecimentos, e trocam ideias e experiências, uma forma de viver com saúde esta etapa da sua vida, lutando contra a estagnação social da velhice. Nesse sentido, a inserção de idosos em atividades sociais tem sido reconhecida como valioso para a qualidade de vida no processo de envelhecimento, tanto pelos idosos, como a sociedade em geral.

Os grupos de terceira idade são caracterizados como uma das principais formas de ações coletivas, que se originam num cenário que apresenta várias crises sociais, para combater a exclusão social da velhice. Os grupos de terceira idade tornam-se uma forma de aprendizagem que auxilia no enfrentamento das condições da velhice e, ao mesmo tempo, são espaços que abrem caminhos para inovar e transformar essa realidade (PORTELLA, 2004).

Os grupos de Terceira Idade são uma forma positiva de serviços para idosos, com a finalidade de promover interação social, ocupação do tempo livre, desenvolvimento de habilidades e oportunidades de aprendizagem, têm crescido de modo substancial e contribuído para uma nova modelo de velhice, com mais saúde, satisfação e alegria de viver (DARWICH,2008).

Os trabalhos desenvolvidos nos grupos de Terceira Idade podem exercer no idoso um poder restaurador da afetividade, da autoestima, da autoconfiança e até um sentimento de capacidade de retorno à atividade produtiva. A sensação de pertencimento, de fazer parte de um grupo, pode ser um importante elemento na construção do envelhecimento do idoso. No que concerne às pessoas idosas, os encontros grupais também têm importância significativa no sentido de promover a reconstrução de sua identidade, que pode estar comprometida, e propiciar o resgate de vínculos familiares e sociais (ZIMERMAN, 2000).

Desta forma, Zimerman (1997) afirma que os grupos são uma boa forma de viabilizar a sociabilidade, pois consiste em uma formação espontânea entre pessoas que se sentem identificadas por algumas características semelhantes entre si, e se unificam quando se dão conta que têm condições de ajudarem reciprocamente. Ainda nesse contexto, muitas vezes estes grupos se formam a partir do estímulo integrador de algum profissional ou instituição que coordena o grupo até que este sinta ter chegado o momento certo de caminhar sozinho, então o profissional se afasta definitiva ou transitoriamente, mantendo-se disponível para o grupo que ele ajudou a formar. Seguindo a trajetória de pensar que o grupo pode ser uma importante ferramenta, no auxílio da resolução de problemas e reconstrução de vidas, quando nos referimos ao envelhecimento, e principalmente a fase da velhice. Surgiram os grupos de terceira idade que se deram devido à elevação da proporção de pessoas idosas, bem como uma maior preocupação acerca da velhice e maior visibilidade dos idosos.

Para Miranda (2008) a participação de idosos em grupos de terceira idade, por opção, proporciona uma mudança no paradigma de velhice enquanto limitação e incapacidade, porque nesses grupos é possível encontrar idosos ativos, autônomos, satisfeitos com sua condição geral e que se relacionam interpessoalmente com outras pessoas de mesma faixa etária ou não. Os idosos convivem com as limitações de sua saúde, contudo elas não os impossibilitam de exercer seu papel de sujeito socialmente ativo, bem como o desenvolvimento da cooperação, sociabilidade, solidariedade e formação de novos laços de amizade.

Os grupos de Terceira Idade se organizam em torno de atividades permanentes que incentivam o convívio e o conseqüente desenvolvimento de habilidades nas relações interpessoais entre seus participantes. À medida que o trabalho em grupo é estruturado segundo interesses comuns, permite o aprendizado de novos conteúdos e viabiliza a troca de experiências, ato de suma importância para combater a marginalização social e contribuir para a participação e a auto realização. O grupo possibilita compartilhar histórias individuais e construir uma história coletiva com base no confronto de valores e ideologias. O grupo, portanto, tem o duplo papel: de coletivizar, tornar comuns as diferenças de cada um, mas também, o de particularizar, tornar único o sujeito idoso. Trata-se de dois movimentos, aparentemente contraditórios, reunidos em volta de dois polos: o primário, que trabalha o indivíduo na inscrição personalista, para saber situar-se, e o secundário, que trabalha no sentido da inserção do idoso na realidade externa (SINGER, 2002).

A oportunidade do idoso de participar de um grupo de terceira idade, por opção, caracteriza-se como uma forma de qualificar as suas relações interpessoais, de conhecer novas possibilidades e a opção de uma maior quantidade de escolhas. Como ressalta Portella (2004), se antes os idosos ficavam em casa, cuidando dos netos, fazendo os afazeres domésticos, dentre outras atividades, agora podem sair desse recinto e passar a frequentar o grupo de terceira idade e, com isso, as oportunidades dos bailes, do exercício físico, dos passeios, das viagens e outras tantas ações que lhes tragam satisfação.

Como analisado por Cabral (1997: 16), os grupos “são lugares onde os idosos tecem relações de proximidade e aconchego caloroso”. A participação dos idosos nos grupos contribui para construção de laços de amizades entre os participantes. Como visto, essa prática de sociabilidade no grupo de convivência é fonte de prazer. Para analisar a questão do lazer como estratégia de sociabilidade essa pesquisa reporta-se a obra de Georg Simmel (1993)¹ com sua importante contribuição teórica, que busca explicar os fatos sociais e históricos através dos fatores psicossociais. Para esse autor, os fenômenos sociais supõem trocas entre os indivíduos, que compartilham ou disputam entre si sentimentos de ódio, de amor e de inveja. Esses elementos psíquicos existem em todas as relações humanas.

Atualmente várias instituições interessadas no tema “sociabilidade e grupos de terceira idade” onde desenvolvem atividades voltadas para idosos, geralmente organizadas em três tipos de projetos:

grupos de convivência, que objetivam expandir a sociabilidade; escolas abertas para a “terceira idade”, que propõem educação permanente, adequada à “terceira fase da vida”, contribuindo efetivamente para a descoberta de novos interesses, novas habilidades e propiciando, inclusive, a reformulação de planos de vida, nos quais os idosos se situam como pessoas participantes e capazes de contribuir para a solução de alguns problemas, quer do seu grupo familiar, quer das comunidades de que fazem parte; e trabalhos com pré-aposentados, envolvendo a circulação de um conjunto de informações que preparam os trabalhadores para as condições de vida que a aposentadoria traz, principalmente sobre as questões de saúde física e mental, mudanças de papéis, questões psicológicas, relacionamentos sociais (Néri 1998; Debert, 1998).

3.1 AS DINÂMICAS DE SOCIABILIDADE PARA ALÉM DO ESPAÇO DA UATI/UNEB

É perceptível que há uma potencialidade para a sociabilidade nos seres humanos, sendo necessário que sejam desenvolvidas ações no sentido de viabilizá-la, até porque, embora o ser humano seja social, não nasce preparado, não nasce pronto para conviver. De outro lado, é preciso entender que a sociabilidade, capaz de prevenir o isolamento social, pode ser anulada em função de transformações na família, morte de parentes, ou até mesmo perdas biológicas, o que geraria incapacidades para estabelecer redes de relacionamentos, tomando-se a sociabilidade com essa capacidade². Nesse sentido, não só é importante conhecer o sentido de sociabilidade, definida por Simmel, 1983 (apud ALVES, 2004, p. 41) como uma “forma lúdica de associação”, o que significa uma forma de interação social que tem seu fim nela mesma, como levar em conta as atividades que se realizam em grupo e as relações que os indivíduos constroem nesses encontros.

Segundo Andrade et al. (2014) participar dos encontros é de grande importância, pois irá proporcionar ganhos para a vida do idoso. O propósito do grupo vai ao encontro da promoção do envelhecimento ativo, da preservação da capacidade e do potencial do indivíduo trabalhando no fortalecimento da autonomia, integração, saúde e socialização. Além de que, participar de atividades programadas para serem desenvolvidas em grupo, faz com que o idoso se sinta pertencente a um espaço no qual seus integrantes se caracterizam pela vontade de envelhecer ativamente.

A possibilidade de ampliar o convívio social, assim como o aumento no círculo de amigos e conhecidos, os passeios, as viagens, os encontros com exercício físico e as horas de lazer vivenciadas entre seus pares, são ações apontadas pelos idosos como o fator determinante na continuidade e permanência no grupo de convivência. Segundo Gáspari e Schwartz (2005), os principais motivos que levam alguns indivíduos a buscar esses programas são a busca por diversão, amigos, mudança na rotina, fuga do isolamento, entre outros.

Os idosos participantes dos grupos de terceira idade podem encontrar lazer fora do âmbito familiar e doméstico. Nesse sentido, e a participação em grupos de terceira idade possui muitos significados para os idosos, frente a enfrentamentos que surgem em suas vidas, como por exemplo:

a morte do marido ou esposa, a aposentadoria, a doença, os problemas familiares, financeiros, Como uma das funções da sociabilidade é o de agrupar pessoas, tendo como elemento central, o prazer do indivíduo juntamente com o prazer dos outros, os grupos de terceira idade são uma importante ferramenta para desenvolver estratégias para viabilizar a execução da sociabilidade.

Estudos que abordam questões sobre grupos de terceira idade ressaltam que a adesão da pessoa a esta prática social provoca mudanças nos participantes de ordem física, emocional e relacional (Ferrigno, 2006; Portella, 2004; Schmidt; Scortegagna; Portella, 2015). A mudança física está relacionada à melhora da disposição geral, incluindo a diminuição das dores. No plano emocional, as alterações ficam por conta da melhora do humor e da sensação de um bem-estar subjetivo, já no plano relacional, idosos que passam a participar de grupos estabelecem contatos sociais e significativos, e aumentam o círculo de convivência, além de estabelecer novas amizades.

O suporte social pode ser definido pela presença ou quantidade de relações sociais gerais ou particulares que um sujeito possui, como relações conjugais, de amizade ou organizacionais. Tais relações possuem um conteúdo funcional que abrange o nível de envolvimento afetivo-emocional ou instrumental. O suporte social é um processo pelo qual outras pessoas podem oferecer informação, aconselhamento ou orientação e é uma função desempenhada pelos membros que compõem uma rede social (ORNELAS, 2008).

A inserção dos idosos em Universidade Abertas à Terceira idade possibilita por um lado, o compartilhamento de sentimentos de alegria, amor, união, compaixão troca de afetos e experiências e por outro, atua como uma rede de suporte, sobretudo nos momentos mais adversos da vida da pessoa idosa que frequenta o espaço da UATI, como por exemplo, em situações de privações, tensões e lacunas emocionais e socioeconômicas, transformando assim as redes de sociabilidade em malhas estreitas onde o vínculo com os demais se fortalecem à medida que um se propõe a colaborar com o outro.

Para conexão entre as redes aconteça é fundamental a estabilidade e continuidade dos relacionamentos, pois só a partir das trocas e da reciprocidade nos relacionamentos entre os indivíduos é que a conexão vai ocorrer e se consolidar. Segundo Elizabeth Both, (1976), a conexão de uma rede pode ser caracterizada em dois tipos. O primeiro denominado de “malha estreita”, significa a elevada frequência de relações existentes entre os membros de uma rede. Ao contrário, o segundo tipo de conexão definido como “malha frouxa”, sugere a baixa frequência de relacionamentos. Apesar de parecer uma definição aparentemente elementar, os tipos de conexão trazem no seu arcabouço uma orientação sobre a influência que a frequência estabelecida entre os membros de uma rede social pode trazer para uma família ou indivíduo. Assim sendo, Elizabeth Both, (1976, p. 77) coloca que:

[...] quando muitas das pessoas que alguém conhece interagem entre si, ou seja, quando a rede dessa pessoa é de malha estreita, os membros desta rede tendem a alcançar um consenso sobre

normas e exercem uma pressão informal consistente uns sobre outros para que se conformem às normas, para que mantenham um contato uns com os outros e, caso necessário, para que se ajudem uns aos outros.

A percepção do envelhecimento ao longo da vida, bem como o período anterior a sua entrada no grupo de terceira idade, mostram mudanças, antes de imagem negativa da velhice (solidão, isolamento, viuvez, problemas de saúde e diminuição de autonomia e independência). E passam a ter uma imagem positiva da velhice (saúde, afastamento da solidão, aumento das relações sociais, saída do ambiente domiciliar, prazer e amizade), quando associada a participação em grupo de terceira idade, a partir da perspectiva da sociabilidade. As relações de sociabilidade, nos grupos de terceira idade, tem seu elemento fundante na prática de exercício físico e se estendem para além deste com atividades de animação sociocultural (domingueiras, passeios, confraternizações, entre outros). Têm como significados espaço de convivência, construção e fortalecimento dos laços de amizades, encontros de alegria e diversão e renovação do viver e envelhecer.

O objetivo dessa sessão é abordar os conceitos fundamentais de velhice e envelhecimento, além de oferecer uma contextualização sobre as políticas públicas direcionadas à população idosa no Brasil.

O aumento da expectativa de vida e a melhoria na saúde da população idosa são conquistas relevantes para a humanidade, graças ao progresso da medicina, avanços em saneamento básico e condições de vida melhores, o envelhecimento tornou-se uma realidade comum, mesmo em países subdesenvolvidos. No entanto, é importante reconhecer que ainda há desafios a serem enfrentados, mesmo que tenhamos avançado nesse sentido.

Conforme Leone; Maia e Baltar (2010) a demografia brasileira sofreu alterações que tiveram início nos anos de 1970, com a migração das famílias da zona rural para a zona urbana, acarretando transformações no estilo de vida da população, com queda na mortalidade infantil e uma diminuição do número de pessoas nas famílias. Com queda da natalidade, têm início as modificações na estrutura etária da população brasileira. Nesse cenário, a demografia brasileira sofreu diversas mudanças nas últimas décadas, especialmente quanto à inversão da pirâmide etária, com os idosos em maior número.

Segundo Renato Veras (2007):

“O Brasil é um jovem país de cabelos brancos. Todo ano, 650 mil novos idosos são incorporados a população brasileira, a maior parte com doenças crônicas e alguns com limitações funcionais. Em menos de 40 anos, passamos de um cenário de mortalidade próprio de uma população jovem para um quadro de enfermidades complexas e onerosas, típicas da terceira idade, caracterizado por doenças crônicas e múltiplas, que perduram por anos com exigência de cuidados constantes, medicação contínua e exames periódicos. O número de idosos passou 3 milhões em 1960, para 7 milhões, em 1975, e de 17 milhões em 2006- um aumento de 600% em menos de cinquenta anos.” (VERAS, 2007, p. 2464).

O envelhecimento populacional é um fenômeno que acontece em ritmo acelerado em todos os países do mundo. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística -IBGE (2010), atualmente no Brasil há mais de 26 milhões de pessoas idosas - cerca de 13,7% da população o total, com idade acima de 60 anos. Conforme estimativas, os idosos farão parte de um grupo maior que o de crianças com até 14 anos, em 2030. E, em 2055, estima-se que o número de idosos será maior que o de crianças e jovens com até 29 anos. Observa-se que, em 2025, serão 64 milhões de velhos e, em 2050, um em cada três brasileiros será idoso, representando aproximadamente 29,7% da população. Esta nova configuração demográfica promoveu um novo olhar sobre o envelhecimento e a velhice, modificando as relações deste contingente populacional.

Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua), divulgados, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2022 a população com 65 anos ou mais no Brasil representa 10,5% do total em 2022, visto que em dez anos, houve um aumento da proporção dos idosos no total da população, porque em 2012, o percentual era de 7,7%.

As transformações demográficas ocorridas na sociedade brasileira se deram, entre outros fatores, pela redução da natalidade e o aumento da expectativa de vida. De acordo com Neri (2001, p.22), "o envelhecimento populacional reflete a combinação de três fenômenos: redução da natalidade, redução da mortalidade e aumento da expectativa de vida na velhice". Os avanços da medicina e as melhorias nas condições gerais de vida da população elevaram a média de vida do brasileiro. As pessoas estão vivendo mais, conseqüentemente, os idosos tendem a compor uma porcentagem cada vez maior da população.

Esse aumento expressivo da população idosa se reflete, principalmente, no crescimento das demandas econômicas e sociais, ou seja, o envelhecimento populacional embora seja reconhecido como uma importante conquista para a humanidade, na medida em que as pessoas passaram a viver mais, representa também um desafio para as políticas públicas, no sentido de possibilitar que, mais do viver muitos anos, as pessoas possam vivê-los com qualidade. Isso exigirá modificações tanto no âmbito das políticas públicas e privadas de cunho social quanto dos seus programas. Por tanto, a questão do envelhecimento humano não pode ser considerada apenas como uma questão demográfica trata-se também, de uma questão social e política. Sobre esse desafio Mascaro afirma que:

"O Brasil deverá, portanto, enfrentar um grande desafio decorrente do crescente envelhecimento populacional. Diante desse panorama, podemos perceber que a sociedade brasileira precisa urgentemente se organizar para solucionar, principalmente, os problemas relacionados à área da saúde e previdência social. Num país em desenvolvimento como o nosso, carregado de contrastes, envelhecer bem, com boa qualidade de vida, é ainda um privilégio. (Mascaro, 2004, p. 10)

A realidade é essa, está posta e é irreversível, como afirmou (PEREIRA, 2013), portanto, a sociedade precisa se adequar a ela, e não o contrário. As estimativas da Organização Mundial de Saúde (OMS) é que, até 2025, o Brasil será o sexto país do mundo com o maior número de pessoas idosas, quando deve chegar a trinta e dois milhões de pessoas com 60 anos ou mais. Por isso, a importância de discutir o envelhecimento e propor ações que contribuam para que este seja com qualidade de vida.

A velhice nada mais é do que uma etapa no nosso ciclo de vida. É um processo de transformações naturais e gradativas, inerentes a condição humana. Como Afirma Laranja (2004, p. 39) "envelhecer faz parte da natureza humana, e é um processo inexorável. Não há demérito algum nisso, o desfrute de longevidade é garantia de sabedoria", e deve ser valorizada.

Apesar disso, muitas pessoas têm uma visão negativa do envelhecimento, pois, embora a sociedade estimule a longevidade, concomitante nega ao idoso a sua importância social, o que estimula a sensação de que esta é uma etapa da vida em que só há perdas: perda da juventude, da beleza, da capacidade física, do papel social, enfim. As perdas fazem parte, contudo, o envelhecimento não se resume a isso. Neste processo, a presença da família, bem como a interação com a sociedade, são de extrema importância, visto que podem contribuir na adaptação dos idosos e

com o resgate da qualidade e do gosto pela vida, fazendo-os entender que o envelhecimento não significa necessariamente a finitude da vida.

É importante reconhecer os avanços, contudo, não podemos negar que, muitos idosos ainda enfrentam o preconceito e o descaso da sociedade por considerá-los sem um lugar social e desconsiderando a possibilidade de um idoso poder viver o presente e o futuro. Assim,

Além do receio do envelhecimento biológico, com suas perdas e limitações naturais e a ideia da proximidade da morte, há também a angústia ao pensar nessa fase da vida, em função das dificuldades econômicas e desigualdades sociais de um grande número de idosos brasileiros, e da existência de muitos estereótipos e preconceitos relacionados ao processo de envelhecimento, à fase da velhice e aos idosos." (MASCARO, 2004, p. 8).

Essa visão negativa da velhice está intrínseca nas pessoas, histórica e culturalmente falando, considerando que vivemos numa sociedade capitalista perversa, onde predomina a ideologia consumista dentro de uma lógica de “usar e descartar” (inclusive pessoas) e nesta sociedade os idosos já não têm mais serventia, pois não desenvolvem atividade laborais produtoras de riqueza. Sobre essa lógica Almeida relata:

Com a modernidade foram estabelecidas etapas da vida humana, como a infância, a adolescência e a velhice. Sendo esta última uma construção da sociedade moderna por conta do sistema capitalista que estabelece que nesta fase da vida, a pessoa idosa passa a não ter serventia já que não realiza mais o seu trabalho. (ALMEIDA, 2003, p. 39).

A Organização Mundial de Saúde, (OMS, 2015) define o envelhecimento saudável, como um processo de desenvolvimento e manutenção da capacidade funcional que permite o bem-estar em idade avançada. Considera-se o envelhecimento como um fenômeno natural, mas que geralmente apresenta um aumento da fragilidade e vulnerabilidade, devido à influência dos agravos à saúde e do estilo de vida.

De acordo com a Organização das Nações Unidas – ONU (1982), a conceituação de idoso difere para países desenvolvidos e para países em desenvolvimento de acordo com a variação de idade considerada para se pertencer a esse grupo. Nos países desenvolvidos são considerados idosos os seres humanos com 65 anos e mais. Já nos países em desenvolvimento, são idosos aqueles com 60 anos e mais.

Essa definição foi estabelecida pela ONU, em 1982, através da Resolução 39/125, durante a Primeira Assembleia Mundial das Nações Unidas sobre o Envelhecimento da População, relacionando-se com a expectativa de vida ao nascer e com a qualidade de vida que as nações propiciam a seus cidadãos.

No Brasil, o crescimento da população idosa é cada vez mais relevante, tanto em termos absolutos quanto proporcionais, e é considerado idoso quem tem a idade de 60 anos ou mais. Ou ainda, para determinadas ações governamentais, considerando-se as diferenças regionais verificadas no país, aquele que, mesmo tendo menos de 60 anos, apresenta acelerado processo de envelhecimento (Bieger, 2013).

A questão demográfica deve ser considerada, pois segundo o IBGE (2016), a população brasileira com mais de 60 anos e sua expectativa de vida vem aumentando e, de acordo com projeções o Brasil estará na sexta posição no mundo referente a quantidade de idosos, com aproximadamente no ano de 2020 cerca de 32 milhões de idosos (FINOCCHIO, SILVA, 2011).

Para entendermos a questão do envelhecimento no país é necessário entender que este, é um fenômeno mundial, que nos anos mais recentes, ganhou mais importância nos países em desenvolvimento. Conforme a previsão da ONU, por volta do ano 2050, pela primeira vez na história, o número de idosos será maior que o de crianças abaixo de 14 anos, isto é, a população mundial deve saltar de 6 bilhões para 10 bilhões, sendo que o número de pessoas idosas deve triplicar para 2 bilhões, ou seja, quase 25% da população do planeta (BIEGER et al., 2013, p45.)

O envelhecimento populacional é um fenômeno recente na história da humanidade, sendo acompanhado de significativas transformações demográficas, biológicas, sociais, econômicas e comportamentais. Em demografia, entende-se por envelhecimento populacional o processo de crescimento da população idosa conforme sua participação relativa no total da população.

Segundo Rodrigues e Soares (2006) a abordagem do conceito do envelhecimento inclui a análise dos aspectos culturais, políticos e econômicos, valores, preconceitos e símbolos que atravessam a história das sociedades, por isso é um processo contínuo.

Ainda é preciso ver o processo de envelhecimento como uma fase normal e produtiva do ser humano, na qual a pessoa pode ter ganhos e perdas. Os ganhos, nem sempre realçados nesta etapa, podem permitir que as perdas não ficassem tão evidentes, mobilizando o sujeito em processo de envelhecimento buscar um novo sentido nesta etapa do curso da vida (Rodrigues; Soares, 2006).

Conforme Hoyer e Roodin (2003), a idade cronológica, que quantifica a passagem do tempo decorrido em dias, meses e anos desde o nascimento, é um dos meios mais usuais e simples de se obter informações sobre uma pessoa. A idade biológica é definida pelas alterações corporais e mentais que ocorrem ao longo do processo de desenvolvimento e caracterizam o processo de envelhecimento humano. Já a idade social, ainda segundo Hoyer e Roodin (2003), é definida através de hábitos e status social para o preenchimento de papéis sociais. Os autores ainda definem a idade psicológica como sendo o conjunto de habilidades às quais os indivíduos se adaptam ao meio. Também pode ser definida pelos padrões de comportamento adquiridos ao longo da vida. Entende-se, então, que o envelhecimento é resultado de uma construção sócio histórica experimentada pelo indivíduo durante toda a vida.

O envelhecimento, ou senescência, é um processo universal, progressivo, natural e único determinado geneticamente para os indivíduos da espécie, motivo pelo qual é também chamado de envelhecimento normal. O envelhecimento, uma experiência heterogênea, não transcorre da mesma forma para todos, mas acontece com nuances diferentes a cada sujeito. Essas diferenças são influenciadas por circunstâncias históricas, culturais, por fatores intelectuais e de personalidade, pelo o ambiente onde vive (WHO, 2015) e, por conseguinte, a rede social de apoio (NERI, 2008).

A proposta de tratar o envelhecimento como um processo, abre possibilidades de análise que dão conta das mudanças culturais nas formas de pensar e gerir a experiência cotidiana, as inúmeras representações sociais que perpassam essa fase da vida, e ainda, perceber que nem todos vivem essa experiência da mesma maneira. O envelhecimento possui determinantes intrínsecos e extrínsecos, apresentando uma complexidade de variáveis relacionadas aos aspectos biológicos, psicológicos, intelectuais, sociais, econômicos e funcionais. Não é algo determinado pela idade cronológica, mas é consequência das experiências passadas, da forma como se vive e se administra a própria vida no presente e de expectativas futuras. É uma integração entre as vivências pessoais e o contexto social e cultural em determinada época (Schneider; Irigaray, 2008, P. 586).

4.1 CONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE VELHICE

Estudar a velhice pela ótica do significado pessoal contribui para o campo de estudo do envelhecimento e da velhice, uma vez que considera o desenvolvimento um sistema aberto, pois a velhice ganha outro status: o/a/s velho/a/s continuam em desenvolvimento e a velhice não é o cessar da construção de novidade, uma vez que este processo de transformação e reconstrução das mensagens culturais é uma constante na relação do sujeito com sua cultura.

De acordo com a Organização das Nações Unidas – ONU (1982), a conceituação de idoso difere para países desenvolvidos e para países em desenvolvimento de acordo com a variação de idade considerada para se pertencer a esse grupo. Nos países desenvolvidos são considerados idosos os seres humanos com 65 anos e mais. Já nos países em desenvolvimento, são idosos aqueles com 60 anos e mais.

Essa definição foi estabelecida pela ONU, em 1982, através da Resolução 39/125, durante a Primeira Assembleia Mundial das Nações Unidas sobre o Envelhecimento da População, relacionando-se com a expectativa de vida ao nascer e com a qualidade de vida que as nações propiciam a seus cidadãos.

No Brasil, o crescimento da população idosa é cada vez mais relevante, tanto em termos absolutos quanto proporcionais, e é considerado idoso quem tem a idade de 60 anos ou mais. Ou ainda, para determinadas ações governamentais, considerando-se as diferenças regionais verificadas no país, aquele que, mesmo tendo menos de 60 anos, apresenta acelerado processo de envelhecimento (Bieger, 2013).

O estudo da velhice pela perspectiva da produção de significados pessoais possibilita compreender que a velhice não é homogênea, pois “a velhice é um fenômeno biossocial que não existe singularmente”, existem “velhices”, “velhas e velhos”, “é a heterogeneidade que caracteriza o envelhecimento, como todo fenômeno social” (Britto Da Motta, 2006, p.78).

Definir a velhice, a princípio, parece simples. Porém, verifica-se que este tema é complexo, necessitando de aprofundamento em sua análise, que envolve várias dimensões da vida, quais sejam: biológica, psicológica, sociológica, econômica, cultural, dentre outras. Observa-se que existem diferentes formas de se conceituar e definir a velhice. A Organização Mundial da Saúde - OMS (2005) tem uma definição baseada na idade cronológica, na qual a velhice tem início aos 65 anos nos países desenvolvidos e aos 60 anos nos países em desenvolvimento.

Alguns autores, tais como Debert (1998) e Bosi (1994), definiram o termo “velhice” como sendo a última etapa do ciclo da vida, independente de condições de saúde e hábitos devida, podendo ser acompanhado de perdas psicomotoras, sociais e culturais. Outros autores, como Guimarães (1997) e Messy (1999), descreveram a velhice como sendo uma experiência subjetiva e cronológica, associada às perdas, decorrentes da trajetória individual, da forma devida, da genética, de eventos biológicos e psicológicos, sociais e culturais. Ainda assim não se pode afirmar que na velhice ocorrem mais perdas do que ganhos, não sendo a velhice sinônimo de doença. Segundo Neri e Cachioni (1999), viver significa adaptação ou possibilidade de constante autorregulação, tanto em termos biológicos, quanto psicológicos e sociais.

Verifica-se, de um modo geral, que a sociedade ainda enaltece as perdas, fortalecendo atitudes e comportamentos que configuram a velhice como sinônimo de pobreza, incapacidade, mendicância, doença. Um exemplo é a definição de Menezes (1999, p. 273):

“A questão básica e prioritária é perceber a velhice como uma etapa final natural da existência e, o velho, o protagonista principal, não necessariamente como coitado, um miserável, gerando sentimento de pena e de paternalismo por parte das pessoas. Não se trata também de supervalorizar e louvar o velho e a velhice, trata-se apenas, da sensibilidade de uma sociedade e, de uma ética de solidariedade em reconhecer que os valores singulares humanos não se encontram na potência, no vigor e na beleza física, mas sim, na dignidade humana” (MENEZES, 1999, p. 273).

Considera-se, conforme Groisman (1999), que o marco inicial da construção da categoria velhice remete ao ano de 1890, quando foi fundado no Rio de Janeiro o Asilo São Luiz para a velhice desamparada, e ao ano de 1909, quando surgiu, nessa mesma instituição, um pavilhão para os velhos não desamparados. A partir de então teve início uma separação da visão da velhice das noções de pobreza, desamparo e vadiagem, que existia desde a abolição da escravatura.

Em relação aos aspectos socioculturais, para Neri e Freire (2000), a velhice foi durante muito tempo considerado como um fenômeno relacionado ao desgaste do organismo. Ainda nos dias atuais, é considerada uma variação do processo de doença e decrepitude. Porém, de modo geral, entende-se a velhice como sendo um conjunto de fatores dinâmicos, em constante mudança, visto através de um contexto histórico e cultural, ligado a fatores psicológicos, genéticos, emocionais e sociais.

Deste modo, dar-se-á destaque às ideias de alguns autores sobre essa questão. Verificou-se que impera a visão do envelhecimento no aspecto biológico, trazendo consequências no nível individual. Vieira (1996) e Lopes (2000) abordaram a velhice nessa perspectiva. Segundo esses

autores, os processos de envelhecimento têm início a partir da concepção, sendo a velhice então definida como um processo “dinâmico e progressivo”, onde ocorrem modificações morfológicas, funcionais e bioquímicas, e psicológicas, que determinam a perda progressiva das capacidades de adaptação ao meio ambiente, acarretando maior vulnerabilidade e maior incidência de doenças. De Masi (2000) afirma que a velhice envolve os últimos dois ou três anos que antecedem a morte, sendo marcados por inabilidades física e psíquica.

Para Beauvoir (1990), a velhice compreende o papel que o sujeito ocupa na sociedade e o que representa para cada um de maneira única. Por isso, a dificuldade de entender a maneira como a sociedade percebe a velhice atualmente. Tal conceito difere de Souza (2002) que culpa a mídia por influenciar os modos de pensar e entender o idoso, expondo-o publicamente e alimentando o processo de exclusão através de instituições (asilos).

As causas da institucionalização estão relacionadas à condição de vulnerabilidade da pessoa idosa, à insuficiência de suporte familiar e, em muitos casos, às capacidades física, cognitiva e mental alteradas. Sendo assim, a necessidade de cuidados ao idoso por período prolongado e a institucionalização ainda são temas delicados a serem abordados nas famílias e sociedade de modo geral (Camarano; Mello, 2010).

[...] as representações sobre a velhice, a idade a partir da qual os indivíduos são considerados velhos, a posição social dos velhos e o tratamento que lhes é dado pelos mais jovens ganham significados particulares em contextos históricos, sociais e culturais distintos. A mesma perspectiva orienta a análise das outras etapas da vida, como a infância, a adolescência e a juventude. [...] A pesquisa antropológica demonstra, assim, que a idade não é um dado da natureza, não é um princípio naturalmente constitutivo de grupos sociais, nem um fator explicativo dos comportamentos humanos (DEBERT, 1998, p. 8-9).

Neste ponto, Debert (1998) nega a existência de um fator apenas como determinante da velhice e apoia a possibilidade da existência de multifatores, nos quais, a própria sociedade em que o idoso se encontra é um deles. Tal pensamento vai de encontro com Beauvoir (1990), considerando o idoso como único de acordo com seu momento histórico.

O velho não tem armas. Nós é que temos de lutar por eles'. Esta, acredito, é sua tese. [...]. Por que temos de lutar pelos velhos? Porque são a fonte de onde jorra a essência da cultura, ponto onde o passado se conserva e o presente se prepara [...]. Mas, se os velhos são os guardiões do passado, porque nós é que temos de lutar por eles? Porque foram desarmados. [...]. Que é ser velho? Pergunta você. E responde: em nossa sociedade, ser velho é lutar para continuar sendo homem (CHAUÍ apud BOSI, 2001, p. 18).

Simone Beauvoir (1970) foi uma das primeiras estudiosas na década de 1970 a perceber a dificuldade em se definir os conceitos sobre a velhice, antecipando mudanças que viriam ao correr algumas décadas depois. Caracterizando a velhice como uma instituição social, e não somente como uma condição biológica. Ela deu destaque à velhice através da história, situando-a nas diversas sociedades e culturas. Para a autora, é necessário contextualizar a velhice. Beauvoir (1990) considerou que o momento inicial da velhice varia conforme épocas e lugares, não podendo este fenômeno ser compreendido, senão através da sua totalidade, através de aspectos biopsicossociais.

Partindo-se destas definições, entendeu-se que a velhice, embora marcada por alterações físicas, deve ser considerada através de fatores sociais, culturais, psicológicos, econômicos e dentre outros.

Neste sentido, pode-se afirmar que o conceito de velhice é uma construção social complexa, indiretamente ligada ao tempo cronológico de vida e/ou às alterações físicas e psicológicas pelas quais os indivíduos adquirem ao longo de toda a sua existência. Além de ser uma construção social, uma produção histórica, assim como os outros tempos da vida, como infância e adolescência, o significado de velhice varia conforme cada sociedade e em cada tempo histórico. Em nossa sociedade contemporânea vive-se o desejo de almejar uma vida mais longa ao mesmo tempo em que se recusa as marcas do envelhecimento da velhice. (Bois, 1994; Orda, 1995 Apud Alves Júnior, 2004).

Verificou-se, conforme destacado por Dias (1998), que existem algumas diferenciações em torno destes conceitos, visto que o envelhecimento é percebido como processo, enquanto a velhice é uma fase da vida, e que a pessoa idosa é o sujeito social que vivencia esse ciclo. O processo de envelhecimento é, na grande maioria das vezes, visto como uma mudança constante e dinâmica, acarretando transformações psicológicas, funcionais, morfológicas e bioquímicas, ressaltando as perdas, culminando com a morte.

4.2 MARCOS LEGAIS E POLÍTICAS PÚBLICAS PARA O ENVELHECIMENTO ATIVO: UMA ANÁLISE DO CONTEXTO BRASILEIRO

Com o aumento avultado da população de idosos no Brasil e no mundo e levando em consideração as questões sociais que contornam este tema, faz-se necessário um panorama dos principais marcos legais e das políticas públicas que resguardam e atendem esta demanda. Nesse panorama, vale sobrepular que o avanço do envelhecimento, enquanto processo de perdas e de dependência, é responsável pela geração de imagens negativas associadas ao idoso, porém, foi também fundamental para a legitimação de direitos sociais, incluindo a universalização da aposentadoria (DEBERT, 2012).

Para uma melhor compreensão do assunto tratado, faz-se oportuna uma breve conceituação do que é uma Política Pública. Bucci (1997, p. 95) destaca a diferença entre política e políticas públicas expondo que:

A política é mais ampla que o plano e se define como o processo de escolha dos meios para a realização dos objetivos do governo com a participação dos agentes públicos e privados. Políticas públicas são os programas de ação do governo para a realização de objetivos determinados num espaço de tempo certo.

Por sua vez, Secchi (2017) afirma que política pública é uma diretriz elaborada para enfrentar um problema público, ou seja, é uma orientação à atividade ou à passividade de alguém, sendo que as atividades ou passividades dessa orientação também fazem parte da política pública. Nesse caso, a passividade apresenta-se como a falta de interesse ou negligência diante de um problema público.

Para além, este autor enfatiza que o que define se uma política é pública, é a sua intenção de responder a um problema público, independente do tomador de decisão da política ter personalidade jurídica estatal ou não estatal (SECCHI, 2017). Esse fato torna a conceituação de Bucci (1997) não adequada, pois não se trata de ações exclusivas do governo. Assim, este trabalho assume o conceito de política pública a partir da compreensão de Secchi (2017).

Voltando ao debate sobre as questões do envelhecimento populacional que fomenta políticas públicas destinadas a essa população, entidades internacionais iniciaram o debate sobre a transformação etária em meados da década de 70, quando esse fenômeno se tornou notório mundialmente, deixando de ser um evento restrito aos países do primeiro mundo. Neste cenário, destacam-se a preocupação com possíveis debilidades nos sistemas de previdência social e nos sistemas de saúde, máxime nos países em desenvolvimento, e, conseqüentemente, o discurso a favor do desenvolvimento de práticas para melhoria da qualidade de vida da pessoa idosa. Isto é, entra em voga internacionalmente a reordenação do discurso, das instituições e da sociedade (Silva, 2008).

No Brasil, a atenção ao idoso teve início com a Constituição Federal de 1988, quando foi introduzido o conceito de Seguridade Social, como fica claro nos artigos 203, 229 e 230:

Art. 203. A assistência social será prestada a quem dela necessitar, independentemente de contribuição à seguridade social, e tem por objetivos:

I - A proteção à família, à maternidade, à infância, à adolescência e à velhice; [...]

V - A garantia de um salário mínimo de benefício mensal à pessoa portadora de deficiência e ao idoso que comprovem não possuir meios de prover à própria manutenção ou de tê-la provida por sua família, conforme dispuser a lei. (BRASIL, 1988, p. 122).

Art. 229. Os pais têm o dever de assistir, criar e educar os filhos menores, e os filhos maiores têm o dever de ajudar e amparar os pais na velhice, carência ou enfermidade.

Art. 230. A família, a sociedade e o Estado têm o dever de amparar as pessoas idosas, assegurando sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade e bem-estar e garantindo-lhes o direito à vida.

§ 1º Os programas de amparo aos idosos serão executados preferencialmente em seus lares.

§ 2º Aos maiores de sessenta e cinco anos é garantida a gratuidade dos transportes coletivos urbanos. (BRASIL, 1988, p. 133).

É possível observar uma clara consciência jurídica em relação aos idosos e às necessidades dessa categoria, sobretudo no que concerne às manifestações do processo de envelhecimento. A Constituição Federal de 1988 assegura, ainda que na teoria, que o indivíduo na terceira idade deve ser amparado pela família, sociedade e Estado, instituições estas que devem garantir sua dignidade, bem-estar e participação na comunidade.

Para além dos direitos sociais contemplados na Constituição Federal de 1988, o Decreto nº 1.948, de 3 de julho de 1996, regulamenta a Política Nacional do Idoso, instituída pela Lei nº 8.842/94. Essa política é orientada por cinco cânones que conferem ao Estado, à sociedade e à família o mesmo grau de responsabilidades para assegurar a cidadania ao idoso, conforme o Art. 3º:

Art. 3º. A política nacional do idoso reger-se-á pelos seguintes princípios:

I - A família, a sociedade e o estado têm o dever de assegurar ao idoso todos os direitos da cidadania, garantindo sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade, bem-estar e o direito à vida;

II - O processo de envelhecimento diz respeito à sociedade em geral, devendo ser objeto de conhecimento e informação para todos;

III - o idoso não deve sofrer discriminação de qualquer natureza;

IV - O idoso deve ser o principal agente e o destinatário das transformações a serem efetivadas através desta política;

V - As diferenças econômicas, sociais, regionais e, particularmente, as contradições entre o meio rural e o urbano do Brasil deverão ser observadas pelos poderes públicos e pela sociedade em geral, na aplicação desta lei. (BRASIL, 1994, p. 1)

Na década seguinte surge através da Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003, outra grande referência que estabelece prioridade absoluta às demandas da terceira idade, introduzindo novos direitos, com normas protetivas e designando as ferramentas para essa proteção e fiscalização: O Estatuto do Idoso. Destacam-se nessa Lei o Art. 2º e o Art. 3º que dizem:

Art. 2º. O idoso goza de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhe, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, para preservação de sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual, espiritual e social, em condições de liberdade e dignidade.

Art. 3º. É obrigação da família, da comunidade, da sociedade e do Poder Público assegurar ao idoso, com absoluta prioridade, a efetivação do direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária. (BRASIL, 2003, p. 1).

Após o levantamento dos dados legais e do reiterado crescimento no número de idosos, fica evidente a indispensabilidade de Políticas Públicas que atentem e beneficiem essa demanda emergente. Neste aspecto e como consequência dos marcos aludidos, destaca-se a Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa, através da Portaria nº 2.528 de 19 de outubro de 2006, que, em consonância com a OMS, assume o papel de viabilizar o envelhecimento saudável, como processo de desenvolvimento e manutenção da capacidade funcional² que permite o bem-estar em idade avançada.

Em seu texto, a Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa (Brasil, 2006, p. 3-4) disserta que:

As políticas públicas de saúde, objetivando assegurar atenção a toda população, têm dado visibilidade a um segmento populacional até então pouco notado pela saúde pública - os idosos e as idosas com alto grau de dependência funcional -. É possível a criação de ambientes físicos, sociais e atitudinais que possibilitem melhorar a saúde das pessoas com incapacidades tendo como uma das metas ampliar a participação social dessas pessoas na sociedade (Lollar e Crews, 2002). Por isso mesmo, é imprescindível oferecer cuidados sistematizados e adequados a partir dos recursos físicos, financeiros e humanos de que se dispõe hoje.

[...] A heterogeneidade do grupo de idosos, seja em termos etários, de local de moradia ou socioeconômicos, acarreta demandas diferenciadas, o que tem rebatimento na formulação de políticas públicas para o segmento (Camarano et al, 2004).

[...] Incapacidade funcional e limitações físicas, cognitivas e sensoriais não são consequências inevitáveis do envelhecimento. A prevalência da incapacidade aumenta com a idade, mas a idade sozinha não prediz incapacidade (Lollar e Crews, 2002). Mulheres, minorias e pessoas de baixo poder socioeconômico são particularmente vulneráveis (Freedman, Martin e Schoeni, 2002). [...].

Fica evidente no texto supracitado, que o processo de envelhecimento, por si só, não denota incapacidades físicas e cognitivas, quer dizer, é possível viver uma terceira idade saudável e ativa a partir de cuidados adequados. Por isso a relevância de políticas públicas para esse segmento populacional, em especial para aquela fração que se encontra em vulnerabilidade social.

No Estado na Bahia, foi sancionada a Lei nº 12.925 de 17 de dezembro de 2013, que instituiu Política Estadual da Pessoa Idosa, regida pelos seguintes princípios (BAHIA, 2013, p. 1-2):

Art. 4º. A Política Estadual da Pessoa Idosa rege-se pelos seguintes princípios:

I - A família, a sociedade e o Estado têm o dever de assegurar à pessoa idosa todos os direitos inerentes à cidadania, garantindo sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade, bem-estar e a efetividade do direito à vida, à saúde, à moradia, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à liberdade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária;

II - O processo de envelhecimento diz respeito à sociedade em geral, devendo ser objeto de conhecimento e informação para todos;

III - à pessoa idosa deve ser assegurado tratamento adequado e livre de discriminações de qualquer natureza;

IV - A pessoa idosa será a principal agente e destinatária das transformações que venham a ser promovidas por esta Política;

V - O Poder Público e a sociedade em geral tem o dever de observar, na aplicação desta Lei, as diferenças econômicas, sociais, étnico-raciais, regionais, culturais e, particularmente, as contradições entre o meio urbano e rural.

Nota-se que os textos da Política Estadual da Pessoa Idosa e a Política Municipal da Pessoa Idosa são idênticos e estão em total afinção com as principais políticas nacionais voltadas para terceira idade, buscando promover a autonomia, integração e participação efetiva da pessoa idosa na família e sociedade.

Ademais, muitas entidades da sociedade civil também se organizam a favor da terceira idade, destacando-se: a Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia – SBBG, o Serviço Social do Comércio – SESC, a Confederação Brasileira de Aposentados e Pensionistas – COBAP, a Associação Nacional de Gerontologia – ANG e a Pastoral da Terceira Idade da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (Pontarolo; Oliveira, 2008). Aqui, é importante atentar-se em relação ao Estado que, em muitas situações, transfere, através de “parcerias” e “incentivos”, a responsabilidade, do âmbito político, para as associações. Fato esse que reforça a relevância da criação de um campo de embates políticos que envolvam a sociedade civil, a fim de se reduzir o impacto dessas transferências de responsabilidade pelo Estado (Pontarolo; Oliveira, 2008). Ademais, precisa-se também ter em mente que as políticas públicas para idosos não devem ter cunho assistencialista, muito pelo contrário, devem ser preventivas, educativas e inclusivas, promovendo bem-estar e melhorando a qualidade de vida.

Em paralelo aos marcos legal, às políticas públicas e às ações de entidades da sociedade civil, surgem também diversos programas sociais institucionais com vistas à promoção da qualidade de vida na velhice, a exemplo do que figura como eixo central desta pesquisa: a UATI. As UATI's, de um modo geral, configuram-se como políticas institucionais extensionistas.

De acordo com a Política Nacional de Extensão Universitária (Brasil, 2012), a Extensão Universitária pode ser definida como um processo acadêmico efetivado em função das exigências da realidade, indispensável na formação do estudante, na qualificação do professor e no intercâmbio com a sociedade, além de ser parte integrante na solução dos grandes problemas sociais do país. O plano ainda afirma que a Extensão deve criar condições para a participação da Universidade na elaboração das políticas públicas voltadas para a maioria da população, bem como para que ela se constitua como organismo legítimo para acompanhar e avaliar a implantação das mesmas. Diante

disso e da transformação etária que acomete o Brasil e o mundo, as instituições de ensino superior passam a se interessar em implantar programas voltados à terceira idade.

4.3. As universidades para a terceira idade no Brasil: Uma Breve Retrospectiva Histórica

Na década de 1960, na França, foram criadas as universidades de tempo livre, precursoras das universidades da terceira idade, visando preencher o tempo de uma população cada vez mais longeva com atividades ocupacionais e lúdicas. Em 1973, na cidade de Toulouse, Pierre Vellas fundou a primeira universidade da terceira idade (a Université du Troisième Âge – UTA) com o objetivo de tirar os idosos do isolamento, promover sua saúde, estimular seu interesse pela vida e modificar sua imagem diante da sociedade.

Ademais, a UTA visava propiciar o protagonismo das pessoas idosas na tomada de decisão sobre seus problemas; colocar o ambiente universitário a serviço dos idosos e, desta forma, diminuir a marginalização e ampliar a inclusão deles na vida social; bem como aprofundar as pesquisas gerontológicas com a participação das pessoas idosas como investigadores e investigados (Palma, 2000). Progressivamente, esse modelo francês de universidade, fundamentado no sistema universitário tradicional, expandiu-se para diversas localizações em todo o mundo, com variações determinadas por características históricas, políticas e culturais (CACHIONI, 2012).

O programa de universidades da terceira idade chegou à América Latina no início da década de 1980, pela Universidad Abierta Uruguay (UNI 3 Uruguay), com sede em Montevideu. A UNI 3 Uruguay era uma universidade aberta que funcionava independentemente, sem vínculo com nenhuma universidade tradicional. Sua proposta pautava-se nos princípios da educação permanente, com foco na educação participativa, que estabelece vínculo entre docentes e participantes, alternando os papéis de educando e educador. Entre seus objetivos, destacavam-se a recuperação do valor social, cultural e econômico do idoso; a promoção da sua autoestima, permitindo-lhe uma vida útil e plena; o alcance da sua saúde física e mental, assim como do seu bem-estar social (PALMA, 2000).

No Brasil, no final dos anos 1970, baseado na experiência francesa, o Serviço Social do Comércio (Sesc) de São Paulo implementou as escolas abertas da terceira idade, que consistiam em um conjunto de cursos destinados à reflexão sobre temas da atualidade e questões referentes ao envelhecimento (Ferrigno, 2013). No início dos anos 1980, várias universidades brasileiras, públicas e privadas, criaram as faculdades e universidades abertas à terceira idade.

As universidades brasileiras consideradas pioneiras no trabalho com a população idosa foram a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), que, em 1982, criou o Núcleo de Estudos da Terceira Idade (Neti); e a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), que, no mesmo ano, criou o Núcleo Integrado de Estudos e Apoio à Terceira Idade – Nieati (Palma, 2000; Cachioni, 1999). O Neti foi o primeiro programa universitário brasileiro criado para realizar estudos, divulgar conhecimentos técnicos e científicos relativos ao envelhecimento, formar recursos humanos e

promover o cidadão idoso. Ainda na década de 1980, a Universidade Estadual do Ceará (UECE) criou, em 1988, a Universidade sem Fronteiras (Cachioni, 1999).

Desde então os programas se multiplicaram em universidades brasileiras, com destaque para a década de 1990, que presenciou a rápida expansão das universidades da terceira idade (Palma, 2000). Em uma breve retrospectiva, destaca-se a criação de algumas delas (UFMG, 1994; Cachioni, 1999; Debert, 1999; Palma, 2000; Lobato, 2004; Oliveira, Oliveira e Scortegagna, 2004):

- Em 1990, criação da Universidade da Terceira Idade na PUC-Campinas;
- Em 1992, criação da Universidade Aberta à Terceira Idade na Universidade Católica de Goiás (UCG), e da Universidade Aberta à Terceira Idade na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UATI/UEPG);
- Em 1993, criação da Universidade Aberta à Terceira Idade na Universidade de São Paulo (USP), da Universidade Aberta da Terceira Idade na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UNATI/UERJ), da Universidade Aberta para a Terceira Idade na UFMG, e da Universidade Aberta ao Idoso (UNAI) na PUC Minas.
- Em meados de agosto de 1995, a UNEB tendo como Reitora a Prof^a Ivete Alves Sacramento e Pró-Reitor de Extensão o Prof. Lourivaldo Valentim da Silva, criaram o Grupo de Trabalho da Terceira Idade (GTTI), a fim de atender idosos com idade a partir de 60 anos adotando políticas governamentais voltadas a promoção do bem-estar do idoso efetivando ações que minimizem os problemas específicos da Terceira Idade.

Hoje existem mais de duzentas instituições de ensino superior desenvolvendo programas de universidades para a terceira idade no Brasil (Cachioni, 2012). Cabe destacar que estes programas possuem diferentes denominações e seguem modelos pedagógicos diversos, mas têm propósitos comuns como promover o resgate da cidadania e da autoestima; incentivar a autonomia, a independência, a auto expressão e a reinserção social em busca de um envelhecimento bem-sucedido; e rever os estereótipos e os preconceitos com relação à velhice (Veras e Caldas, 2004a). Em geral, as atividades convergem para um maior conhecimento do corpo e dos processos mentais; para a consciência dos direitos e dos deveres como cidadãos; e para a estimulação da convivência social. Além disso, pela socialização promovida, propiciam a partilha de experiências de vida e incentivam a produção de saberes. Enfim, todas as iniciativas visam a um envelhecimento ativo com qualidade de vida (Gomes, Loures e Alencar, 2005).

Na trajetória histórica das universidades para a terceira idade no Brasil, inúmeras são as evidências de que essa iniciativa tem sido efetiva (Mazo et al., 2009; Irigaray e Schneider, 2008; Gomes, Loures e Alencar, 2005; Veras e Caldas, 2004b) e em acordo com as premissas estabelecidas pelos pilares da Organização Mundial da Saúde (OMS), baseados na segurança, na saúde e na participação em todas as esferas da vida social e política de um cidadão (OMS, 2005). Contudo, cabe ressaltar que muito investimento ainda precisa ser realizado, considerando-se a concentração das

universidades voltadas para o segmento idoso nos grandes centros e a forma heterogênea de distribuição pelas diferentes regiões brasileiras.

Nas universidades, os programas de extensão destinados à prestação de serviços ao público idoso surgem a partir da preocupação frente ao envelhecimento populacional e às necessidades que isto tem representado. Conforme Veras e Caldas (2004), as Universidades para a/da Terceira Idade (UATIs, denominadas ainda de UNATIs, UNITIs, UTIs e/ou equivalentes,) vêm expandindo-se qualitativamente e quantitativamente desde 1970, representando uma das estratégias mais elaboradas e incentivadas para a atenção integral ao idoso, devido a seu caráter multidisciplinar e de baixo custo. Logo, o atendimento em tais locais abarca, além da manutenção do idoso na sociedade, também aspectos concernentes à sua saúde mental e física. Assim sendo, as UATIs representam um dos possíveis espaços que favorecem a construção de novos papéis sociais para o sujeito idoso, bem como são facilitadoras para se repensar a velhice.

De acordo com Cachioni (2003), há ao menos cinco vantagens na implantação e manutenção das Universidades para Terceira Idade: elas possibilitam o contato intergeracional; criam oportunidades para a universidade avaliar suas práticas e metas educacionais ao atuar com o idoso; referem-se a um espaço para percepção de novos problemas de pesquisa; criam outros focos de atenção e pesquisa aplicada, voltando-se para a educação, mas também saúde, lazer, atividade, produtividade, cidadania, dentre outros aspectos; e incentivam e realizam pesquisas sobre as características das instituições que atendem aos idosos, sendo capazes de investigar suas próprias ações. Desse modo, a autora afirma que é urgente e necessário investimento na qualificação de profissionais para a educação de idosos, para a interação de diferentes gerações de professores e suas concepções de educação e de velhice.

REPERCUSSÕES DA UATI/UNEB NA VIDA DOS (AS) IDOSOS (AS) PARTICIPANTES: O QUE EVIDENCIAM OS DADOS

A primeira entrevista do grupo focal foi realizada no dia 23 de maio, no período matutino, e teve como palco, ou seja, o local escolhido para a realização da entrevista da pesquisa, a sala de informática, que está localizada no térreo da UATI, uma vez que considerei a mais acessível para os participantes se deslocar, visto que não havia a necessidade do uso de escadas, além de ser a menor e mais intimista para a realização do grupo focal. A sala de informática é a mais afastada das demais, composta por 11 computadores, foi um ambiente que possibilitou a realização das entrevistas. Antes da realização do grupo focal, solicitei ao coordenador da UATI, a permissão para realizar a reunião com os participantes da pesquisa.

No primeiro encontro os participantes foram recebidos ao som da música Viver e não ter a vergonha de ser feliz do cantor Gonzaguinha e encontraram a sala decorada com a frase na UATI compartilhamos alegrias, conhecimento e amor. O encontro ficou marcado para ser realizado às 8:20, no entanto, só foi possível começar às 08:35 devido à ausência de alguns entrevistados. Após a leitura e o preenchimento do termo de consentimento e do perfil socioeconômico a entrevista foi iniciada. Contudo, a entrevistada de pseudônimo Gérbera não pode comparecer neste encontro, pois havia apresentado problema de saúde, com isso o primeiro encontro foi realizado com 11 participantes, onde foram respondidas 4 perguntas no período de 01:10 min.

O segundo encontro para a realização do grupo focal ocorreu no dia 30 de maio, na mesma sala do primeiro encontro, porém Lavanda não pode comparecer por motivos de saúde, enquanto Gérbera teve a sua presença confirmada nesse segundo encontro, onde foram respondidas 5 perguntas, contudo, a participante Dália chegou atrasada, sendo possível responder 3 das 5 perguntas realizadas na segunda etapa do grupo focal.

Abaixo contém a descrição das características das entrevistadas e do entrevistado da pesquisa. Para a realização do grupo focal, a identidade de cada indivíduo foi tratada com sigilo, sendo seu nome divulgado ficticiamente. Desse modo, foram utilizados nomes de flores para representar as pessoas entrevistadas.

Bromélia: Tem oitenta e cinco anos, é viúva, professora aposentada, se autodeclarou parda, reside com três pessoas e frequenta a UATI a vinte anos. De estatura baixa, magra e com cabelos totalmente grisalhos, possui um sorriso sempre aberto, olhos brilhantes e a qualquer momento tem uma palavra amiga para acalantar o coração. Costuma dizer que a UATI é uma dádiva de Deus e que este foi o espaço que a levantou diante dos momentos difíceis da vida.

Orquídea: Tem oitenta e oito anos, é viúva, comerciante aposentada, se autodeclarou parda, reside com duas pessoas e frequenta a UATI há vinte e dois anos. De estatura mediana, magra e com cabelos

curtos pretos, se considera uma pessoa tímida, mas revela que a partir da convivência com as outras colegas, se tornou mais faladeira e mais ativa na arte de se relacionar.

Lírio: Tem setenta e seis anos, é viúvo, técnico em estatística, aposentado, se autodeclarou preto, reside com duas pessoas e frequenta a UATI há oito anos. De estatura mediana, com uma voz marcante, Lírio é um homem simpático e charmoso, apesar de ainda não conseguir ter firmado fortes vínculos, se mostra aberto para novas amizades, e revela que a UATI é a mola mestra em sua vida.

Dália: Tem sessenta e sete anos, é casada, técnica em pré-moldados, se autodeclarou parda, reside com quatro pessoas e frequenta a UATI há seis anos. De estatura baixa, é uma mulher que tem uma presença marcante, de sorriso frouxo, Dália costuma usar roupas coloridas e chamativas, gosta sempre de usar um batom e se arrumar quando o assunto é vir a UATI, segundo ela, é a sua segunda casa e a UATI foi a sua fortaleza para superar os problemas que enfrentou na vida.

Camélia: Tem oitenta e dois anos, é viúva, aposentada, se autodeclarou branca, reside com duas pessoas e frequenta a UATI há dezessete anos. De estatura mediana, é uma mulher que encontra na UATI uma força para continuar a vida, se considera reservada e tímida, mas adora ouvir as pessoas contarem as suas histórias, com isso percebe que está na UATI é um processo eterno do aprender a conviver.

Margarida: Tem setenta e oito anos, é professora aposentada, é casada, se autodeclarou preta, reside com uma pessoa e frequenta a UATI há 23 anos. De estatura baixa, se considera tímida, apesar de ter revelado que ao longo de mais de vinte anos de UATI, percebeu muitas mudanças principalmente na sua timidez e hoje se considera mais destemida quando o assunto é falar de si em público. Adora está na UATI e foi aqui que fez boas amizades.

Jasmim: tem oitenta e três anos, é viúva, aposentada, foi supervisora educacional, reside com três pessoas, se autodeclarou preta e frequenta a UATI há vinte e cinco anos. De estatura baixa, muitos a consideram como a dona da UATI, pois frequenta esse espaço a mais de duas décadas e meia, é vista também como a faz de tudo, da jardinagem à produção, essa mulher se encontra sempre na ativa, de sorriso largo, sempre disposta a ajudar as pessoas. Jasmim é sinônimo de força de vontade e emana uma alegria que contagia a todos que a tem por perto.

Gérbera: Tem oitenta anos, é solteira, aposentada, foi escrevente de cartório, se autodeclarou preta, mora sozinha e frequenta a UATI há 19 anos. De estatura baixa, é uma mulher que gosta de estar à frente de eventos, participa de congressos á passeios, já foi até fotógrafa da UATI em eventos, está sempre disposta a contribuir com este espaço no que for possível.

Tulipa: Tem setenta e cinco anos, viúva, professora aposentada, se autodeclarou branca, reside com uma pessoa e frequenta a UATI há seis anos. De estatura mediana e risada fácil, adora abraços e sorrisos, aonde chega a sua presença marca, faladeira como a mesma se declara, gosta de conversar e conhecer pessoas adora sair, viajar e está com quem ama. Tulipa é a alegria em pessoa, para ela não há tempo ruim.

Açucena: Tem sessenta e nove anos, é divorciada, se autodeclarou branca, mora sozinha e frequenta a UATI há 11 anos. De estatura mediana, adora se relacionar com as outras pessoas, gosta de se divertir e sempre que pode convida as amigas da UATI para passeios e festas. Sempre alegre, se diverte ao lado das companheiras tanto nos corredores quando nas oficinas e ainda revela que a UATI favorece a sua saúde corporal, mental e espiritual.

Girassol: Tem setenta e nove anos, é viúva, técnica contábil aposentada, se autodeclarou parda, mora sozinha e frequenta a UATI há 20 anos. De estatura mediana, adora o espaço da UATI e afirma que o engrandece e ensina a ser uma pessoa melhor, ajudando inclusive a lidar com o temperamento de alguns familiares. Para Girassol a UATI é o seu aconchego diário.

A seguir encontra-se a categorização das respostas dos participantes da pesquisa.

5.1 MOTIVAÇÕES PARA FREQUENTAR A UATI

Participantes	Motivações
GIRASSOL:	“É importante a gente está aqui, porque quando a gente se aposenta ficamos só, então alguém me indicou a UATI e foi a melhor coisa da minha vida, hoje eu fico feliz da vida quando venho para cá, muito bom, me engrandece, me ensina, a gente passa conhecer muita gente, ouvimos testemunhos que elevam a gente, e está aqui a 20 anos é muito bem, eu não consigo ficar em casa, e ter a possibilidade de estar aqui, é muito bom”.
BROMÉLIA:	“Adoro aqui a UATI, ela me levantou muito, perdi o meu marido enquanto frequentava a UATI, eu queria me aliviar, não queria ficar triste então eu vinha para não ficar tão mal. Eu adoro a todos, sem a UATI eu não viveria feliz como eu sou hoje”.
LÍRIO:	“O que me motiva a vim a UATI a busca de qualidade de vida, algumas amigas me fizeram o convite para vir a UATI, ingressei através do coral, a UATI é o encontro para qualquer cidadão, faço parte da produção, a UATI é tudo para mim, fiquei viúvo e até nesse momento a UATI vem me ajudando”.
AÇUCENA:	“Depois que me aposentei, não queria ficar à toa, então surgiu a oportunidade de vim pra UATI, e fazer as coisas que eu gosto, que é interagir com as pessoas, fazer amizades, está aqui para fazer aulas de corpo e memória. Aqui para mim é maravilhoso, acordo cedo me arrumo e venho na maior alegria, encontro as minhas amigas, a gente dá risadas, aqui é tudo de bom, saiu daqui feliz e doida para voltar de novo, nem me lembro do mundo lá fora”.

JASMIM:	“Encontrar a minha galera, significa pessoas na mesma faixa de idade, as mesmas coisas, as mesmas brincadeiras. E aposentei muito cedo e através de uma colega soube da UATI me matriculei e estou aqui há 25 anos. Eu amo está aqui, participo de tudo, mesmo quando não é da minha oficina, eu entro e fico lá no cantinho, me meto em tudo que tem aqui, é tanto que dizem que sou a dona da UATI. Estou aqui feliz da vida, participo da produção e de tudo que aparece”.
CAMÉLIA:	“A UATI surgiu na minha vida numa época que eu precisava e muito, eu estava com minha mãe com Alzheimer, tinha perdido o meu marido, há pouco tempo também. E a UATI veio para me renovar, renascer, e para me dizer que a vida está aí e continua, então a UATI é um porto seguro, gosto muito de estar aqui, fiz muitas amizades, nessa pandemia as amizades me ajudaram a enfrentar a pandemia, tinha amigas que a gente se comunicava todos os dias e a UATI é aprender, conviver, participar, tudo de bom”.
LAVANDA:	“Na UATI eu me encontrei, me achei, eu vivia deprimida, e uma vizinha me convidou e quando a oportunidade chegou, eu vim já participei de várias atividades e graças Deus eu me sinto a mulher mais feliz, amo meus professores, amo minhas colegas, fiz muitas e muitas amizades, passei muito através da UATI, estou realizada e só saiu daqui só quando eu morrer”.
ORQUÍDEA:	“A UATI é minha vida, é a minha segunda casa, aqui eu encontrei, aqui eu estou, enquanto eu tiver perna eu estarei aqui, perdi meu marido enquanto frequentava a UATI, o mundo acabou para mim, disse que não viria mais, eu não tenho mais perna, eu não dormia, não comia, e se não fosse a minha família e a UATI, eu tinha entrado em uma depressão profunda e a UATI que me segurou e eu não saio daqui enquanto eu tiver perna para andar. A UATI é minha vida”.
DÁLIA:	“A UATI me ajudou a conhecer o Parque dos Dinossauros, Hotel Fazenda, tudo isso foi através daqui da UATI. Quando a gente sabe fazer amizade, dá um abraço, senti que está triste perguntar, conversar com se abrir, é uma forma de nós integrarmos, ter pessoas para contar nos momentos bons e nos difíceis, estamos aqui, somos irmãs”.
MARGARIDA:	“Estou aqui na UATI há muitos anos e já perdi até a conta, nunca deixei de vim, parei de vim no tempo da pandemia, mas estou aqui sempre, gosto de vim para cá, a gente faz amizade, encontra amigas de muito tempo, a gente vai conversando, botando as coisas em dias, aqui estou e adoro está aqui”.

TULIPA:	“Eu fico muito feliz quando eu venho pra UATI, tenho uma motivação tão grande, a UATI para mim é vida. As motivações é poder dançar, memorizar, estou cantando e dançando. A UATI para mim é vida, a UATI me levantou”.
----------------	---

Fonte: Elaboração Própria (2023)

Acerca das motivações para ir a UATI, percebe-se que os discursos de parte dos entrevistados (as) se relacionam diretamente com o processo de busca de sentido para o envelhecimento. Desse modo, surge um marcador preponderante nas narrativas, a solidão, que pode ser causada por diferentes fatores, como a morte de um (a) cônjuge, filhos que se mudam ou se distanciam e a aposentadoria.

Nota-se que há nas narrativas um componente para além do desejo de não querer permanecer sozinha (o) mediante a conjuntura da família, viuvez ou aposentadoria. O fator que motiva os entrevistados (as) a frequentar e permanecer na UATI é pelo fato de possibilitar o encontro, construção e manutenção de amizades, e assim favorece a integração e fortalecimento de redes de sociabilidades.

Segundo Chacra (2002), os grupos de convivência incentivam o sujeito a adquirir maior autonomia, melhoram sua qualidade de vida, sua autoestima, senso de humor e promovem sua inclusão social. A solidão social pode desencadear consequências no comportamento psicossocial, como medo, ansiedade e depressão. Areosa & Ohlweiler (2000), afirmam que a inclusão nos grupos de convivência, causa aumento de relacionamentos, satisfação pessoal e o reconhecimento de outro diante grupo.

A partir dos discursos percebe-se que a UATI se torna um espaço muito afetivo para a pessoa idosa e que promove, sobretudo qualidade de vida, em virtude das trocas de experiências, da construção de laços sociais, do acolhimento, e a possibilidade de realizar oficinas variadas, a UATI é vista muitas vezes como uma segunda casa, um porto seguro, um ambiente que faz bem e propicia felicidade a quem frequenta, motivando cada vez mais a permanência da pessoa idosa nesse espaço.

As redes de apoio social são importantes para os idosos por proporcionarem situações nas quais eles se sintam amados, queridos e valorizados o que diminui o sentimento de solidão, isolamento e anonimato. Na velhice ocorre uma redução da rede social dos idosos, seja pelas perdas e limitações físicas que dificultam o contato do idoso com os membros de sua rede ou pela morte de familiares e amigos, tornando-os mais desprotegidos e suscetíveis ao desamparo. O desenvolvimento e a manutenção de uma boa rede social de apoio com a inserção de novos amigos são uma das formas de amenizar o impacto das perdas e limitações naturais da velhice.

Portanto, percebemos que dentre os motivos apontados pelos idosos para frequentar a UATI, estão à melhoria da qualidade de vida, nos aspectos referentes à saúde física e mental, o simples fato

de sair de casa, encontrar pessoas em condições iguais, manter conversas sobre vários assuntos, distrair-se com novidades, movimentar-se em atividades físicas, são de fato mecanismos capazes de fornecer ao processo de envelhecimento mais prazer, qualidade e dignidade. Logo, são nesses locais que aprendem lições de cidadania, de participação e de como colaborar para o bem comum, aprendendo que para exercê-las não há limite de idade.

5.2 CONSTRUÇÕES DE RELAÇÕES SOCIAIS

Participantes	RELACIONAMENTOS
TULIPA:	“Quando eu chego aqui na UATI eu procuro dá um abraço, sorriso, a UATI nos proporciona uma convivência maravilhosa, eu não falava direito, porque eu tinha vergonha, agora eu falo com todo mundo, encontro minhas colegas na rua, a UATI me deu aquele pipoco, agora eu falo com todo mundo. A UATI é integração completa”.
DÁLIA:	“A UATI me ajudou a conhecer o Parque dos Dinossauros, Hotel Fazenda, tudo isso foi através daqui da UATI. Quando a gente sabe fazer amizade, dá um abraço, senti que está triste perguntar, conversar e se abrir, é uma forma de nós integrarmos, ter pessoas para contar nos momentos bons e nos momentos difíceis, estamos aqui, somos irmã”.
GIRASSOL:	“Quando eu chego aqui só de me perguntarem como eu estou, já é um aconchego diário, preocupação com a gente que vem dos professores, é muito bom esse aconchego, todas as relações engrandecem a gente”.
LAVANDA:	“Eu cheguei aqui muito deprimida e a UATI se tornou tudo para mim, brinco muito mesmo, às vezes sou reprimida ainda, mas graças Deus a UATI é tudo na minha vida”.
BROMÉLIA:	“A UATI me levantou muito, aqui consigo fazer amizade, e sinto muito feliz, como eu gosto de falar, tenho muitos amigos e me sinto bem em está com cada um deles, é muito emoção sentir o amor do próximo”.
JASMIM:	“Quando chego é uma festa, procuro saber como está, o que anda fazendo, é beijo para lá e para cá, brinco com todo mundo, quando tenho tempo fico na sala de trabalhos manuais, vou fazendo as minhas coisas, vou para a aula de italiano e de tarde tem aula de danças circulares, encontro com a minha galera e lá vou eu”.
LÍRIO:	“Todas já disseram tudo, mas para mim a UATI é a mola mestra para a comunicação e o entrosamento entre pessoas, eu tenho escutado de muitas pessoas

	falando sobre timidez, aqui na UATI você pode até entrar tímido, mas não sairá daqui assim, porque existe alguma mágica que quando você entra aqui, existe uma transformação, é o um espaço de acolhimento realmente. Essa é a realidade”.
MARGARIDA:	“A UATI favorece o meu relacionamento muito bem graças a Deus, eu sou uma pessoa mais tímida, mas aqui eu consegui relaxar um pouco, me soltar mais, eu conheço muitas colegas, mas às vezes esqueço o nome. Mas eu consegui me libertar de muita timidez, de ser trancada, hoje eu já chego, para eu falar aqui, ave Maria, hoje eu já falo até demais. Aqui para mim é muito bom, ótimo mesmo”.
AÇUCENA:	“A UATI é um ambiente que a gente interage, compatibilidade de gostos, a gente integrar aqui dentro e lá fora, a gente pode marcar uma saída no shopping, festas, passeios, café a tarde, fora daqui a UATI contribui para essa abertura, sair para outros lugares, é muito legal e muito bom”.
CAMÉLIA:	“A UATI favorece e muito, porque eu sou meia reservada, converso e falo pouco, mas adoro ouvir as pessoas conversarem e contarem as suas histórias. Como eu te disse, na pandemia o relacionamento que tenho com as pessoas da UATI ajudou muito,eu tenho um grupo que se formou justamente na pandemia, a gente se comunicava todos os dias até hoje, então isso me ajudou muito na pandemia,eu sou muito reservada, e as amizades que fiz aqui facilitam pra mim,me procuram,me acolhem, quando eu chego aqui tem alegria,felicidade,então é recíproco,eu chego aqui feliz da vida, quando vejo as pessoas, não lembro o nome, mas sei quem é, isso nos ajuda, nos conforta, nos acolhe e nos dá ânimo pra continuar. Enquanto eu viver eu estou aqui na UATI”.
ORQUÍDEA:	“Tudo que já foi dito, todas nós já passamos a mesma coisa, com a pandemia tudo parou, eu ficava em casa ansiosa que começasse logo as aulas na UATI, para dá um abraço gostoso, encontrar as colegas, nós só ficávamos falando pelo zap, eu ficava sozinha em casa, só batia tristeza. Quando eu soube que já ia começar as aulas, pronto, acabou a tristeza, eu já venho feliz da vida, chegando aqui vou encontrando uma e outra todas que eu conheço a muitos anos, então é uma amizade sincera, gostosa, conheci você (pesquisadora) muito boa professora”.

Fonte: Elaboração Própria (2023)

A UATI desempenha um papel vital na construção de relações entre os idosos, fornecendo oportunidades de aprendizado, interação social, apoio emocional e engajamento comunitário. Ao criar um ambiente inclusivo e acolhedor, a UATI ajuda os idosos a se conectarem uns com os outros, fortalecendo sua qualidade de vida e bem-estar.

As relações sociais construídas na UATI são essenciais para o bem-estar emocional dos idosos, o senso de pertencimento, o estímulo cognitivo, o compartilhamento de experiências, o apoio mútuo, fortalecimento das redes de sociabilidade e a promoção da qualidade de vida da pessoa idosa.

A UATI oferece um ambiente propício para que eles estabeleçam vínculos, se sintam parte de uma comunidade e tenham apoio emocional, em vista disso, os idosos podem compartilhar alegrias, preocupações e desafios, o que contribui para uma melhor saúde mental e emocional. Desse modo, os laços sociais se fortalecem a partir das interações existentes no espaço da UATI, mas também para além deste, onde as pessoas idosas relatam que se encontra em festas, passeios, eventos culturais, shoppings, almoços e cafés da tarde favorecendo cada vez mais o crescimento e a manutenção de amizades.

Segundo a socióloga Elizabeth Bott, a ideia de rede pode ser vista como uma ferramenta de análise dos relacionamentos entre pessoas, elos pessoais e as organizações no contexto em que se inserem. Nessa perspectiva, a partir das análises das narrativas trago o conceito de redes de “malha estreita” (close-knit) que são aquelas onde existem mútuas relações entre os membros, tendo como componentes principais a reciprocidade, confiança e o grau de conexão entre os seus pares.

Através das relações construídas nesse ambiente, os idosos encontram um espaço de acolhimento, aprendizado e crescimento pessoal e enriquecimento mútuo. Dessa maneira, através das atividades desenvolvidas na UATI, os idosos têm a oportunidade de se conectar com outras pessoas, formam relações sociais de muitos elos e significados, construindo uma rede de apoio e amizade ao longo da sua jornada na UATI.

Através de alguns discursos é possível perceber que na UATI há uma mágica (termo cunhado pelo próprio entrevistado) uma espécie de mola mestra para a comunicação e entrosamento entre as pessoas, a partir disso, torna-se evidente as transformações nas individualidades e subjetividades de quem a frequenta, onde muitas pessoas se libertam da timidez, vergonha ou simplesmente passam a socializar mais e se expressar com mais naturalidade com os seus semelhantes.

As relações na UATI têm um impacto direto na qualidade de vida dos idosos. Ao construir conexões significativas, eles experimentam um senso de alegria, satisfação e propósito. As relações na UATI ajudam a combater a solidão e o isolamento social, promovendo um envelhecimento mais saudável e uma maior sensação de felicidade e bem-estar.

Segundo Simmel (2006) dentro de princípio da sociabilidade, cada indivíduo deve garantir ao outro o máximo de valores sociáveis (alegria, liberdade, vivacidade) compatíveis com o máximo de valores recebidos por esses indivíduos. Nessa perspectiva, a sociabilidade origina-se de um mero modelo dos encontros, que só é possível devido à autonomia dos indivíduos que ali se encontra, a sociabilidade dos idosos participantes é natural e genuína, e profundamente marcada por situações e comportamentos meramente pessoais. Verificamos o caráter dos encontros com base nas qualidades pessoais, como os afetos, a cordialidade, as amizades, a generosidade e a felicidade que envolve os participantes ao estarem juntos.

A sociabilidade torna-se um espaço sociológico ideal onde o prazer de um indivíduo está ligado ao prazer dos outros, em que o prazer das pessoas do grupo se torna mais do que prazer individual.

5.3 CONTRIBUIÇÕES DA UATI PARA O BEM ESTAR

PARTICIPANTES	CONTRIBUIÇÕES
TULIPA:	“Contribui para a minha saúde, porque quando eu fico dentro de casa, eu não fico bem, pois eu tenho que ficar na rua, quando eu venho pra UATI, meu filho me incentiva a vir, casa dia a aula fica melhor, cada dia eu aprendo uma coisa diferente que me faz levantar. Eu quero me sentir bem, a UATI para mim é tudo, eu viajo, converso, passeio, para mim a UATI me levantou, tenho professores maravilhosos. Eu sou amada aqui na UATI, me sinto amada por todas”.
AÇUCENA:	“A UATI favorece muitas coisas para a gente, para nossa saúde corporal, mental e espiritual, então ela fornece tudo isso aqui dentro para a gente com os professores, colegas, todo mundo. Então a gente se sente bem aqui, fazendo o que a gente faz, fica tudo numa boa”.
DÁLIA:	“Favorece a minha saúde, às vezes em casa a pressão meio lá, meio cá né, a diabetes meio lá meio cá, você vem pra UATI passa o dia aqui, bate papo e no outro dia a glicemia ta beleza. Por outro lado, eu estou aprendendo a falar menos, só tenho que agradecer por ter essas pessoas”.
GIRASSOL:	“Aqui a UATI, a atividade física é importante para mim e também o relacionamento que a gente tem aqui, a gente leva para casa, aqui a gente aprende a lidar com as pessoas, aqui a gente aprende mensagens muito boas, como lidar com as pessoas em casa. A UATI facilitou para lidar com o meu irmão e outras pessoas, os momentos que temos com cada pessoa, consigo lidar com meu irmão hoje graças aos aprendizados daqui da UATI”.
ORQUÍDEA:	“A UATI é vida e saúde, quem frequenta a UATI não fala em doença, não precisa tomar remédio, o remédio está aqui, pode vim triste, mas quando chega aqui, todo mundo se alegra. Então a UATI é vida para todas nós, ficamos aqui até o fim, enquanto eu tiver vida”
LAVANDA:	“A UATI me traz muita saúde, o verdadeiro amor que eu não conhecia, a UATI me ajudou na compreensão do outro e o amor que tenho pela UATI é platônico e impossível”.

CAMÉLIA:	“A UATI é toda voltada para o nosso bem estar, tudo na UATI é programado pra isso, nos ajuda muito, às vezes quando eu comento com outras pessoas que venho pra UATI, tem gente que diz que velho só fala de doença e que não quer se relacionar com velho, então eu digo que essa pessoa está frequentando lugares errados, porque na UATI nós falamos de bem estar, alegria, saúde, felicidade e o que menos se fala aqui é de doença e o que menos lembramos aqui é de doença e o que menos a gente sente é doença. Quando chegamos aqui trabalhamos o bem-estar dentro de nós. A UATI consegue cumprir o papel de nos trazer bem-estar divinamente e sabiamente”.
MARGARIDA:	“Me traz saúde, porque você pode estar cheia de problemas, mas quando chega aqui esquece, dói aqui, dói ali, mas você conversa com uma e com outra e participa das aulas, quando sai daqui a dor já foi embora. Tudo isso melhora a nossa saúde e no que a gente conversa com a colega percebe que a outra está com o problema pior e digo que eu estou é boa. E vamos seguindo, e sinto muito bem”.
JASMIM:	“Aqui a gente tem orientação na área da saúde, corpo, memória então a gente aprende de tudo um pouco, quando a gente sai daqui catedrática de tudo, quando chega em casa eu compartilho tudo, às vezes trago meus netos, eu vou seguindo, subindo e descendo escada com 83 anos e lá vou eu”.
LÍRIO:	“Me sinto satisfeito em vir a UATI, a minha família percebe isso, venho pra UATI encontrar os amigos e isso é muito bom”.

Fonte: Elaboração Própria (2023)

Acerca das contribuições da UATI para a pessoa idosa notam-se discursos que se relacionam diretamente com a promoção de saúde de diferentes naturezas, seja ela física, emocional, espiritual ou social. A UATI atua como um mediador e propulsor de laços sociais, e assim possibilita melhorias nas formas de se relacionar não apenas com os membros inseridos nesse espaço, mas também com os próprios familiares, uma vez que através das narrativas há relatos de que a UATI ajudou a lidar com membros da família e isso foi um aprendizado muito importante para a entrevistada.

A partir das narrativas percebi o quanto a UATI é um espaço transformador, e alguns relatos que mais me chamaram a atenção foi de que a UATI é vida, de que ela atua com uma espécie de remédio, ou seja, um espaço que as pessoas esquecem as dores, aflições, problemas familiares ou de saúde, segundo entrevistadas, você pode vim triste, mas quando chega à UATI se alegra, e o que menos se fala aqui é de doença e o que menos lembramos aqui é de doença e o que menos a gente sente é doença.

Segundo Camélia a UATI consegue cumprir o papel de nos trazer bem-estar divinamente e sabiamente, essa frase resume o poder que a UATI tem de integrar, acolher e tornar a pessoa idosa protagonista da sua própria história, onde está é regada por sentimentos de satisfação, alegria, felicidade, promoção da autoestima, em estar e qualidade de vida.

É notório que as relações sociais desempenham um papel fundamental no bem-estar dos idosos. A interação social positiva e significativa tem o poder de impactar positivamente diversos aspectos da vida dos idosos, incluindo algumas dimensões como:

- A saúde mental: As relações sociais auxiliam na prevenção e no manejo de condições como depressão e ansiedade. Nesse sentido, o apoio social e o senso de pertencimento proporcionado pelas relações podem reduzir o sentimento de solidão e isolamento, além de aumentar a autoestima e a sensação de felicidade.
- A saúde física: Percebe-se através das narrativas que as relações sociais têm um efeito benéfico na saúde física dos idosos. O apoio social e as interações positivas estão associados a um menor risco de doenças cardíacas, pressão alta, diabetes e até mesmo à melhoria do sistema imunológico. Além disso, a participação em atividades sociais pode incentivar a construção de relações associado a um estilo de vida ativo e saudável.
- Cognição e função cerebral: A participação em interações sociais estimulantes e desafiadoras pode ter um impacto positivo na função cognitiva e na preservação da saúde cerebral. O envolvimento em conversas, jogos, discussões e atividades em grupo estimula o cérebro, promovendo o pensamento crítico, a memória, a atenção e outras habilidades cognitivas.
- Sentido de propósito e significado: Nas narrativas percebi que as relações sociais proporcionam aos idosos um senso de propósito e significado. Ao interagir com outras pessoas, compartilhar experiências, transmitir conhecimentos e se envolver em atividades em grupo, os idosos passam a se sentir valorizados e importantes, o que contribui para um senso de propósito e bem-estar geral.

Como descreve Portella (2004), nesses grupos sociais, as pessoas fazem exercícios, usufruem dos momentos de lazer e descontração, adquirem conhecimentos, e trocam ideias e experiências, sendo uma forma de viver com saúde esta etapa da sua vida, lutando contra a estagnação social da velhice.

5.4 OS IMPACTOS DA AUSÊNCIA NA UATI

PARTICIPANTES	SENTIMENTOS
BROMÉLIA:	“Tenho sentimento de falta e vazio né, mas eu sempre digo para mim, porque vai ter outra oportunidade para eu ir, eu procuro fazer outra coisa para fazer em casa. Mas não deixo esmorecer e aguardo sempre ansiosa o próximo dia em que estarei aqui”.
LÍRIO:	“Tenho a sensação de vazio, fica sempre achando que está faltando alguma coisa, o dia termina e você acha que ficou faltando alguma coisa”.

ORQUÍDEA:	“Eu fico triste, é um dia triste para mim, mesmo que eu faça uma costura, algumas coisas em casa, mas meu pensamento só fica na UATI, meu Deus, eu não to vendo essa turma. Eu gosto muito de vir aqui, eu me sinto bem e realizada”.
MARGARIDA:	“Eu tenho uma rotina bem organizada, o dia em que eu não venho eu sinto um vazio, na pandemia eu senti muito e ficava da janela tentando ver se vinha alguém pra UATI, mas sinto falta mesmo”.
DÁLIA:	“Sinto tristeza, tenho uma rotina de estar aqui com as colegas, amigas, de conversar, de ter um almoço bom, aqui fico tranquila, em casa você tem um monte de coisa para fazer e aqui serve para preencher o tempo, você descobre tanta coisa. Aqui é maravilhoso”.
CAMÉLIA:	“Eu sinto falta, gosto de me organizar para estar aqui, eu só não venho quando não tem, pode ser dia de chuva, venho com chuva, sinto falta quando não consigo vim por algum motivo, mas um sentimento de falta”.
AÇUCENA:	“A UATI já faz parte da minha rotina, mas quando eu falto por algum motivo, é um dia que faz falta, a gente lembra que é um compromisso, de estar aqui com as colegas, mas é um dia vazio, mesmo que tenha sido preenchido com outros afazeres”.
JASMIM:	“É um vazio, eu minto, invento médico, quando chego ao médico, eu pergunto se tem consulta para sábado, para eu sair a semana toda, eu dei para ficar mentirosa, venho de ônibus, e digo que venho de Uber. Só quero vir para ficar com a minha galera”.
TULIPA:	“Tenho o sentimento de dia perdido, fico me sentindo vazia e me pergunto por que eu não fui o que me impediu de ir, do tempo que eu estou aqui eu acho que só tenho três faltas, mesmo com o braço quebrado eu vinha pra UATI. No dia que eu não venho é um dia vazio, porque aqui me preenche, as minhas colegas, os professores é um sustento para mim”.
GIRASSOL:	“Sinto uma frustração só, quando a gente fica em casa e não vem para aqui, é uma falta tremenda, eu faço tudo para não marcar nada nos dias que tenho aula aqui, às vezes acontece, mas eu sinto falta, mas eu fico parecendo uma barata tonta dentro de casa, é sério, é uma frustração só, sinto falta do convívio, de estar aqui, de bater papo, de se relacionar com as pessoas, de ouvir testemunhos que as pessoas passam para a gente, é muito crescimento. Sinto é falta quando não venho para cá”.

LAVANDA:	“É um vazio que eu sinto, fico logo pedindo logo a Deus que chegue o dia de vim, procuro fazer outras coisas para passar o tempo enquanto não chega o dia de vim a UATI”.
-----------------	---

Fonte: Elaboração Própria (2023)

A partir das narrativas acerca dos impactos da ausência na UATI ou a impossibilidade de participar das oficinas percebe-se que os idosos apresentam sentimentos negativos como: tristeza falta (saúde), vazio, frustração, sentimento de dia perdido. Nesse sentido, a falta do convívio com os demais idosos torna-se uma questão a ser analisada para além dos sentimentos negativos, uma vez que sem o acesso a UATI, ambiente propício para interações sociais e atividades em grupo, os idosos podem enfrentar dificuldades em encontrar oportunidades para se conectar com seus pares, compartilhar experiências e construir relacionamentos.

Durante os discursos dos participantes algo que me chamou a atenção foi à expressão facial e a entonação das vozes ao falar dos sentimentos que a ausência da UATI lhe causa. Dessa maneira, eles podem experimentar uma variedade de sentimentos, como por exemplo, a frustração, pois podem sentir que estão perdendo uma oportunidade valiosa de aprendizado, socialização e engajamento; ocorre também a presença de sentimento de tédio e tristeza, uma vez que os idosos podem se sentir desconectados de um ambiente enriquecedor e da interação com seus pares, o que pode levar a um senso de solidão e falta de pertencimento gerando a sentimentos como o vazio, monotonia e desinteresse em atividades do cotidiano.

A UATI proporciona um ambiente de aprendizado e crescimento contínuo. No entanto quando os idosos (as) não conseguem frequentar esse espaço, podem sentir que estão perdendo a oportunidade de se desenvolverem e progredirem, o que pode levar a uma sensação de estagnação pessoal. Ainda nessa perspectiva, podem ter a sua autoestima afetada por não ter a possibilidade de experienciar o convívio com os demais alunos e alunas da UATI.

Segundo WICHMANN et al (2013), ter um grupo de referência propicia ao idoso um suporte emocional e motivacional para que este indivíduo tenha objetivos em sua vida e possa compartilhar alegrias, tristezas e conhecimentos. Os contatos sociais permitem engajamento social, que também é uma forma de vivenciar o desenvolvimento na idade adulta de maneira bem-sucedida. O apoio social deve ser compreendido como uma experiência pessoal e subjetiva que leva a um maior senso de satisfação com a vida.

5.5 VIVÊNCIAS COM AS DEMAIS COLEGAS PARA ALÉM DA UATI

PARTICIPANTES	SOCIABILIDADES
BROMÉLIA:	“Sim. Muitas amizades, meus filhos ficam com medo de eu sair de ônibus para outros lugares, estou muito supervisionada, depois que passei dos 85 anos, fica mais difícil ir para passeios, fico restringida por meus filhos não podem me acompanhar, mas eu viajo muito e convido algumas amigas, tenho muitas amigas, convido para minha casa, nos meus aniversários faço bolo, então gosto muito de socializar”.
JASMIM:	“Sim. Eu tenho uma galera enorme, todo mundo me conhece, participo de tudo, é de samba, é de tudo quanto é coisa, eu fico perdida no meio de tanta amizade, ainda saio escondido, tem umas três ou quatro que são amigas de fé”.
MARGARIDA:	“Tem sim. A gente faz passeios com as colegas, sai para encontros e sempre estamos em grupo que sai, marca um dia em que seja conveniente para todo qualquer dia da semana”.
AÇUCENA:	“Bastante. Eu sou uma pessoa que gosto muito de me divertir, e o ambiente daqui eu me dou muito bem, tem as viagens, tem os aniversários, tem as festas, convido para ir aos lugares que eu vou. Durante o final de semana saímos para tomar café na delicatessen e aí vou chamando, eu costumo convidar para a gente fazer coisas fora da UATI”.
CAMÉLIA:	“Tenho sim. Tenho amizades que continua, a gente se encontra final de semana, às vezes aniversários, mesmo fora da UATI à relação se mantém firme. Tem 3 amigas que desde que chegaram aqui na UATI a amizade se fortaleceu mais”.
LÍRIO:	“Me comunico muito bem dentro do ambiente da UATI, mas fora daqui eu não tenho contato, talvez seja falta de oportunidade, não existe nenhuma resistência é que não coincidiu. A minha dificuldade talvez seja o efetivo de homens na UATI é muito reduzido, o homem é muito fechado dentro de si, cada um tem seus hábitos e boa parte está no bar, ou em outros ambientes”.
ORQUÍDEA:	“Sim, faço muitas amizades, eu cuidava muito do meu marido, por ele ter doença no coração, nunca fui para a viagem para cuidar dele, agora que ele faleceu, é a minha primeira viagem com as colegas, eu converso com todo mundo saiu nas férias, ligo, converso pelo telefone”.
TULIPA:	“Se eu for falar das amizades, vai ser o dia todo. Tem muito fora, almoço, viagem, vou para os lugares e ainda convido, vai para a praia e levo, vou para o café e levo, vou para o almoço e levo,

	sou fácil de conseguir amizades, fazer vínculos, Lurdes e Djani me acompanham em viagens, divisões de apartamentos, viajamos, vamos tocando a vida”.
GIRASSOL:	“Muitos vínculos, tenho muitos contatos dos anos anteriores, são muito bons, tem almoços, aniversários, congressos na Foz do Iguaçu, Rio Grande do Norte, tenho muitos contatos, se eu sair daqui fico dodói”.
GÉRBERA:	“Sim, tenho muitas amigas aqui, saímos juntas e viajamos muito juntas, já saímos até do Brasil, várias vezes, eu tenho um grupo que reúne de 40 a 50 pessoas toda última sexta-feira do mês, reservamos um restaurante e vamos almoçar”.

Fonte: Elaboração Própria (2023)

Através das narrativas percebe-se que a grande maioria das participantes constrói e mantém vínculos para além do espaço da UATI. Nesse sentido, ocorrem encontros em espaços alternativos que propiciam a mobilização e fortalecimento dos laços sociais, como por exemplo: viagens dentro e fora do Brasil, passeios da UATI ou programados pelas idosas (os), aniversários, festas em espaços públicos e privados, almoços, cafés da tarde, idas ao shopping, visitas em suas respectivas casas, agendamento de hotéis e pousadas para o período de férias, em suma, todos esses eventos proporcionam uma maior interação entre os idosos afim de que tenham novas experiências para além do espaço da UATI.

As redes sociais na velhice asseguram ao idoso os sentimentos de ser e pertencer reduz o isolamento, e são importantes para a manutenção da saúde, uma vez que os laços sociais estimulam e reforçam o senso do significado da vida, ou seja, um porque para viver. A ajuda dada ou recebida aumenta o sentido de controle pessoal e contribui para o bem-estar psicológico (MATSURUKA, MATURANO & OISHI, 2002).

Segundo Gonçalves, a sociabilidade é a capacidade humana de estabelecer redes sociais e laços afetivos por meio de diferentes ações, sejam elas individuais ou coletivas. O processo de desenvolvimento de sociabilidade entre as pessoas pode ser desenvolvido e mantido através de danças, músicas, rituais religiosos, atividades lúdicas, festividades familiares, prática coletiva de atividades físicas, seja em academias, parques ou em outros centros.

Mediante as narrativas a construção de amizades seguem bastante referenciadas, logo após o quadrante família, e igualmente beneficiam os idosos em amor, afeição, preocupação e assistência, corroborando mais uma teoria do envelhecimento, a teoria da seletividade socioemocional, diz que os idosos são mais seletivos em suas amizades, ou seja, os idosos selecionam as relações sociais que são mais significativas do ponto de vista emocional e são menos engajados naquelas relações consideradas perturbadoras. Esses tipos de relações, mesmo que menos numerosas de pessoas envolvidas, possibilitam que os sujeitos idosos vivenciem experiências emocionais significativas,

que são mais efetivas para promover a sensação de bem-estar subjetivo dos mesmos. (SIQUEIRA, 2002; NERI, 2005).

De acordo com Granovetter (1973), no que concerne às redes que circundam relações interpessoais, a profundidade da interação, além do tempo no qual tal relação existe, a reciprocidade, a confiança e conexão emocional são importantes aspectos para traçar a natureza desse laço, que pode ser classificado como forte ou fraco. O laço forte é definido como aquele que possui maior intensidade, como por exemplo, as amizades, relações entre familiares e círculos mais restritos que podem ser formados para além de espaços como associações, clubes e Universidade Aberta À Terceira Idade.

Os vínculos afetivos que os idosos constroem no decorrer da vida, muitas das vezes, são formados primeiramente pelo grupo familiar e por grandes amizades na comunidade onde moram. Sendo assim, essas relações fornecem uma sensação de pertencimento ao grupo social, este fator tem sido caracterizado como aspecto indispensável para um envelhecimento com qualidade de vida. Esses laços de apoio ajudam os idosos no decorrer do seu processo de envelhecimento, proporcionando maior independência, bem-estar, saúde e autonomia. (TRIADÓ E VILLAR, 2007).

5.6 MUDANÇA/BENEFÍCIO A PARTIR DO MOMENTO QUE ENTROU NA UATI

PARTICIPANTES	MUDANÇAS/BENEFÍCIOS
MARGARIDA:	“Sim. Teve mudanças sim, porque a UATI já faz parte da nossa rotina, eu me sinto muito bem aqui dentro. Trouxe benefícios, como eu mudei, eu era muito trancada, eu não falava, eu ficava no meu canto, quietinha, caladinha, agora estou que nem papagaio, conversando, mudei muito e me sinto bem”.
LÍRIO:	“Bastante, até porque passei a criar uma rotina, só pelo fato de se arrumar, passar um perfume, só de saber que terça eu tenho UATI, saber que vem interagir com outras pessoas, fazer as oficinas, você chega em casa vai se reciclar, estudar um pouco, isso é maravilhoso”.
BROMÉLIA:	“A UATI é uma dádiva de Deus na minha vida, aprendi a me relacionar melhor, sou alto astral, aqui eu fiz muitas amizades e aprendi a gostar de falar”.
CAMÉLIA:	“Sim. Costumo dizer que vou procurar a minha turma, são da minha idade, aqui na UATI, esse é o benefício, procuro minhas amizades, à gente está sempre se encontrando. Outra coisa é que a UATI faz parte da rotina e isso organiza a nossa cabeça”.
TULIPA:	“Traz muitos benefícios, fui me ampliando, fui descobrindo a força, descobrindo amigos e amigas.

	A UATI me levantou, minhas amigas me fazem bem demais, para mim faz muito bem mesmo”.
AÇUCENA:	“Sim, com certeza, eu sempre procurei me relacionar, até porque não queria ficar sozinha, isolada”. Está aqui na UATI é muito bom, porque já faz parte da minha rotina, já sei o dia em que venho para cá, e venho animada, acordo cedo, e arrumo toda, passo meu batom, ir para cá é uma maravilha. A gente aprende várias coisas, transformou minha vida mesmo, fico feliz de vim para aqui”.
GIRASSOL:	“Muita mudança, depois que me aposentei queria fazer alguma coisa fora de casa, senão eu ia ficar doente, e consegui vim pra UATI, me matriculei na aula de Ioga porque precisava me concentrar mais, e achar, porque eu tive muita dificuldade de me abrir com as pessoas, ainda tenho, mas já melhorou bastante só por estar aqui, hoje meto a cara e vou.Então,pra mim a UATI é uma benção, cresci muito aqui dentro e aprendi a aceitar o outro, hoje tenho um relacionamento muito bom com os meus amigos, aprendi a falar de mim que antes era muito difícil”.
ORQUÍDEA:	“Muitas mudanças, eu era muito tímida para falar em público e aqui na UATI a gente tem que se soltar, entrei para o Coral que me ajudou muito, tinha passeios do Coral, me ajudaram a ser melhor e mais faladeira, e sinto bem aqui”.
JASMIM:	“Acrescentou muito na minha vida, faço muitas amizades, participo de tudo, todo mundo conta comigo e eu conto com todo mundo, não perco tempo, vou levando, entro nas aulas para observar as oficinas e aprender um pouco mais”.
GÉRBERA:	“Minha vida mudou totalmente, porque eu passei a sair mais, fiz muitas viagens, e ajudou a ter mais amizades nesses 20 anos de UATI”.

Fonte: Elaboração Própria (2023)

O que podemos observar, a partir das respostas, foi que a UATI traz muitos benefícios como, por exemplo: melhoria na qualidade de vida e bem-estar físico, emocional e social: melhoria na autoestima, na construção de relações de amizade e também na personalidade, visto que segundo Margarida e Orquídea, elas eram muito, tímida e envergonhada, e através do convívio que teve na UATI passou a se relacionar melhor com as outras pessoas e agora estão mais extrovertidas, conseguindo construir amizades ao longo do tempo que frequenta a UATI.

Com as declarações acerca das mudanças e/ou benefício da UATI em suas vidas, percebe-se que o elemento mais evidente nos discursos foi à construção de amizades e a possibilidade da UATI ser um espaço de encontro com amigas e amigos, proporcionando assim, suporte emocional, visto que os idosos podem compartilhar seus sentimentos, preocupações e alegrias; Companhia e socialização uma vez que a presença de amigos proporciona companhia e combate a solidão. Nesse sentido, os idosos (as) podem desfrutar de atividades sociais e momentos de lazer juntos, como passeios, almoços e encontros, o que contribui para a felicidade e redução do isolamento social; Senso de pertencimento uma vez que ter amigos cria um senso de pertencimento e conexão com os outros. Ademais, sentir-se parte de uma comunidade social e ter relacionamentos significativos ajuda a fortalecer a identidade e a sensação de fazer parte de algo maior.

Segundo Beverley Fehr, a amizade é um relacionamento pessoal e voluntário, que propicia intimidade e ajuda, no qual as duas pessoas se apreciam e buscam a companhia uma da outra. Analisando a definição de amizade proposta por Fehr, percebe-se que uma das funções desse relacionamento é a troca de apoio social, ou seja, troca de informação, ajuda física e/ou financeira e interação social positiva e afetiva entre os parceiros.

A relação de amizade envolve concessões mútuas e na velhice seu contexto já não está ligado às situações de trabalho ou a criação de filhos, como nos períodos anteriores. Nesta etapa, os amigos estruturam sua convivência com base na camaradagem e no apoio. A convivência com os amigos possibilita aos idosos o sentimento de que ainda são valorizados, desejados e escolhidos como companhia, apesar das perdas experienciadas (Hartup & Stevens, 1999). Isso explica o fato dos idosos serem mais propensos a reconhecer os benefícios da amizade (como afeição e lealdade) do que os adultos mais jovens (DE VRIES, 1996).

Segundo a participante Bromélia a UATI é uma dádiva de Deus na vida, onde aprendeu a se relacionar melhor, construiu muitas amizades e aprendeu a gostar de falar. Essa declaração revela como a UATI teve um impacto positivo na vida da pessoa, fornecendo oportunidades de desenvolvimento pessoal, melhoria nas relações interpessoais e ampliação das habilidades de comunicação.

Segundo Cachioni (1998) os benefícios que as UnATIs podem trazer ao idoso são muitos, como melhora na percepção sobre a autoimagem, ganhos educacionais significativos, que refletem positivamente na cognição e na produtividade, aumento do bem-estar subjetivo em relação à saúde física percebida, atitudes em relação aos outros idosos, auto percepção da capacidade física, perspectiva de futuro, a atividade e relações familiares.

Nesse sentido, as pessoas que tem amigos íntimos com os quais mantém um sentimento recíproco de abertura são mais saudáveis e felizes, conseguem amenizar o impacto do estresse na saúde física e mental advindos das preocupações diárias, reforçam os recursos internos de modo a lidar de forma mais eficiente com as crises da velhice. O fato de poderem conversar a respeito de

seus sentimentos e preocupações com alguém que esteja disposto a ouvir e a dar apoio ameniza o sofrimento e aumenta a longevidade (ANTONUCCI & AKIYAMA, 1995; STEINBACH, 1992).

Considerando que a socialização tem impacto positivo para a saúde, bem-estar e qualidade de vida dos idosos, nesse estudo, ela será compreendida enquanto uma manifestação objetiva do comportamento social, a saber, a interação social. A valorização das interações sociais nos estudos que envolvem o bem-estar e a qualidade de vida na velhice revela a importância que o elemento social representa para a terceira idade. A interação social pode ser compreendida como um conjunto dinâmico de ações sociais realizadas entre indivíduos ou grupos que modifica suas próprias ações e reações, de acordo com as ações das pessoas com quem estão em contato. Essa situação gera uma correspondência intercambiável de significados que são interpretados de acordo com as representações sociais do grupo, gerando reações entre os envolvidos (TURNER, 2001).

Nesse sentido, as interações sociais são o fio condutor das atividades em idosos, além disso, tem sido reportado que a oportunidade de interação social é o que estimula o idoso a sair de casa e exercitar suas habilidades físicas, mentais, emocionais e sociais por meio de programas de qualidade de vida direcionados a idosos, atividades de lazer (jogos, danças), atividades físicas, participação da vida comunitária, participação em atividades voluntárias, entre outras (BENNETT, 2002; BUTTERWORTH, 2000; HOUSE ET AL., 1988; MCAULEY ET AL., 2000; SUGIYAMA & THOMPSON, 2005; WILSON, 2007; YBARRA ET AL., 2008).

5.7 SUPORTE DA UATI EM MOMENTOS DE RUPTURAS

PARTICIPANTES	UATI COMO REDE DE APOIO
AÇUCENA:	“Tive enquanto estava aqui, perdi minha mãe, a UATI me ajudou, a gente sente a perda, todo mundo me acolheu naquele momento difícil”.
GIRASSOL:	“Sim, muito difícil, estou tentando me conter para ver se eu consigo falar. Meu marido faleceu na minha frente, ele morreu eletrocutado dentro de casa e eu não pude fazer nada. E foi a UATI que me ajudou muito, muito mesmo, porque se eu não tivesse aqui para estar aqui com as pessoas, recebendo o apoio, eu não teria superado, os seminários da UATI ajudam a gente a aceitar, mas foi muito difícil. Aqui é muito bom”.
BROMÉLIA:	“Eu perdi meu marido, após 50 anos de casada, para mim foi muito difícil, e aqui na UATI eu tive muito apoio das minhas amigas, meus professores, o pessoal da direção foi na época da matrícula, tive muito apoio, muito apoio mesmo”.
CAMÉLIA:	“Não. Aliás, foi justamente a partir da morte da minha mãe que eu passei a vim a UATI, a

	necessidade de ter mais convivência com outras pessoas, amenizar essa perda, ela morreu antes, e após a morte dela eu ingressei aqui. Foi justamente com a convivência”.
GÉRBERA:	“Não perdi ninguém enquanto estava aqui”.
TULIPA:	“Não tive perdas enquanto estive aqui na UATI”
ORQUÍDEA:	“Perdi meu marido após 55 anos de casados, foi muito difícil e a UATI me reergueu, senão tinha entrada em uma depressão profunda”.
MARGARIDA:	“Tive uma perda muito grande enquanto estava aqui na UATI, eu fiquei muito abalada, depois perdi um irmão, uma irmã e uma sobrinha estando aqui na UATI. A UATI me ajudou muito, eu saía de casa, indo participar das aulas a agente esquece um pouco o que se passou lá fora, então nas aulas eu procurei está inteiramente nas aulas com a força que tive aqui, eu venci os problemas, e estou aqui, a vida segue”.
DÁLIA:	“Eu perdi o meu marido, 48 anos de convivência estando aqui na UATI, Edvania professora daqui foi maravilhosa comigo, e com 1 ano e 8 meses eu perdi o meu filho pra COVID tinha 37 anos, foi muito dolorido, se não fosse a UATI acho que não estaria aqui hoje, porque, eu em casa as minhas amigas se preocupavam muito comigo, eu tive amiga/irmã aqui na UATI para me ajudar nessa fase. eu só tenho a agradecer a deus e a UATI porque se eu não tivesse aqui, não saberia como iria suportar as duas perdas muito recente, porque foi uma situação muito difícil”.
LÍRIO	“Perdi a minha esposa em 2021 pela COVID, a UATI estava fechada, não teve interferência direta da UATI. Hoje, está aqui, esses momentos têm me ajudado bastante”.
JASMIM:	“Perdi meu marido, fiquei viúva, e foi um processo de sofrimento, quando eu ia visita-lo no hospital, a minha galera da UATI, me acompanhava, ficava lá comigo. Eu estou aqui levando a vida”.

Através das narrativas acerca do suporte da UATI em perdas familiares percebe-se que a instituição desempenha um papel significativo ao oferecer suporte emocional e social a idosos que passaram por perdas familiares. Desse modo, nota-se que grande parte dos entrevistados teve perdas de familiares enquanto frequentava a UATI, onde através dos processos de sofrimentos e dor puderam se reinventar e ressignificar os momentos difíceis pelo quais passaram, sendo assim, a UATI atua como uma rede de suporte muito valiosa, proporcionando um ambiente acolhedor para a pessoa idosa poder compartilhar seus sentimentos, angústias e experiências emocionais relacionadas aos momentos de rupturas que estão vivenciando.

Segundo a participante Dália, enquanto frequentava a UATI perdeu seu marido após 48 anos de convivência e, posteriormente, perdeu seu filho para a COVID-19. Ela afirma que a UATI e a professora Edvania foram maravilhosas, fornecendo apoio emocional e sendo como uma família para ela durante esse período difícil. Ela acredita que, se não fosse pela UATI e pelas amigas que encontrou lá, ela talvez não estivesse conseguindo lidar com essas duas perdas recentes. Ela expressa gratidão a Deus e à UATI por esse suporte vital.

Através do discurso da participante Orquídea a mesma revela que passou por uma experiência extremamente dolorosa ao perder seu marido após 55 anos de casados, lidar com essa situação foi muito difícil. No entanto, ela menciona que a UATI desempenhou um papel fundamental em ajudá-la a superar essa fase difícil de sua vida. A UATI foi capaz de proporcionar o apoio necessário para que ela pudesse se reerguer e evitar entrar em uma depressão profunda.

É possível perceber através das narrativas o poder da UATI como fonte de suporte emocional e social, atuando como uma rede de suporte que segundo Sluzki (1997), é “o conjunto de pessoas significativas para o indivíduo, que o distingue da massa anônima da sociedade”. Para Néri (2001), é “o conjunto de pessoas que mantêm entre si laços típicos das relações de dar e receber”. Essa rede continua a autora, existe ao longo de todo o ciclo vital do indivíduo, atendendo à motivação básica do ser humano de interação. No envelhecimento, porém, essa rede tende a se contrair em decorrência de dois fatores: morte de seus componentes e diminuição de oportunidades para efetivar novos contatos. Mesmo assim, os vínculos que se mantêm são de grande intensidade, tornando sua atuação bastante efetiva (SLUZKI 1997; CARSTENSEN 1995).

As redes sociais na velhice asseguram ao idoso os sentimentos de ser e pertencer, favorecendo a redução do isolamento, e são importantes para a manutenção da saúde, uma vez que os laços sociais estimulam e reforçam o senso do significado da vida, ou seja, um porque para viver. A ajuda dada ou recebida aumenta o sentido de controle pessoal e contribui para o bem-estar psicológico (MATSURUKA, MATURANO & OISHI, 2002).

Os programas para a Terceira Idade são formas de expandir a rede de suporte e de construir novas formas de sociabilidade no processo de envelhecimento e na velhice (CACHIONI & NERI, 2008), através de espaços para diversas atividades e programas educacionais que possibilitem aos

idosos uma maior relação intergeracional, capacidade de exigir seus direitos e autonomia dos pensamentos. Dentro desses programas, as Universidades Abertas à Terceira Idade inserem-se no conceito de educação permanente, proposto pela UNESCO, de que o aprendizado deve-se fazer ao longo de toda a vida, de forma constante, interativa e cumulativa para acompanhar as mudanças rápidas e contínuas da sociedade moderna (RIO, 2009).

As redes de apoio social são importantes para os idosos por proporcionarem situações nas quais eles se sintam amados, queridos e valorizados o que diminui o sentimento de solidão, isolamento e anonimato. Na velhice ocorre uma redução da rede social dos idosos, seja pelas perdas e limitações físicas que dificultam o contato do idoso com os membros de sua rede ou pela morte de familiares e amigos, tornando-os mais desprotegidos e suscetíveis ao desamparo. O desenvolvimento e a manutenção de uma boa rede social de apoio com a inserção de novos amigos são uma das formas de amenizar o impacto das perdas e limitações naturais da velhice.

Diversos pesquisadores relatam que relações, contatos e interações sociais são fatores que estimulam os idosos a melhorarem condições afetivas, físicas e cognitivas, demonstrando forte relação com rede de suporte social e o BES (CHARLES & CARSTENSEN, 2010; DIENER & LUCAS, 2008; FORTES-BURGOS ET AL., 2009; GARDNER, 2011; PARK, 2009; WALKER, 2005). Nos momentos de dificuldades, os idosos que recorrem aos amigos e familiares como fonte de suporte, apresentam um forte senso de significado de vida, conseguem vivenciar suas experiências cotidianas vislumbrando propósitos mais amplos e significativos (AVLUND, DAMSGAARD, & HOLSTEIN, 1998; LANSFORD ET AL., 1998; PILLAI & VERGHESE, 2009).

5.8 ESTABELECIMENTO DE VÍNCULOS COM OS DOCENTES

PARTICIPANTES	VÍNCULOS
JASMIM:	“Tenho com muitos com a professora Isa, com João, com Vitor, Neide no coral, com todo mundo daqui, pergunto como estão, seguro no pé de todo mundo e eles também seguram no meu pé”.
GIRASSOL:	“Para mim todos os professores e monitores são muito bons, passei por muitos aqui ao longo desses 20 anos, levei oito anos fazendo Yoga, psicologia, então a gente se comunica, conversa uma responde a outra, mesma coisa com você (pesquisadora) a gente vai continuar a amizade, vai se comunicando mesmo que você não esteja mais aqui, via zap no privado, os estagiários são atenciosos pra caramba”.
BROMÉLIA:	“Os professores são admiráveis, todos muito educados, ano passado em uma aula de Saúde, Corpo e Mente, eu consegui ter bons vínculos com os estudantes de medicina, fui até paninhos de prato para eles darem a mãe, avó, tia, foi uma alegria só. A UATI traz tanta

	coisa boa para a gente saúde, paz, tranquilidade e muito amor. E você mesmo (pesquisadora) quando eu soube que ela seria a minha professora de memorização, fiquei muito contente, porque é a coisa mais sublime que tem”.
MARGARIDA:	“Tenho amizades, gosto muito de Débora de informática, professora Dulce a gente se falava até por telefone, a gente fazia passeios, tem bons professores que eu continuo com a relação, conversando passando mensagens, tendo bons relacionamentos”.
DÁLIA:	“Os professores são maravilhosos, a professora Catiana, todos os monitores que tive a oportunidade de conhecer foram ótimos, só tenho que agradecer”.
CAMÉLIA:	“Nós tivemos uma professora, Janaina que é uma amiga até hoje, ela era professora de dança, a amizade continua, sempre que a gente pode a gente se encontra aniversário, a maioria que foi aluna dela se tornou amiga”.
LÍRIO:	“Tive bons vínculos, participei do canto em cena e tivemos monitores altamente integrados com a equipe e foi realmente maravilhoso”.
GÉRBERA:	“Eu tenho vínculos com todos que eu convivo, faço minha amizade, a professora Débora e Janaina, ficou aqui muitos anos, levava a gente para fora, Feira de Santana, e antigamente os professores levavam a gente para a rua e tinha um vínculo maior”.
TULIPA:	“Tenho. Meus professores são maravilhosos tem uns três daqui da faculdade, a gente se fala, pessoalmente ou por telefone.
AÇUCENA:	“Sim. A gente tem o vínculo normal nas salas de aulas, temos os grupos, também que a gente participa, sempre que se encontramos na rua, nos corredores, a gente se fala, todos são maravilhosos, só pela possibilidade de nos ajudar a prosseguir, a gente tenta contribuir na formação deles com amor e carinho gosta de todas sem exceção”.

Fonte: Elaboração Própria (2023)

Os discursos dos participantes evidenciam que há vínculos entre os idosos e professores, uma vez a construção de laços sociais traz alguns benefícios como: a facilitação do aprendizado;

estabelecimento de conexões interpessoais; estímulo ao engajamento e participação ativa; promoção do desenvolvimento pessoal onde através dos vínculos com os professores, os idosos têm a oportunidade de desenvolver-se pessoalmente, além de expandirem seus conhecimentos, habilidades e perspectivas de vida.

Através das narrativas percebe-se que os vínculos sociais entre idosos e os professores/estagiários e monitores voluntários na UATI são mutuamente benéficos, pois, criam um ambiente de aprendizado dinâmico, rico em interações humanas e apoio mútuo. Esses vínculos ajudam a promover um envelhecimento ativo, saudável e significativo, encorajando os idosos a continuarem aprendendo, onde não apenas favorece a relação aluno-professor, mas também ajuda a pessoa idosa a desenvolver resiliência e confiança superando assim desafios que possam surgir.

Os vínculos entre os professores e alunos idosos na UATI (Universidade Aberta da Terceira Idade) são de extrema importância para promover um ambiente de aprendizado enriquecedor e satisfatório. Esses vínculos são caracterizados por uma relação de respeito mútuo, apoio e colaboração, criando um espaço onde os idosos podem se sentir valorizados e motivados a buscar conhecimento e desenvolvimento pessoal.

Outro fator importante observado nas falas está relacionado com o aumento das amizades, uma vez influencia bastante a continuidade dos idosos nos programas e nas mudanças positivas que ocorrem na vida dessas pessoas. Essas relações oferecem suporte, orientação, acesso ao conhecimento e inspiração, além de promoverem o desenvolvimento pessoal, o engajamento ativo e o estabelecimento de conexões interpessoais valiosas.

Portanto, percebe-se através das narrativas que os vínculos entre os idosos e os professores na UATI são fundamentais para uma experiência de aprendizado significativa e enriquecedora. Essas relações oferecem suporte, orientação, acesso ao conhecimento e inspiração, além de promoverem o desenvolvimento pessoal, o engajamento ativo e o estabelecimento de conexões interpessoais valiosas.

5.9 CONTRIBUIÇÕES DA UATI PARA A VIDA

PARTICIPANTES	CONTRIBUIÇÕES
MARGARIDA:	“Contribui porque passei a ter aquela responsabilidade, ter nossos compromissos com a UATI, e contribuiu muito para a pessoa que eu sou hoje”.
CAMÉLIA:	“É um compromisso que a gente tem e isso nos motiva, o dia em que eu venho é um dia especial para a gente. Nos dá motivação, dá sentido, ir pra UATI como todo mundo diz é uma benção, é um dia especial, a UATI é um dos compromissos primordial, nos acalenta, cuida da gente, tudo aqui é voltado para o cuidado, aqui a gente nem se sente idoso, a gente se sente criança.

DÁLIA:	“A maior contribuição é o acolhimento, a gente se sente que tem um braço amigo, a gente se diverte aqui, dança, declama, isso é ótimo, e está em casa sozinha é um drama, está aqui nos ajuda a não está com a cabeça cheia de minhoca, não pensar nos problemas. A UATI eu espaireço a minha mente, fico leve, é uma leveza, eu não tenho palavras para descrever, foi o que me ajudou e está me ajudando”.
LÍRIO:	“Contribuí de maneira total na minha vida, principalmente no estágio atual, meus filhos são muito ocupados, quase a gente não se vê, então, se eu não tivesse a UATI, eu nunca adquiri o hábito de ficar no bar ou jogar dominó. A UATI me preenche é realmente uma válvula de escape maravilhosa”.
TULIPA:	“Eu tenho duas famílias, a primeira é a minha família biológica e a segunda é aqui na UATI. Eu perdi mãe, perdi pai, perdi marido, irmão, fiquei só, meus filhos foram trabalhar fora, vim para aqui na UATI, me encontro com as minhas colegas com minhas amigas, a UATI é a minha vida, meu filho me dá a maior força para vim a UATI, meu filho não tem tempo para mim, e quando eu chego aqui eu rio, eu converso, quando eu chego aqui eu fico bem, muito, muito, muito bem, saiu energizada”.
AÇUCENA:	“É muito importante e nessa nossa idade, ficamos mais sozinhas, aqui é uma família, a gente se encontra aqui, a gente tem prazer de vir para cá, eu tenho 12 anos aqui. A UATI se preocupa com nosso corpo, nossa mente, nosso espírito e isso contribuem muito. Adoro vir para aqui”.
GÉRBERA:	“Tem uma contribuição muito grande porque eu sou praticamente sozinha, a minha convivência é aqui na UATI, tenho muitas colegas e amigas, te amo muitas aqui, fiz amizades fortes, a UATI é tudo para mim, modificou muito”.
JASMIM:	“A maior contribuição é que a UATI é meu porto seguro, qualquer coisa eu escapo pra UATI, é tanto que só falto trazer minha cama para cá. Faço meus exercícios aqui, como aqui, só não faço dormir, minha válvula de escape, não perco tempo não”.
GIRASSOL:	“A UATI foi a melhor coisa que a UNEB fez para os idosos, precisávamos desse espaço para compartilhar a nossa vivência. Tem dia que acordo mal, cheia de dor, mas mesmo assim eu venho para aqui, sabendo que aqui vamos encontrar apoio, vivência, cada um contando a sua história, dando os seus testemunhos, isso eleva a gente pra caramba”.
ORQUÍDEA:	“A maior contribuição foi a alegria do convívio, é muita força que encontramos aqui, podemos vim triste, mas a alegria daqui contagia, é uma família mesmo”.

BROMÉLIA:	“É de enorme importância, eu não tenho lágrimas de tristeza, eu sou muito feliz aqui e aprendi muito mesmo com os meus 85 anos, não há tristeza só benção”.
------------------	---

Fonte: Elaboração Própria (2023)

As narrativas revelam que a UATI traz contribuições significativas para a vida das pessoas idosas entrevistadas, visto que os aspectos mais evidentes se relacionam a melhoria da qualidade de vida, promoção da autonomia e independência, redução do estresse e aumento do bem-estar emocional, construção de amizades, fortalecimento dos laços sociais, troca de conhecimentos e experiências.

Segundo os discursos a UATI torna-se um espaço de cuidado e acolhimento que produz motivações e sentido de vida, considerado uma segunda família para muitas pessoas que a frequenta, além de ser um local que há compartilhamento de vivências, que proporciona um aumento na autoestima, fortalecimento das redes de sociabilidade e melhoria no bem-estar físico e emocional.

A importância que a UATI tem na vida de cada participante é muito evidente e significativa, uma vez que se torna um elemento crucial para promover a socialização, expansão do círculo social, motivação para uma vida ativa e significativa e conseqüentemente a promoção do empoderamento e autônias de idosos e idosas presentes na UATI/UNEB.

Bulla e Kunzler (2005) mencionam a importância das universidades para a terceira idade, pois proporcionam ao idoso o contato com outras gerações, tendo momentos de lazer e de autorrealização. Os autores afirmam que as pessoas que frequentam estas atividades demonstram como é possível alcançar um envelhecimento saudável com autonomia, entusiasmo e disposição, mostrando que a velhice não precisa estar associada ao isolamento e à falta de vontade de viver.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir desse estudo, foi possível observar o impacto das propostas de envelhecimento saudável, por meio da participação em grupos de convivência disponibilizados por Universidades Abertas à Terceira Idade (UATI). Em geral, observa-se melhora na qualidade de vida, ampliação e fortalecimento das redes de sociabilidade maior preocupação em cuidar da própria saúde, menor estresse percebido e menos sintomas de depressão em idosos que participam dos grupos de convivência.

Analisando especificamente a UATI/UNEB, foi possível compreender as percepções dos idosos (as) acerca da sua participação na Universidade Aberta À Terceira Idade, ou seja, o objetivo geral desta pesquisa foi alcançado.

Através desse estudo podemos observar que a UATI desempenha um papel fundamental na vida dos idosos, independentemente de suas percepções sobre a chegada da velhice. Para aqueles que se sentem solitários ou sem preenchimento do tempo livre, a UATI oferece uma oportunidade de socialização, suporte social e interação com outras pessoas da mesma faixa etária. Esse ambiente proporciona um senso de pertencimento, ajuda a combater a solidão e oferece uma rede de apoio emocional. Por outro lado, para aqueles que veem a chegada da terceira idade como uma oportunidade de liberdade e de viverem novas experiências, a UATI se destaca como um espaço que oferece aprendizado, atividades prazerosas e preenchimento do tempo livre. Os idosos podem explorar seus interesses, desenvolver novas habilidades e participar de atividades enriquecedoras que lhes garantem satisfação pessoal.

Desse modo, a UATI assume um papel fundamental na vida dos entrevistados, seja como um espaço de ressocialização e suporte social para combater a solidão, seja como uma oportunidade de aprendizado e preenchimento do tempo livre para aproveitar a liberdade conquistada na terceira idade. A UATI contribui para que os idosos encontrem significado, propósito e qualidade de vida nessa fase da vida, proporcionando oportunidades de vida ativa e realização pessoal.

Em relação ao primeiro objetivo específico, isto é, analisar os efeitos das atividades desenvolvidas através da UATI/UNEB na ampliação das relações sociais, na vida cultural e de lazer dos idosos, identificou-se que a interação com os professores e colegas da UATI foi também referenciada como geradoras de laços afetivos sólidos, fortalecimento das redes de sociabilidade proporcionando assim a construção de amizades e companheirismo. A sensação de utilidade e pertencimento, as trocas intergeracionais carregadas de aprendizados, a prática de atividades aprazíveis, os momentos de socialização e lazer, entre outros, agradam e atendem às expectativas dos alunos em suas singularidades e demandas específicas.

O segundo objetivo específico buscou compreender as expectativas dos participantes do programa quanto à importância da UATI para sua sociabilidade. Desse modo, a pesquisa apontou

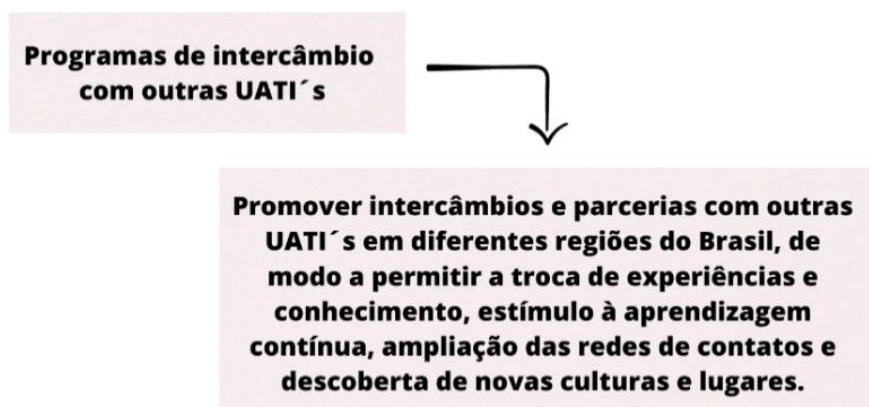
que o programa UATI tem atendido às expectativas dos participantes, expectativas essas expressadas no aumento da qualidade de vida, no desejo da ampliação e fortalecimento das relações sociais, na busca do conhecimento, no refreamento da solidão/isolamento, no combate ao preconceito em relação à terceira idade e da prática de atividades saudáveis, garantindo assim um bem-estar físico e emocional.

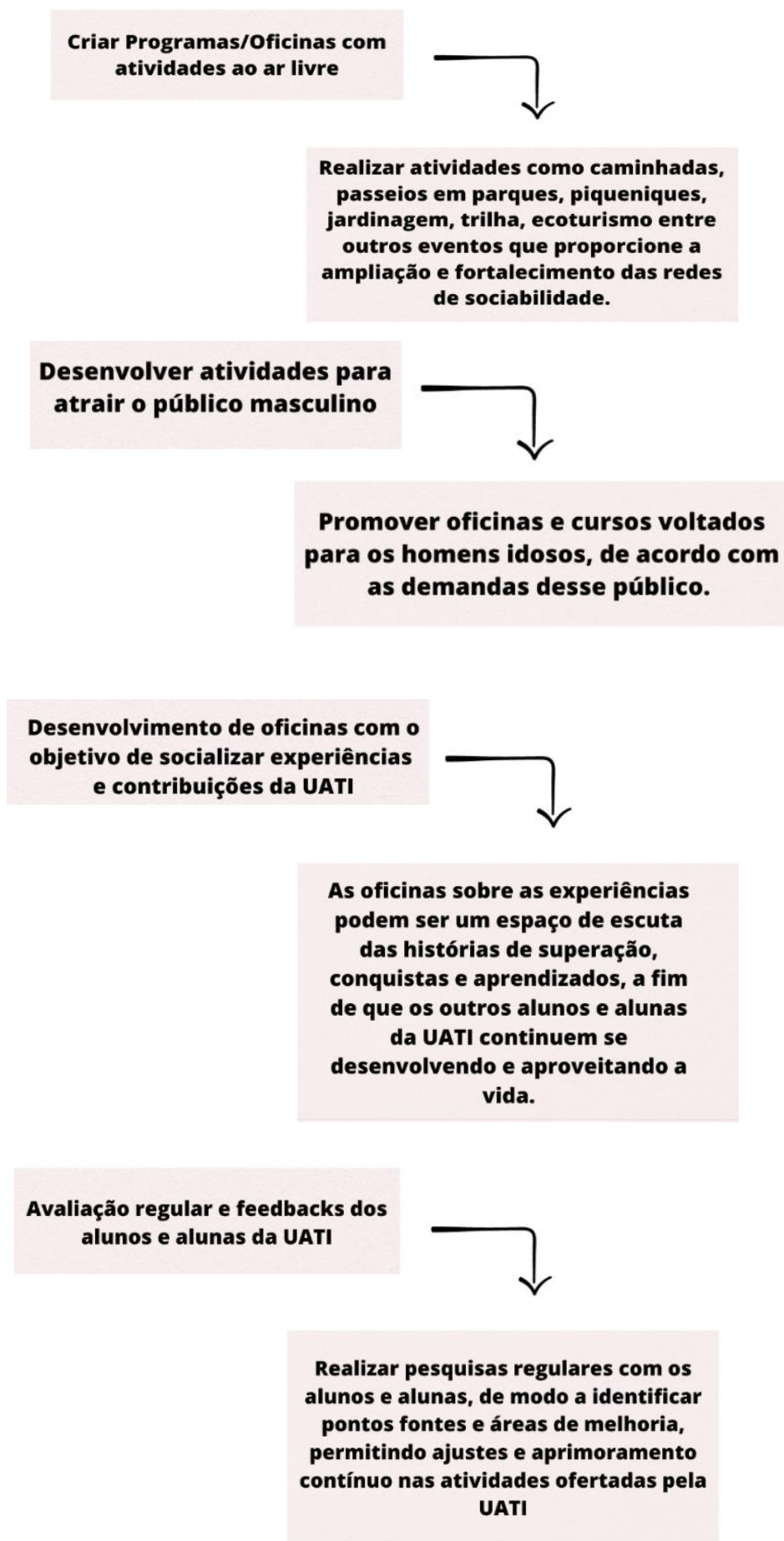
A partir desse estudo, foi possível observar que os grupos de convivência na UATI/UNEB representam uma importante ferramenta para promover o envelhecimento saudável e melhorar a qualidade de vida dos idosos. Ao proporcionar um ambiente socialmente rico, oportunidades de integração e suporte mútuo, esses grupos oferecem aos idosos a chance de viver uma vida plena, feliz e engajada. A participação em grupos de convivência representa uma oportunidade para os idosos voltarem a se envolver socialmente, uma vez que o envelhecimento muitas vezes está associado ao isolamento e à solidão. Além disso, esses grupos oferecem aos idosos a chance de sair de casa e participar de projetos coletivos, fortalecendo sua autonomia e abrindo novas possibilidades para novos projetos de vida.

Através da pesquisa, foi possível perceber os próprios idosos (as) reconhecem a UATI, como um espaço para o fortalecimento da autoconfiança, do autoconhecimento e da autonomia e das redes de sociabilidade, além propiciar aprendizagem e interação social, contribuindo assim para o processo de envelhecimento mais ativo e saudável.

Desse modo, respondendo ao terceiro objetivo específico, segue abaixo um roteiro de sugestões práticas, que também se configura como produto desta pesquisa, baseado nos resultados obtidos, para o fortalecimento e ampliação de laços sociais na UATI/UNEB, campus I:

Figura 1 - Roteiro de sugestões para o crescimento e fortalecimento da UATI





Portanto, esse trabalho evidencia as contribuições valiosas da UATI para o crescimento e fortalecimento dos idosos, uma vez que através das dinâmicas de sociabilidade, suporte social, aprendizado contínuo e preenchimento do tempo livre, a UATI desempenha um papel fundamental em tornar o processo de envelhecimento bem-sucedido e digno. Espera-se que esse programa continue sendo um espaço de inclusão e valorização dos idosos, reconhecendo sua sabedoria, seu protagonismo e contribuições para a sociedade promovendo uma visão positiva do envelhecimento, fortalecendo as relações sociais e ampliando as redes de sociabilidade.

REFERÊNCIAS

- _____. **Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003.** Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. Brasília: Congresso Nacional, 2003.
- _____. **Lei nº 8.842, de 4 de janeiro de 1994.** Dispõe sobre a Política Nacional do Idoso, cria o Conselho Nacional do Idoso e dá outras providências. Brasília: Congresso Nacional, 1994.
- _____. **Política Nacional de Extensão Universitária.** Bahia: PROEX, 2022.
- _____; G. G. **A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento.** 1. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2012.
- _____. Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, p. 1, 3 out. 2003.
- ADDAD, E. G. M. **A ideologia da velhice.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 2016.
- ARNET, Yadira Fernandez et al. Reflexões sobre o envelhecimento: contribuições da universidade aberta como estratégia de promoção da saúde. **Serviço Social em Revista**, v. 24, n. 1, p. 331-348, 2021.
- ARRUDA, I. E. A. Reflexões sobre o idoso e o programa Universidade da Terceira Idade. **Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano**, Passo Fundo, v. 4, n. 2, p. 94-113, jul. /Dez. 2007. Disponível em: < <http://seer.upf.br/index.php/rbceh/article/view/134/106>>.
- BAHIA. **Lei nº 12.925 de 17 de dezembro de 2013.** Dispõe sobre a Política Estadual da Pessoa Idosa e dá outras providências. Bahia: Palácio do Governo do Estado da Bahia, 2013.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BEAUVOIR, S. **A velhice** Tradução de Maria Helena Franco Monteiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BEAUVOIR, S. L. E. M. B. (1990). *A velhice.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília: Senado Federal, 1988.
- CACHIONI, M. Universidade da terceira idade: das origens à experiência brasileira. In: NERI, A. L.; DEBERT, G. G. (Org.). *Velhice e sociedade.* Campinas: Papirus, 1999. p. 141-178.
- CACHIONI, M. & Batistoni, S.S.T. (2012, dezembro). Bem-estar subjetivo e psicológico na velhice sob a perspectiva do conviver e do aprender. *Revista Temática Kairós Gerontologia*, 15(7), 09-22. Online ISSN 2176-901X.
- CACHIONI, Meire; DE LIMA FLAUZINO, Karina. Ensino e aprendizagem para o envelhecimento no contexto da universidade. **Revista Kairós-Gerontologia**, v. 23, p. 17-24, 2020.
- CALDAS, C. P.; THOMAZ, A. F. A velhice no olhar do outro: uma perspectiva do jovem sobre o que é ser velho. **Revista Kairós Gerontologia**, São Paulo, v. 13, n.2, p. 75-89, nov. 2010. Disponível em: < <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/5367>>.
- CASTILHO, Juliana Araújo et al. Desafios do envelhecimento e a participação na universidade aberta à terceira idade: percepção de idosos. **Revista Baiana de Enfermagem**, v. 34, 2020.

DA CRUZ, Tarcísio Carvalho. A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA VELHICE: UM OLHAR SOBRE AS VELHAS APOSENTADAS DA UATI—CAMPUS II. **Seminário Interlinhas**, v. 7, n. 2, p. 279-288, 2019.

DA SILVA, Iêda Fátima. OS SABERES COMÊ DISPOSITIVO DE FORMAÇÃO DE IDENTIDADE E REEXISTÊNCIA DAS PESSOAS IDOSAS NO AMBITO DA UNIVERSIDADE ABERTA A TERCEIRA IDADE- (UATI/UNEB). **Seminário Interlinhas**, v. 9, n. 1 e 2, p. 649-668, 2021.

DEBERT, G. G. A construção e a reconstrução da velhice: família, classe social e etnicidade. In: NERI, A. L.; DEBERT, G. G. (Org.). **Velhice e sociedade**. Campinas: Papirus, 1999.

DORONIN, Juliana de Aquino Fonseca et al. A velhice e a produção contemporânea de subjetividades: experiências universitárias e educação aberta. 2021.

FERREIRA, Ana Vitória Lima et al. O envelhe (s) er na voz de quem o vivencia: narrativas de participantes de um Programa UATI no semiárido baiano. **Concilium**, v. 22, n. 1, p. 291-302, 2022.

FREIRE, PATRICIA ADRIANA SILVA et al. O PROGRAMA UNIVERSIDADE ABERTA À TERCEIRA IDADE E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA CIDADANIA DO IDOSO. **Seminário Nacional e Seminário Internacional Políticas Públicas, Gestão e Práxis Educacional**, v. 7, n. 7, 2019.

GOFFMAN, E. (2010), *Comportamento em lugares públicos* Petrópolis, Vozes.

GOMES, L.; LOURES, M. C.; ALENCAR, J. Universidades abertas da terceira idade. *História da Educação (UFPEL)*, Pelotas, v. 17, p. 119-135, 2005.

IBGE, INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Projeções da** IRIGARAY, T. Q.; SCHNEIDER, R. H. Participação de idosas em uma universidade da terceira idade: motivos e mudanças ocorridas. *Psicologia: teoria e pesquisa*, v. 24, n. 2, p. 211-216, 2008. (On-line).

Lei no 8.842, de 4 de janeiro de 1994. Dispõe sobre a Política Nacional do Idoso, cria o Conselho Nacional do Idoso e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, p. 77, 5 jan.1994.

LIMA, M. A. A gestão da experiência de envelhecer em um programa para a TerceiraIdade: a UnATI/UERJ. **Textos sobre Envelhecimento**, v. 2, n. 2, 56 p., 1999.

LOBATO, A. T. G. Programa de ações de participação social e cidadania com idosos da UNATI/UERJ: uma proposta educativa do serviço social. In: TONI, I. M.; VIEIRA, C. M. S. S.; D'ALENCAR, R. S. (Org.). *Dossiê: experiências de educação para velhice – universidades abertas à terceira idade*. Ilhéus: Editus, 2004. p. 35-61.

MAZO, G. Z. et al. Do diagnóstico à ação: grupo de estudos da terceira idade: alternativa para a promoção do envelhecimento ativo. *Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde*, v. 14, n. 1, p. 65-70, 2009.

MINAYO, M. C. S. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 23. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

MONTEIRO, Yohana Tôres. O " forró dos velhos" e as reconfigurações do lazer em tempos de pandemia: um estudo sobre o gênero, velhice e sociabilidade. 2021.

OLIVEIRA, R. C. S.; OLIVEIRA, F. S.; SCORTEGAGNA, P. A. Universidades abertas para a terceira idade: a construção de saberes para um novo olhar sobre a velhice. In: TONI, I. M.; VIEIRA, C. M. S. S.; D'ALENCAR, R. S. (Org.). Dossiê: experiências de educação para velhice – universidades abertas à terceira idade. Ilhéus: Editus, 2004. p. 101-136.

OMS – ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. Envelhecimento ativo: uma política de saúde. Tradução de Suzana Gontijo. Brasília: Opas/OMS, 2005. Disponível em: Acesso em: 26 jul. 2014.

OMS, ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. Relatório Mundial de Envelhecimento e Saúde de 2015. Disponível em: PACHECO, J. L. As universidades abertas à terceira idade como espaço de convivência entre gerações. In: SIMSON, O. R. M. V.; NERI, A. L.; CACHIONI, M. (Org.). As múltiplas faces da velhice no Brasil. Campinas: Alínea, 2003.

PALMA, L. T. S. Educação permanente e qualidade de vida – indicativos para uma velhice bem-sucedida. Passo Fundo: Editora UPF, 2000. p. 51-89.

PEREIRA, Mario César da Silva. A face (des) conhecida do idoso na Universidade Aberta da Terceira Idade da Unicentro. Revista Kairós, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 193-204, 2003.

RAMOS, Vania. Velhas e velhos conquistam espaços nas universidades de São Paulo: política, sociabilidade e educação. 2008. 254 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

RODRIGUES, N. da C. Políticas públicas em relação ao idoso. In: HERÉDIA, V. B. M.; DE LORENZI, D. R. S.; FERLA, A. A. (Org.). Envelhecimento, saúde e políticas públicas. Caxias do Sul: Educs, 2007. p. 147-156.

SANTOS, Wilka Barbosa dos et al. Encontros e despedidas: o “envelhecimento ativo” a partir das práticas de mulheres idosas em João Pessoa. 2021.

SIMMEL, G. sociabilidade: um exemplo de sociologia pura ou formal. In: Moraes Filho, E. Sociologia. São Paulo: Ática, 1983.

Teixeira INDAO, Neri AL. Envelhecimento bem-sucedido: uma meta no curso da vida. Psicologia USP 2008;19(1):81-94

THAINES, Alessandra. A memória afetiva com a prática da sociabilidade em grupos terapêuticos para obter um envelhecimento ativo. 2022.

Universidade da terceira idade: história e pesquisa. Revista Kairós Gerontologia, v. 15, n. 7, p. 1-8, dez. 2012. DEBERT, G. G. A reinvenção da velhice. São Paulo: Edusp; Fapesp, 1999.

WICHMANN, Francisca Maria Assman et al. Grupos de convivência como suporte ao idoso na melhoria da saúde. Revista Brasileira de Geriatria, Rio de Janeiro, jan. 2013, v. 16, n. 04, p.821-832.

APÊNDICES

APÊNDICE A- Entrevista Semiestruturada**QUESTIONÁRIO PERFIL SOCIOECONÔMICO****Nome:****Idade:****Sexo:****Escolaridade:****Profissão:****Há quanto tempo frequenta a UATI:****Aposentado (a):** Sim () Não ()**Estado civil:** Solteira (o) () Casada (o) () Viúva (o) () União Estável () Separada (o)/divorciada (o)/desquitado (a) ()**Cor/Raça:** Branco (a) () Preto(a) () Amarelo(a) () Indígena(a) () Pardo(a) ()**Composição Familiar: Quantas pessoas residem com você?**

Nenhuma () 1 () 2 () 3 () 4 () 5 () 6 () 7 ou mais ()

APÊNDICE B- Roteiro Entrevista Semiestruturada

- 1-Quais as motivações que te levam a vir a UATI?
- 2-Como a UATI favorece o seu relacionamento com as outras pessoas?
- 3-Quais as contribuições da UATI para o seu bem-estar?
- 4-Quais são os sentimentos que tem quando não consegue vir a UATI?
- 5-Você possui vivências com os demais colegas da UATI para além do espaço da UNEB?
- 6-Houve alguma mudança/benefício em sua vida pelo fato de estar participando da UATI. Em caso positivo. Relate:
- 7- Com quem você conta nos momentos de dificuldades, privações e rupturas? E a UATI atua como rede de apoio/suporte? De que forma?
- 8-Como se estabelece os vínculos com os professores/monitores?
- 9-Qual a importância que a UATI tem na sua vida?

APÊNDICE C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Título da pesquisa: Repercussões da Universidade Aberta à Terceira Idade/UNEB na vida dos idosos: uma análise a partir da percepção dos participantes

Pesquisadora responsável: Cibele Ribeiro Pereira

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Carla Liane Nascimento dos Santos

Instituição: Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB

Local de realização da pesquisa: Universidade Aberta à Terceira Idade (UATI) da Universidade Estadual da Bahia-UNEB

Prezado (a) Senhor (a):

Você está sendo convidado (a) a participar, como voluntário (a), da pesquisa Repercussões da Universidade Aberta à Terceira Idade/UNEB na vida dos idosos: uma análise a partir das percepções e narrativas dos participantes.

Esta pesquisa se justifica pela necessidade de se fazer um estudo mais aprofundado sobre as atividades desenvolvidas pela Universidade Aberta à Terceira Idade da Universidade Estadual da Bahia e tem como objetivo principal: compreender as percepções dos idosos (as) acerca dos desafios do envelhecimento e sua participação na Universidade Aberta À Terceira Idade na UNEB, no campus I. Para participar desse estudo, faz-se importante se mostrar disponível para conversar com a pesquisadora sobre sua experiência com a Universidade Aberta À Terceira Idade.

Fica assegurado seu direito de solicitar mais esclarecimento da pesquisa, assim como recusar a participação ou desistir de participar a qualquer momento. Sua identidade será tratada com sigilo, sendo seu nome divulgado ficticiamente.

Declaro ter conhecimento e compreendido os objetivos da pesquisa, sob a orientação da Prof.^a. Dr.^a. Carla Liane Nascimento dos Santos da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Autorizo sua utilização e reprodução para os efeitos do estudo e em artigos e trabalhos que venham a divulgá-lo, com a preservação do sigilo da minha identidade pessoal.

ASSINATURA

Pesquisadora: Liane Moreira Leite Costa
Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade do Estado Bahia
Contato: (71)997258170 E-mail: lianeleite9@gmail.com